

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

SABADOYLE: uma academia literária alternativa?

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC para obtenção do grau de Mestre em Bens Culturais e Projetos Sociais

Rosângela Florido Rangel
Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2008

Rangel, Rosângela Florido

Sabadoyle: uma academia literária alternativa? / Rosângela Florido Rangel. – 2008.

140 f.

Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientadora: Marieta de Moraes Ferreira.

Inclui bibliografia.

1. Sabadoyle. 2. Doyle, Plínio, 1906-2000. 3. Rio de Janeiro (RJ) – Vida intelectual. I. Ferreira, Marieta de Moraes. II. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 301.445098153

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE
HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC)
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONALIZANTE EM BENS CULTURAIS E PROJETOS SOCIAIS

SABADOYLE: uma academia literária alternativa?

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APRESENTADO POR
ROSÂNGELA FLORIDO RANGEL

E APROVADA EM _____
PELA BANCA EXAMINADORA

PROFESSORA Dr^a CÉLIA MARIA LEITE COSTA

PROFESSORA Dr^a LUCIA MARIA LIPPI OLIVEIRA

PROFESSORA Dr^a MARIETA DE MORAES FERREIRA (ORIENTADORA)

DEDICATÓRIA

À Plínio Doyle (In memorian)
Ao meu pai Sebastião Sepulveda Rangel (In memorian)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar os agradecimentos por Marieta de Moraes Ferreira que orientou e incentivou todo o processo de execução deste trabalho;

À todos os professores do curso, e, em especial, às professoras da banca de qualificação Lúcia Lippi Oliveira e Célia Maria Costa, pelas sugestões enriquecedoras recebidas naquela época;

Às amigas Laura Regina Xavier e Leila Estephanio de Moura, pelo afeto e amizade compartilhados durante o mestrado;

À Rosely Curi Rondinelli, por sua ajuda na revisão de todo o texto, bem como pela amizade e conforto emocional;

À Ana Lúcia Campbell, pela ajuda com o abstract;

Aos diretores da FCRB, que tornaram possível a realização deste mestrado;

À Eliane Vasconcellos, chefe do AMLB, pelas informações esclarecedoras sobre os sabadoyleanos;

À Ivete Maria Savelli, pelas contribuições na elaboração do texto;

À Dilza Ramos Bastos, pela orientação com as referências bibliográficas e citações;

Aos colegas do AMLB, em especial Gláuber Andrade Cruz e Marci Rodrigues Innecco, pela digitalização dos anexos e ajuda com a formatação dos textos e tabelas, respectivamente;

Aos funcionários da Sala de Consultas da FCRB, pela presteza no atendimento;

Aos funcionários do CPDOC e da EBAPE – FGV, pelo apoio administrativo;

À Sônia Doyle, pelo entusiasmo com o meu estudo do Sabadoyle;

À Gilberto Mendonça Teles e Maximiano de Carvalho e Silva, por informações valiosas sobre às participações de ambos nas reuniões do grupo;

À minha mãe Araci Florido Rangel pelo amor incondicional;

Ao meu esposo, Alexandre Kahl de Miranda, pela paciência e apoio incondicionais nesses últimos dois anos;

Àqueles que, talvez por um lapso, não tenham sido citados nominalmente.

SUMÁRIO

Introdução	11
Capítulo 1 - A trajetória de Plínio Doyle	14
1.1 Os anos de formação	14
1.2 Os anos de 1920 e a influência da Academia Brasileira de Letras	15
1.3 Os anos de 1930 e o debate intelectual	20
1.4 O ministério de Gustavo Capanema	21
1.5 A livraria José Olímpio Editora – um espaço de sociabilidade	22
1.6 O interesse pelos livros	27
1.7 A formação da sua biblioteca	28
1.8 O arquivo de Plínio Doyle	29
1.9 As relações com a Fundação Casa de Rui Barbosa	30
1.10 O exercício de outras funções – os anos de 1980	32
1.11 Os escritos do bibliófilo	34
Capítulo 2 – Em certa casa da rua Barão de Jaguaribe, 62	36
2.1 O começo de tudo	36
2.2 A dinâmica das reuniões	39
2.3 Os sabadoyleanos	41
2.4 O fim do sabadoyle	51
Capítulo 3 – Registros documentais do Sabadoyle: depoimentos escritos e atas	54
3.1 Os depoimentos escritos	54
3.2 As atas	57
Considerações finais	67
Referências arquivísticas e bibliográficas	71
Anexos	82
Imagens	141

RESUMO

SABADOYLE: uma academia literária alternativa?

Rio de Janeiro: CPDOC/PPGHPB/FGV, 2008. Dissertação

A presente dissertação se propõe, fundamentalmente, a refletir sobre a identidade de um grupo literário, denominado sabadoyle, que existiu entre os anos de 1964 e 1998. Para tanto recorreremos, basicamente, aos depoimentos escritos e às atas que integram o arquivo privado pessoal de um de seus mentores, Plínio Doyle, sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira-AMLB, da Fundação Casa de Rui Barbosa-FCRB. O trabalho em questão parte do pressuposto de que os arquivos privados pessoais se constituem em importantes fontes de pesquisa, principalmente quando se registra, como no caso do sabadoyle, a quase ausência de fontes secundárias sobre um determinado tema.

Palavras-chave: arquivo privado pessoal; atas; academia literária.

ABSTRACT

Sabadoyle: an alternative literary academy?

This dissertation aims at reflecting about the identity of a literary group, called “sabadoyle,” which met regularly between 1964 and 1988, in Rio de Janeiro. For that purpose, I basically examined its members’s written statements and its meetings’ minutes, which are in Plínio Doyle’s personal archives at Arquivo-Museu de Literatura Brasileira-AMLB, a department of Fundação Casa de Rui Barbosa-FCRB. The present text shows that personal archives are important research resources, especially when, as it is the case of the sabadoyle group, there is a lack of secondary sources.

Key-words: personal private archives, atas, literary academy.

SIGLAS

AAL – Academia Alagoana de Letras
ABEGO – Associação Brasileira de Escritores de Goiás
ABF – Academia Brasileira de Filologia
ABL – Academia Brasileira de Letras
ABLIJ – Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil
ABRL – Academia Brasiliense de Letras
ACL – Academia Carioca de Letras
AEPG – Associação de Escritores Profissionais da Guanabara
AFL – Academia Fluminense de Letras
AGL – Academia Guanabareense de Letras
AGL – Academia Goiana de Letras
ALBL – Academia Luso-Brasileira de Letras
ALI – Academia de Letras de Ilhéus
ALRJ – Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro
AML – Academia Mineira de Letras
ANLIJ – Academia Nacional de Literatura Infantil e Juvenil
APBL – Academia Paraibana de Letras
APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte
FALB – Federação das Academias de Letras do Brasil
IGHBA – Instituto Geográfico e Histórico da Bahia
IHGB – Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IHGAL – Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas
IHGGO – Instituto Histórico e Geográfico de Goiás
IHGRJ – Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro
IHP – Instituto Histórico de Petrópolis
IHGPB – Instituto Histórico e Geográfico Paraibano
OVJ – Ordem dos Velhos Jornalistas
PEN Clube – Pen Clube do Brasil
SEERJ – Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro
SERJ – Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro
UBE – União Brasileira de Escritores

ANEXOS

1	Cronologia de Plínio Doyle	82
2	Poema Sabadoyle II, de Raul Bopp	84
3	Biografia coletiva do grupo 1	90
4	Quadro geral do grupo 1	114
5	Biografia coletiva do grupo 2	116
6	Quadro geral do grupo 2	124
7	Depoimento de Carlos Drummond de Andrade	126
8	Depoimento de Américo Lacombe	128
9	Ata de Carlos Drummond de Andrade de 28 dez. 1974	129
10	Ata de Alphonsus de Guimaraens Filho de 13 nov. 1982	132
11	Ata de Carlos Drummond de Andrade de dez. 1984	133

TABELAS

1. Origem regional do grupo 1	42
2. Geração do grupo 1	43
3. Formação do grupo 1	44
4. Atividade literária e artística no grupo 1	45
5. Idade inicial no Sabadoyle do grupo 1	46
6. Falecimentos no grupo 1	47
7. Origem regional do grupo 2	47
8. Geração do grupo 2	48
9. Formação do grupo 2	48
10. Atividade literária e artística no grupo 2	49
11. Idade inicial no Sabadoyle do grupo 2	50
12. Quadro comparativo dos grupos 1 e 2	70

IMAGENS

1. Família de Plínio Doyle com Carlos Drummond 141
Fonte: Arquivo Plínio Doyle (FCRB/AMLB)
2. Reunião do Sadoyle na rua Barão de Jaguaribe, 62 142
Fonte: Arquivo Plínio Doyle (FCRB/AMLB)
3. Alphonsus de Guimaraens Filho, Carlos Drummond de
Andrade e Plínio Doyle 143
Fonte: Arquivo Plínio Doyle (FCRB/AMLB)
4. Reunião do Sadoyle na Av. Epitácio Pessoa, 344 144
Fonte: Arquivo Plínio Doyle (FCRB/AMLB)
5. Plínio Doyle com as Atas do Sadoyle 145
Fonte: Arquivo Plínio Doyle (FCRB/AMLB)

INTRODUÇÃO

Segundo Antenor Nascente o termo academia vem de “Academos, nome do criador do parque onde Platão reunia seus discípulos...”. O termo teria “... reaparecido na Renascença com o significado de agremiação literária e depois científica, artística ou cultural” (Nascente, 1972, v.1 p.28-29).

Com base nessa definição, entendemos que o sabadoyle se configura como uma academia, já que se tratava de uma agremiação voltada para a literatura. Resta saber em que moldes se apresenta essa agremiação, qual a sua origem, quais as suas características, quem são seus frequentadores, que elo os une, enfim, o que é o sabadoyle?

A quase ausência de fontes secundárias sobre o tema, o ineditismo do mesmo no âmbito acadêmico, bem como a proximidade com as fontes primárias existentes no arquivo de Plínio Doyle, um dos acervos sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – AMLB, da Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB, instituição na qual atuamos, justifica nossa intenção de elaborar essa dissertação no mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais do CPDOC/FGV.

A proposta de refletir sobre a identidade de um grupo que esteve reunido por três décadas entorno da literatura, sobre a construção de uma memória coletiva, bem como de estabelecer uma aliança entre o fazer arquivístico e os estudos das ciências sociais, constituem os objetivos dessa pesquisa.

A metodologia na qual nos baseamos para alcançar os objetivos propostos, constou de pesquisa em fontes secundárias, visando contextualizar o sabadoyle no âmbito da história e da literatura, e em fontes primárias as quais se constituíram, fundamentalmente, dos depoimentos escritos e das atas redigidas pelos sabadoyleanos.

Conforme dissemos anteriormente, essas fontes primárias constituem o arquivo de Plínio Doyle.

Segundo Xavier (2008, p.11) “...os arquivos privados pessoais, por sua própria natureza, se constituem em fontes substanciosas de informações que subsidiam as mais variadas pesquisas e os mais variados produtos.” A mesma autora chama a atenção para o fato de que em tempos antigos e medievais os documentos pessoais de membros da alta administração muitas vezes se misturavam aos documentos públicos. A separação só viria a acontecer na Idade Moderna, com a institucionalização do Estado.

Essa informação nos interessa na medida em que percebemos a mesma situação de simbiose entre um arquivo institucional, ou seja, o do sabadoyle, e o do seu principal mentor, o bibliófilo Plínio Doyle. Para melhor explicitarmos essa questão precisamos apresentar o conceito de arquivo.

Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2006: 27) arquivo é o “conjunto de documentos produzidos e acumulados por uma entidade coletiva, pública ou privada, pessoa ou família, no desempenho de suas atividades, independente da natureza dos suportes.”

Um outro conceito encontrado no referido dicionário é o de fundo: “Conjunto de documentos de uma mesma proveniência. Termo que equivale a arquivo” (2006: 97)

Com base nesses conceitos concluímos que os depoimentos e atas do sabadoyle se constituem, sem dúvida, em fundo ou arquivo dessa mesma entidade. Entretanto, num exemplo contundente da linha tênue que muitas vezes se interpõe entre o público e o privado, entre o indivíduo e a instituição, os documentos acima referidos encontram-se no arquivo pessoal de Doyle, ou seja, acabaram por se confundir com os papéis do anfitrião da agremiação.

Os depoimentos escritos e as atas do sabadoyle registram um total de 1.768 reuniões realizadas entre o ano de sua fundação, 1964, e o da sua extinção, 1998. Por meio desses documentos pretendemos abordar a rede de sociabilidade ali estabelecida, o perfil dos participantes, vistos pela imprensa da época como acadêmicos sem fardão, o pensamento dos intelectuais brasileiros que acorriam à residência de Plínio nas tardes de sábado para as reuniões que acabaram por denominar de sabadoyle conforme registrado em ata de 12 de maio de 1973:

As reuniões do sabadoyle receberam dos próprios freqüentadores os mais variados nomes, tais como “charlas sabatinas” – de Carlos Drummond de Andrade, “suave convívio” – do simbolista Andrade Murici, “culto da boa conversa” – de Plínio e “cordialidade” – de Pedro Nava entre muitos outros, mas o nome que pegou mesmo foi “sabadoyle” – do poeta Raul Bopp. Após ter sido batizada de sabadoyle, coube a Pedro Nava conceituar, de modo preciso, as reuniões do grupo. Diria ele que o sabadoyle é “apenas um grupo de pessoas que se estimam, que querem se ver, trocar informações, bulir em papelada velha e falar de tudo – até de literatura. (Nava, 1975: 289-291)

Para estudarmos pois o sabadoyle, estruturamos nossa pesquisa em três capítulos.

No capítulo 1, intitulado **A trajetória de Plínio Doyle**, apresentamos uma biografia do anfitrião do sabadoyle distribuída pelos itens: “Os anos de formação”; “Os anos de 1920 e a influência da Academia Brasileira de Letras”; “Os anos de 1930 e o debate intelectual”; “O ministério de Gustavo Capanema”; “A Livraria José Olímpio Editora – um espaço de sociabilidade”; “O interesse pelos livros”; “A formação da sua biblioteca”; “O arquivo de Plínio Doyle”; “As relações com a Fundação Casa de Rui Barbosa”; “O exercício de outras funções – os anos de 1980” e “Os escritos do bibliófilo”.

No capítulo 2 **Em certa casa da rua Barão de Jaguaribe, 62**, elaboramos um histórico do sabadoyle e apresentamos um perfil dos seus participantes mais assíduos. O capítulo apresenta os seguintes itens: “O começo de tudo”; “A dinâmica das reuniões”; “Os sabadoyleanos” (com uma biografia coletiva dos grupos) e “O fim do sabadoyle”.

No capítulo 3, intitulado **Registros documentais do sabadoyle: depoimentos escritos e atas** apresentamos uma análise dos registros documentais nos quais nos baseamos para a construção da nossa dissertação. Nesse capítulo os itens são: “Os depoimentos escritos” e “As atas”.

Nas considerações finais apresentamos o resultado de nossa pesquisa com base no quadro comparativo elaborado no Capítulo 2.

A dissertação inclui anexos e ilustrações fotográficas.

CAPÍTULO 1 – A TRAJETÓRIA DE PLÍNIO DOYLE

1.1 Os anos de formação

Plínio Doyle Silva nasceu no dia primeiro de outubro de 1906, na cidade do Rio de Janeiro. Foi o caçula de uma família com muitos filhos, nove ao todo. Seu pai, Leopoldo Doyle Silva (16/6/1867–10/10/1930), foi professor de matemática no Instituto Nacional dos Surdos-Mudos e trabalhou no Serviço de Recenseamento¹, equivalente ao IBGE de hoje. Sua mãe, Serafina Doyle Silva (16/9/1863 –5/5/1934), foi professora municipal e diretora de escola. Seus irmãos foram Almansor (advogado), Olavo (médico), Ernâni (advogado), Nair (professora), Nestor (médico), Hermengarda (professora), Zuleima e Murilo, sendo que estes dois últimos faleceram ainda pequenos.

Estudou em casa, com seus pais, o ensino básico. Cursou o secundário no Colégio Resende, que existiu em Botafogo, onde teve como professores João Ribeiro, Carlos de Laet, Silva Ramos, e Lafaiete Rodrigues Pereira. Para ingressar na faculdade, naquela época, era preciso prestar um exame, muito rigoroso, com banca do Colégio Pedro II.² Com duas reprovações nessa banca, seus pais o matricularam no Colégio Ateneu São Luís, para fazer os estudos preparatórios. Um dos seus professores nesta escola, Francisco Venâncio Filho,³ ministrou-lhe aulas particulares em sua livraria, situada à rua São José. Entre uma aula e outra, percorria as livrarias, sendo a primeira a Livraria Quaresma. No colégio Ateneu, Doyle conheceu Américo Lacombe,⁴ que se tornaria seu amigo por toda a vida, e que também participaria do núcleo fundador do *sabadoyle*. Ingressou na faculdade de direito em 1927, concluindo o curso em 1931.

Com o falecimento de seu pai, ocorrido no dia 10 de outubro de 1930, Plínio Doyle mudou-se para a cidade de Niterói, com a mãe e com a irmã Hermengarda. Os irmãos mais velhos, todos casados, já não moravam com eles. Essa mudança ocorreu para que sua mãe recebesse tratamento médico do seu irmão Olavo. Entretanto, todos os esforços não foram

¹ Nomeado amanuense da Diretoria Geral de Estatística, aos 25 de janeiro de 1889, pelo ministro Aristides da Silveira Lobo.

² Informações sobre o processo de seleção para a faculdade, na década de 1920, podem ser encontradas em *Lacombe, narrador*, p.22, de Isabel Lustosa.

³ Proprietário da Livraria Acadêmica em sociedade com Carlos Sussekind de Mendonça.

⁴ Américo Lourenço Jacobina Lacombe – RJ 7/7/1909 a RJ 7/4/1993. Filho de Domingos Lourenço Lacombe e Isabel Jacobina Lacombe.

suficientes, pois a senhora faleceu no dia 5 de maio de 1934. Assim, em curto espaço de tempo, sua família foi reduzida a seus irmãos e à sua noiva,⁵ que conheceu em Niterói e com a qual se casou em 1934. O casal teve uma única filha, Sônia Ângelo Doyle.

Em resumo, podemos dizer que, no âmbito familiar, na década de 1930, a vida de Doyle foi marcada pela perda dos pais e pelo início de uma duradoura parceria com sua esposa Esmeralda. Já no âmbito profissional, o período registra o início de longa e produtiva carreira nos tribunais de justiça do Rio de Janeiro.

1.2 Os anos de 1920 e a influência da Academia Brasileira de Letras

O conhecimento do ambiente cultural e político da década de 1920 é importante para que se possa entender a biblioteca de Plínio Doyle bem como seu gosto pelos acontecimentos que marcaram a cidade do Rio de Janeiro, na qual viveu toda sua vida. Os dois acontecimentos marcantes dos anos de 1920 foram a Primeira Guerra Mundial e o surto da gripe espanhola. A cidade acompanhou por meio dos periódicos⁶ da época o desenrolar da guerra, mobilizando opiniões da população carioca.

Na esfera política, a revolta tenentista do Forte de Copacabana, em julho de 1922, orquestrada pelos jovens oficiais do Exército, que se manifestavam contra a posse do presidente eleito, Artur Bernardes, motivou a saída da família Doyle da cidade, por uns tempos, em direção ao distrito de Correias, na região serrana do estado, até que cessassem os combates nas ruas do bairro de Copacabana.

Ainda em 1922, o Rio de Janeiro seria o cenário das comemorações do Centenário da Independência, com uma grande exposição internacional, e muitas obras em andamento na cidade, como a construção do hotel Glória, para receber os visitantes.

Ocorreu nessa época o desmonte do morro do Castelo, cujos entulhos foram utilizados no aterro do bairro da Glória e adjacências. Na área do antigo morro, obedecendo ao plano urbanístico do arquiteto e paisagista francês Alfredo Agache, surgiu o novo centro comercial e administrativo da cidade do Rio de Janeiro.

⁵ Esmeralda Ângelo, filha de Sílvio Ângelo e de Isabel Ângelo.

⁶ *A Noite* – jornal carioca diário e vespertino, fundado em 18/6/1911 e extinto em 27/12/1957 e *O País* – jornal carioca fundado em 1/10/1884 por João José dos Reis Júnior, que encerrou definitivamente suas atividades em 18/11/1934.

Plínio Doyle costumava acompanhar seu pai ao centro da cidade e em várias ocasiões presenciou grandes manifestações populares, como o sepultamento do cronista Paulo Barreto⁷ (26/6/1921), cujo corpo saiu da sede do jornal *A Pátria*,⁸ e o enterro de Rui Barbosa⁹ (4/3/1923), que teve seu corpo velado no saguão da Biblioteca Nacional. Em ambos acontecimentos houve enorme comoção popular.

No ambiente intelectual, a década de 1920 registra palestras e homenagens aos ilustres homens das ciências, artes e cultura promovidas pela Academia Brasileira de Letras.¹⁰ Coube ao seu presidente, Machado de Assis,¹¹ e aos acadêmicos que participaram da sua fundação, garantir-lhe um prestígio crescente, com o exercício de um estilo refinado e bem aceito pela elite mundana da *belle époque* carioca. Alguns acadêmicos comentavam entre si a conquista da notoriedade social há tanto desejada. Nos seus últimos anos de vida, Machado de Assis conseguira finalmente atingir um dos seus objetivos: fazer da Academia uma instituição ativa e respeitada socialmente. Com a sua morte, ocorrida em 1908, e a de Joaquim Nabuco,¹² em 1910, os demais acadêmicos continuaram, até com maior vigor, a seguir as diretrizes básicas ditadas por seus dois grandes mentores: transformar a instituição em um lugar de cavalheiros, com o objetivo de cooptar credibilidade e cultivar boas relações com os círculos das elites intelectual e política do país.

Após a morte de Machado de Assis, a eleição de Rui Barbosa para a presidência da Academia pode ser entendida como uma prova de que os acadêmicos estavam dispostos a manter o *status* já alcançado. Mesmo sem candidatura prévia, o advogado e político foi eleito presidente com unanimidade de votos¹³. Em 1908, Rui Barbosa gozava de grande popularidade, devido à sua participação na II Conferência da Paz Internacional, em Haia, Holanda, um ano antes. Era a primeira vez que um diplomata brasileiro conseguia, com seus discursos, chamar a atenção das delegações européias e norte-americanas num evento

⁷ João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto – RJ 5/8/1881 a RJ 23/6/1921.

⁸ *A Pátria* – jornal fundado e dirigido por Paulo Barreto, cujo pseudônimo é João do Rio.

⁹ Rui Barbosa de Oliveira – BA 5/11/1849 a RJ 4/3/1923.

¹⁰ A Academia Brasileira de Letras foi fundada em 20 de julho de 1897.

¹¹ Joaquim Maria Machado de Assis – RJ 21/6/1839 a RJ 29/9/1908. Filho de Francisco José de Assis e de Maria Leopoldina Machado de Assis.

¹² Joaquim Aurélio Barreto Nabuco de Araújo – PE 10/8/1849 a EUA 17/1/1910. Filho do conselheiro do Império José Tomás Nabuco de Araújo, que ele mais tarde biografaria.

¹³ Rui Barbosa relutou em aceitar a presidência da ABL porque recebeu 16 votos, que ele não considerava maioria. O fato é que, na ocasião de sua eleição, apenas 16 acadêmicos estavam na cidade para votar; os votos por procuração ainda eram pouco usados. Rui presidiu a ABL por 10 anos.

desse porte. Satisfazia assim os parâmetros ministeriais do barão do Rio Branco¹⁴ e mostrava aos delegados dos países participantes a refinada e civilizada classe política brasileira. Rui Barbosa havia chegado ao auge da sua carreira política.

Por meio das presidências exercidas, primeiro por Machado de Assis e depois por Rui Barbosa, a Academia Brasileira de Letras iniciou a construção da memória literária nacional. Ela atuou na promoção das sessões públicas para as cerimônias de recepção e de homenagens aos acadêmicos, e na incorporação de documentos, livros e objetos pessoais para serem apreciados e admirados pelo público nas exposições realizadas. O poeta Manuel Bandeira¹⁵ recorda-se de uma sessão solene da Academia a que estivera presente em 1901, destacando os aspectos mais significativos.

pode-se dizer que lá tinham assento as maiores figuras da nossa literatura de todos os gêneros. A muitos deles tive ocasião de ver de perto naquela noite, e ainda tenho bem presente o sentimento de admiração e respeito com que os olhei na ingenuidade dos meus quinze anos [...].¹⁶ (El Far, 2000: 96)

Com a mesma atitude de Manuel Bandeira, Doyle também freqüentou a Academia Brasileira de Letras, nas sessões abertas ao público, para ouvir os discursos dos acadêmicos Medeiros e Albuquerque, Afrânio Peixoto, João Ribeiro, Silva Ramos, Carlos de Laet, Rodrigo Otávio e Coelho Neto¹⁷ – alguns dos quais seus ex-professores.

Além das visitas à Academia Brasileira de Letras, Plínio Doyle freqüentou também, com bastante assiduidade, os salões de leitura da Biblioteca Nacional. O gosto pelos livros foi adquirido na infância, despertado pela leitura das revistas *Tico-Tico*, muito apreciadas pelas crianças da sua geração. Além das revistas infantis, e na ausência de um ou outro

¹⁴ Barão do Rio Branco – José Maria da Silva Paranhos Júnior, ministro das Relações Exteriores de 1902 a 1912.

¹⁵ Manuel Carneiro de Souza Bandeira Filho – PE 19/4/1886 a RJ 13/10/1968. Desde 1913, vinha empregando o verso livre e, em *Carnaval* (1919), incluiu o poema “Os sapos”, que satirizava os poetas parnasianos. Em 1922 aderiu à Semana de Arte Moderna e publicou poemas nas revistas de vanguarda. Mário de Andrade deu-lhe o cognome “o São João Batista do Modernismo”.

¹⁶ Naquela noite de 2 de junho de 1901, a Academia inaugurava uma das primeiras sessões solenes abertas ao público. Lá estavam Machado de Assis, Valentim Magalhães, Lúcio de Mendonça, Silva Ramos, José do Patrocínio, Rodrigo Otávio, Guimarães Passos, Artur Azevedo, Barão de Loreto, Filinto de Almeida, José Veríssimo e Pedro Rabelo, entre outros, para ouvir os discursos de Olavo Bilac e Medeiros e Albuquerque. Essa sessão solene foi realizada no Real Gabinete Português de Leitura, sede provisória da ABL.

¹⁷ José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque – PE 4/9/1867 a RJ 9/6/1934. Propagandista da Abolição e da República e membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

livro da biblioteca de seu pai, Doyle dedicou à leitura algumas tardes na Biblioteca Nacional.

A uma pessoa de sensibilidade e gosto pelas artes e cultura em geral, a cidade dessa década proporcionou grandes acontecimentos. Por ser a capital, o Rio de Janeiro monopolizou os debates nacionais, de grandes projeções, como foi o movimento de afirmação do catolicismo promovido pelo cardeal dom Sebastião Leme, que contou com a participação dos intelectuais Jackson de Figueiredo¹⁸ e Alceu Amoroso Lima¹⁹. Doyle não chegou a aderir a nenhum movimento ou corrente ideológica da época, tornando-se, entretanto, um atento observador dos mesmos.

Mas a cidade de São Paulo também movimentou o cenário cultural na década de 1920, principalmente com a promoção da Semana de Arte Moderna em 1922, no Teatro Municipal de São Paulo.

À frente do movimento modernista estiveram os escritores paulistas Mário de Andrade²⁰ e Oswald de Andrade, e, do Rio de Janeiro, o acadêmico Graça Aranha,²¹ entre muitos outros. Na sua primeira fase, o movimento buscou a renovação dos parâmetros da literatura. Já nas demais se estendeu pelas artes plásticas, música, arquitetura e diferentes formas de manifestação cultural. Os modernistas queriam que o país fosse representado por suas próprias raízes culturais, livre de influências estrangeiras. A Semana de Arte Moderna atraiu para São Paulo todos os que atuavam diretamente nas artes e na literatura, e que fizeram questão de divulgar seus ideais.

O modernismo representou uma renovação no panorama intelectual e cultural do país. Esse ambiente, caracterizado por grandes mudanças, irá se prolongar até a década de

¹⁸ Jackson de Figueiredo Martins – SE 9/10/1891 a RJ 4/11/1928. Converteu-se ao catolicismo em 1918 e, em 1921, fundou o Centro Dom Vital e a revista *A Ordem*. Viveu vida intensa, dividida em duas partes: na primeira, de 1907 a 1918, dedicou-se às letras e à filosofia; na segunda, à política e à religião.

¹⁹ Alceu Amoroso Lima – RJ 11/12/1893 a RJ 14/8/1983. Pseudônimo Tristão de Ataíde. Crítico literário desde 1919, grande defensor do Modernismo junto com Graça Aranha, de 1923 a 1928 manteve com Jackson de Figueiredo, líder católico, um debate intelectual intenso, que redundaria na sua conversão ao catolicismo, em 1928.

²⁰ Mário Raul de Morais Andrade – SP 9/10/1893 a SP 25/2/1945. Exerceu grande influência como guia e orientador das gerações intelectuais que lhe sucederam. Foi um líder, uma presença marcante, graças a sua inteligência, consciência artística, probidade moral e visão do fenômeno literário. Sua atuação intelectual exerceu-se entre a Semana de Arte Moderna (1922) e o Primeiro Congresso de Escritores (1945).

²¹ José Pereira da Graça Aranha – MA 21/6/1868 a RJ 26/1/1931. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras, com a qual rompeu ao aliar-se ao grupo dos jovens modernistas.

1930, quando são implantadas as reformas promovidas pelo presidente Getúlio Vargas em todas as áreas do seu governo.

Ainda na década de 1920, mais precisamente em 1927, Doyle foi aprovado para o curso de direito da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro, concluindo-o no ano de 1931. Durante o curso Doyle esteve associado a um grupo de estudos inicialmente chamado de Centro Acadêmico Jurídico Utilitário (CAJU)²², que, mais tarde, teve o seu nome trocado para Centro de Estudos Jurídicos e Sociais. A partir de 1928, o CAJU criou comissões de alunos para cada ano do curso de direito e, em 1929, fundou uma revista dirigida por Gilson Amado, a *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais*, que era publicada em fascículos.

Ainda na faculdade de direito, Doyle conheceu Aroldo Azevedo, Antônio Galotti, Otávio de Faria, Chermot de Miranda, Flávio Brant, Letelba Rodrigues de Brito, Mílton Haddad, Auricélio Claro de Oliveira Penteadó, Sílvio de Lacerda, Gilson Amado, San Tiago Dantas, Thiers Martins Moreira e Hélio Viana. Alguns desses amigos irão fazer parte da sua vida profissional, outros irão tornar-se escritores, historiadores, professores, diplomatas e políticos.

Com a Revolução de 1930²³ quase todos os estudantes foram convocados para servir à pátria. Plínio Doyle não foi *exceção à regra*, tendo servido no Batalhão Acadêmico. Seu período de reservista foi muito curto porque ele se apresentou na última convocação, no dia 23 de outubro, pouco antes da vitória de Getúlio Vargas.

Durante uma patrulha pela cidade, na companhia de outros soldados e de seus superiores, Doyle presenciou o incêndio do jornal *O País*, na avenida Rio Branco, e a depredação do edifício do jornal *A Noite*, na Praça Mauá. Seu amigo de faculdade Américo Lacombe também serviu no Batalhão Acadêmico, que teve por comandante o coronel Homero Maisonnette, que logo recebeu dos estudantes o apelido de “coronel maionese”.

²² O CAJU pode ser definido como um grupo de alunos, reunidos em vários subgrupos, com o objetivo de estudar todas as matérias do curso de direito. Os membros do CAJU formavam grupos para cada cadeira do curso, aprontavam os estudos para as provas, debatiam o ponto estudado com os colegas dos grupos e, depois de aprovado, faziam cópias para vender para todos da turma. O dinheiro arrecadado com a venda dos estudos era utilizado na edição da Revista de Estudos Jurídicos.

²³ Revolução de 30 – o governo do paulista Washington Luís rompe com a política do “café com leite” ao escolher outro paulista (Júlio Prestes) para sucedê-lo, contraindo a escolha da vez por um mineiro. Os políticos mineiros juntam-se aos gaúchos e a alguns nordestinos, e lançam a candidatura do gaúcho Getúlio Vargas, em oposição ao governo.

Assim, pode-se dizer que a década de 1920 se constitui em um rico cenário para um jovem como Plínio Doyle, cheio de curiosidade pela vida, para adquirir conhecimentos e hábitos que moldariam sua personalidade.

1.3 Os anos de 1930 e o debate intelectual

O início da década de 1930 coincide com o início da vida profissional de Plínio Doyle quando ele e seus amigos da faculdade alugaram um escritório na praça da Cinelândia para advogar. Apenas um processo apareceu e o encarregado para resolvê-lo foi Doyle. Os demais amigos dedicavam o tempo passado no escritório preparando as edições da *Revista de Estudos Jurídicos e Sociais*, que era publicada com os recursos advindos do CAJU.

É interessante observar a quantidade de jornais e revistas existentes à época, como *O Jornal*, *Diário da Tarde* e *O Estado de Minas* de propriedade de Assis Chateaubriand;²⁴ da *Revista do Brasil* dirigida por Rodrigo Melo Franco de Andrade²⁵, além da Livraria Católica, dirigida por Augusto Frederico Schmidt, que funcionou também como local de reunião dos pensadores católicos Alceu Amoroso Lima, Sobral Pinto, San Tiago Dantas e José Lins do Rego²⁶.

Após a conclusão do curso superior, Plínio dedicou-se inteiramente à profissão que escolheu. Seus professores, Haroldo Valadão e José Carlos Coelho da Rocha, convidaram-no para trabalhar no escritório de advocacia que mantinham juntos. Em 1934, Coelho da Rocha mudou-se com a família para o nordeste e, então, Doyle foi convidado por Valadão para associar-se ao escritório, o que fez com que sua situação financeira melhorasse consideravelmente.

Enquanto trabalhava no escritório de Valadão, Doyle recebeu o convite do editor José Olímpio para advogar para a sua Livraria José Olímpio Editora. Inicialmente fez o contrato de locação da sala na praça XV de Novembro, edifício da Bolsa de Valores do Rio de Janeiro, no mesmo prédio do escritório de Doyle. A sua relação profissional com a

²⁴ Assis Chateaubriand, proprietário de cadeia de jornais, apoiou Getúlio Vargas na Revolução.

²⁵ Rodrigo Melo Franco de Andrade – MG 18/8/1893 a RJ 11/5/1969. Diretor do SPHAN a partir de 1937, durante 30 anos.

²⁶ Pensadores católicos – o tema central do grupo foi a idéia de restaurar o catolicismo tradicional e de implantar uma ordem social nele inspirada.

“casa”²⁷ foi de 1935 até 1960. Durante os vinte e cinco anos de convivência com o editor, Doyle pôde conhecer os mais expressivos escritores brasileiros, dentre eles Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Pedro Nava, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Gilberto Freire e muitos mais.

Em 1951, o seu amigo de faculdade San Tiago Dantas²⁸ convidou-o para integrar o seu escritório de advocacia. Nessa época, por sugestão e intermédio de San Tiago, Doyle entrou para a Procuradoria da Fazenda Nacional, cargo do qual se aposentou em 1976.

1.4 O ministério de Gustavo Capanema

Os anos de 1930 foram marcados por mudanças profundas no cenário nacional. No âmbito político, deu-se a concentração de poderes na presidência da República, sendo o país governado por decretos e controlado pela polícia política e pela propaganda do DIP²⁹.

As ideologias predominantes naqueles anos eram o nacionalismo, comunismo, fascismo e o integralismo. Os escritores e intelectuais brasileiros de então aderiram ao integralismo e ao comunismo. A pesquisa não encontrou informações sobre a participação direta de Plínio no debate político da época, creditando a ele uma neutralidade em relação ao assunto.

Ao assumir a presidência da República, Getúlio Vargas deu início a profundas mudanças no país. Em primeiro lugar a composição dos ministérios e a nomeação de interventores nos Estados em substituição a seus presidentes. Tenentes e políticos que haviam participado da revolução vão ocupando diversos cargos. Para o Ministério da Educação, em substituição à Francisco Campos, foi escolhido o mineiro Gustavo Capanema³⁰ que, por sua vez, nomeou colaboradores de grande gabarito humano e intelectual para as diferentes áreas do ministério.

Nesse contexto, uma proposta inovadora foi a do ensino básico (primário) obrigatório em todo território nacional, como meta de promover a diminuição das

²⁷ Casa – assim era chamada, pelos proprietários, a Livraria José Olímpio Editora.

²⁸ Francisco Clementino de San Tiago Dantas – RJ 30/10/1911 a RJ 6/9/1964. Intelectual do Ano de 1962.

²⁹ Departamento de Propaganda e Difusão Cultural, criado por Getúlio Vargas em 1934, junto ao Ministério da Justiça. Para uma análise da ideologia do período ver os artigos “Os anos 1930: as incertezas do regime” de Dulce Pandolfi, e “O regime de Vargas, 1934-1938: os anos críticos”, de Robert Levine, e o livro *O Brasil republicano*, organização de Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves Delgado.

³⁰ Gustavo Capanema – MG 10/8/1900 a RJ 10/3/1985. Junto com colegas de faculdade fez parte do grupo conhecido como “os intelectuais da rua da Bahia”, em Belo Horizonte, na década de 1920.

desigualdades sociais e favorecer a ascensão econômica e social das populações mais pobres do país.

Nas artes houve a generalização dos traços renovadores do modernismo dos anos de 1920, que se refletiu numa arquitetura inspirada na natureza e nos movimentos ondulares de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.³¹

No âmbito literário, ocorreu o enfraquecimento progressivo da literatura acadêmica, dando lugar às inovações formais e temáticas do modernismo. Houve também a elevação das literaturas regionais à escala nacional, propiciada pela migração dos autores regionalistas do Norte, Nordeste e do Sul para a capital do país. As décadas de 1930 e 1940 assistiram à consolidação e à difusão das práticas modernistas, principalmente na “produção madura” de alguns autores. Ao procurar analisar a literatura brasileira, notamos que os escritores nacionais tiveram na figura de José Olímpio Pereira Filho o grande inovador e divulgador da época.

1.5 A Livraria José Olímpio Editora – um espaço de sociabilidade

Os livros que a população letrada do Brasil consumia na década de 1920 eram em grande parte importados por pequenas editoras das principais cidades do país. A partir do movimento modernista de 1922 essa realidade começou a mudar, sobretudo com a maior divulgação dos autores nacionais. Por outro lado, a crise econômica de 1929, outro fator de grande relevância para as letras nacionais, provocou o colapso no câmbio dos mil-réis. O fato dificultou e quase inviabilizou a importação dos livros estrangeiros consumidos pela elite, provocando um aumento na procura pelo autor nacional, especialmente pelos romances nordestinos dos anos de 1930. É nesse cenário que surge a figura do editor José Olímpio e de sua livraria.

Ainda em seu estado natal, São Paulo, José Olímpio trabalhou na Casa Garraux, misto de livraria e loja de artigos de luxo, em sua maioria importados. Nesse trabalho, ele passou a conhecer as obras dos escritores José de Alencar, Coelho Neto, Machado de Assis, Eça de Queirós, entre tantos outros.

³¹ Oscar Niemeyer e Lúcio Costa – arquitetos que inovaram na arquitetura usando traços de influência do movimento modernista.

Em maio de 1930, morre em São Paulo o advogado e bibliófilo Alfredo Pujol³², membro da Academia Brasileira de Letras e freqüentador assíduo da Casa Garraux. Seus herdeiros decidem vender sua biblioteca particular, que foi então comprada por José Olímpio. Em dezembro de 1931 começou a funcionar na cidade de São Paulo a Livraria José Olímpio Editora, com a comercialização dos livros comprados dos herdeiros de Pujol, entre outros.³³

O estado de São Paulo sofria com o esvaziamento econômico decorrente da crise de 1929 e com o boicote político promovido pelo governo de Getúlio Vargas, em represália à Revolução Constitucionalista de 1932³⁴. Essa situação, desfavorável para o crescimento econômico, foi determinante para a mudança de José Olímpio para a cidade do Rio de Janeiro.

Em julho de 1934, já instalado no Rio de Janeiro, José Olímpio inaugurou a sua livraria e editora na rua do Ouvidor. Sua loja ficava em frente à Garnier³⁵, a mais importante livraria da cidade até os anos de 1920, agora em franca decadência. José Olímpio teve nas figuras de Humberto de Campos³⁶ e Amando Fontes³⁷ os grandes colaboradores para a sua instalação e funcionamento na cidade.

Por intermédio do sergipano Amando Fontes, o editor José Olímpio agregou ao seu catálogo os escritores Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Plínio Salgado, Gilberto Freire, Afonso Arinos, Sérgio Buarque de Holanda, Jorge Amado, entre muitos outros. Também cooptou os pintores Cícero Dias, Tomás Santa Rosa, Cândido Portinari e Luís Jardim que faziam as capas dos livros editados.

A captação de escritores para a editora deveu-se também às inovações implantadas, tais como: o lançamento de livros com tarde de autógrafos; a exposição, na vitrine da livraria, mantendo sempre um exemplar à mão para os fregueses folheá-lo; o pagamento em

³² Alfredo Gustavo Pujol – RJ 20/3/1865 a SP 20/5/1930. Primeiro biógrafo de Machado de Assis.

³³ Em São Paulo, começou a funcionar a editora José Olímpio com a tomada de um empréstimo bancário.

³⁴ Movimento armado deflagrado em São Paulo, em 1932, que visava a instituição de um regime constitucional suprimido por Getúlio Vargas após a Revolução de 1930.

³⁵ A Garnier era editora dos livros de Machado de Assis, entre outros escritores.

³⁶ Humberto de Campos Veras – MA 25/10/1886 a RJ 5/12/1934. Escritor popular e de grande vendagem de suas obras nas décadas de 1920 e 1930.

³⁷ Amando Fontes – SP 15/5/1899 a RJ 1/12/1967. Autor de *Os corumbas* (1933), consagração da crítica e Prêmio Felipe de Oliveira.

dia, e até antecipado, dos direitos autorais e as tiragens em maior número do que a dos outros editores da época.

A José Olímpio foi muito mais que uma livraria e editora; foi um espaço de convívio, de bate-papo, de troca de idéias, onde se encontravam desde o estudante à procura do livro escolar até o bibliófilo à cata de uma raridade. Foi ainda um importante ponto de encontro de escritores e intelectuais e peça-chave da trajetória literária do Brasil. O escritório do editor³⁸, localizado nos fundos da livraria, servia também de ponto de encontro dos escritores para uma conversa animada sobre as últimas novidades literárias e artísticas. Essas reuniões tornaram-se um hábito de todas as tardes. Ademais, José Olímpio permitia que os autores recebessem cartas dos seus leitores no endereço postal da livraria. O regionalista José Lins do Rego era um dos primeiros a chegar para ler a sua correspondência.

Recém-chegado de Belo Horizonte, o poeta e chefe de gabinete do ministro Capanema, Carlos Drummond de Andrade, exerceu, com o grupo dos escritores mineiros, o mesmo papel de Amando Fontes, atraindo os jovens escritores do seu estado para a Livraria José Olímpio Editora. Logo os autores Emílio Moura, Aagar Renault, João Alphonsus, João Pinheiro Filho, Ciro dos Anjos se incorporaram ao grupo inicial de editados formado pelos escritores do Nordeste brasileiro. José Olímpio conseguiu reunir em torno de si e da sua editora homens de todos os partidos e de todas as ideologias porque ele os tinha como amigos.

Nos anos anteriores à II Guerra Mundial, com a ascensão do nazismo na Europa e com a exposição do caráter autoritário do governo do presidente Getúlio Vargas no Brasil, as conversas na livraria chegaram ao seu ponto máximo. Os colaboradores de Getúlio Vargas, principalmente Lourival Fontes,³⁹ funcionário do Departamento de Imprensa e Propaganda –DIP⁴⁰, iam quase todos os dias à livraria para colher informações e “dar recados” do governo.

³⁸ A frase: “O Brasil se faz com homens e livros”, de Monteiro Lobato, ornamentava o escritório do editor. Informação de *Rua do Ouvidor: 110*, de Lucília Soares.

³⁹ Lourival Fontes casou-se com Adalgisa Nery, viúva do pintor Ismael Nery, que também freqüentava a Livraria José Olímpio Editora. Adalgisa publicou alguns livros, e teve sua vida biografada por Ana Arruda Calado, viúva do escritor Antonio Calado. Documentos de Adalgisa Nery foram colecionados e doados por Ana Arruda Calado para a Fundação Casa de Rui Barbosa no ano de 2007.

⁴⁰ Órgão responsável pela propaganda e censura do Governo Getúlio Vargas.

Quando passou a advogar para José Olímpio, a partir de 1935, Doyle foi muitas vezes à livraria para conhecer os escritores e para obter os inúmeros autógrafos dos livros da sua biblioteca. Além de livros, ele também começou a colecionar os originais dos livros que o editor descartava após a sua publicação. É provável que seja, dessa época, o gosto de Plínio pelas conversas e encontros vespertinos para a intelectualidade discutir os mais variados assuntos dentro da maior cordialidade.

A década de 1940 foi agraciada por muitas outras reuniões literárias espalhadas pela cidade, como as da casa de Aníbal Machado aos domingos; do casal Maria e Cândido Portinari nos almoços de sábado; de Lúcia Miguel Pereira e Otávio Tarquínio de Sousa; de Adalgisa e Ismael Nery⁴¹; de Eugênia e Álvaro Moreira, e nas noites do restaurante Taberna da Glória, que era freqüentado por Mário de Andrade. Enfim os intelectuais tinham à sua disposição muitos locais para discutir e apreciar o convívio entre seus pares.

Em janeiro de 1942, os fundos da Livraria José Olímpio Editora, onde os escritores se encontravam, passou boa parte do tempo “às moscas”. O motivo foi a realização do I Congresso Brasileiro de Escritores, na cidade de São Paulo, para onde grande número de freqüentadores da José Olímpio havia se dirigido.

No referido congresso a discussão maior foi entorno da censura que o governo de Getúlio Vargas promovia. Na ocasião, foi redigido o Manifesto dos Mineiros⁴² que muitos não assinaram por temer a perseguição política.

A Livraria José Olímpio Editora atravessou toda a década de 1940 sendo ponto central do encontro de intelectuais na cidade do Rio de Janeiro. Na década seguinte, a roda da José Olímpio ainda existia, mas deixara de exercer a função vital que tivera nos anos anteriores como afirmação da produção literária e editorial do país.

Nos anos de 1950, a literatura brasileira já conquistara seu espaço no cenário nacional. Os novos autores tinham a José Olímpio como referência e sonhavam ser editados por ela, mas freqüentavam as tardes de autógrafos da Livraria São José, de Carlos Ribeiro, que, a partir de meados dos anos de 1940, se transformara em outro importante ponto de encontro.

⁴¹ O casal recebeu os amigos em sua residência até 1934, ano em que Ismael Nery veio a falecer.

⁴² Datado de 24 de outubro de 1943, o Manifesto dos Mineiros é a primeira manifestação de oposição à ditadura de Getúlio Vargas, e diz basicamente que o Estado Novo é incompatível com as tradições democráticas de nosso povo.

No plano político, a década de 1950 foi marcada pelo suicídio do presidente Getúlio Vargas. As discussões tornaram-se agressivas, o clima de cordialidade foi perdendo terreno para as disputas acirradas de opinião, o que tornava difícil a existência de um espaço como fora o da José Olímpio.

Plínio Doyle costumava freqüentar as livrarias da cidade à procura de livros e revistas para sua coleção. Conhecia e admirava Carlos Drummond de Andrade por sua obra publicada, e constantemente via-o na José Olímpio e nas demais livrarias.

No ano de 1957 Plínio reuniu as crônicas de Drummond, publicadas no *Correio da Manhã*,⁴³ em um volume encadernado, e escreveu ao poeta pedindo uma dedicatória. Deixou o volume na mesa de José Olímpio. Drummond não só apreciou a iniciativa de Doyle como também dedicou-lhe um verso escrito no volume de crônicas:

“Saudação” ou de como o autor, surpreendendo-se com a existência desse volume, encontrado sobre a mesa de José Olympio, achou os seus escritos melhorados e protegidos da consumação do tempo, por via dos cuidados de Plínio Doyle. Rio, 24.IX.1957.

Nascia assim uma grande amizade entre Drummond e Doyle.

Na década de 1960 a José Olímpio promovia um almoço para os seus editados, inicialmente às quartas-feiras e depois às sextas-feiras, no restaurante que funcionou no último andar da sua sede, localizada no bairro de Botafogo. Doyle participou algumas vezes desses almoços⁴⁴. Nessa ocasião, José Olímpio foi incentivado por Doyle a fazer um livro de atas para registrar os momentos passados em tão boa companhia. Esse livro recebeu o mesmo nome do restaurante da editora – Cantina Batatais –, em homenagem à cidade natal do editor, e posteriormente foi doado, juntamente com o seu arquivo pessoal, ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, em 1975.

Em 1973, os almoços da José Olímpio foram suspensos por dificuldades financeiras, havendo na última ata da Cantina Batatais, escrita no dia primeiro de outubro de 1975 (aniversário de Doyle), uma referência às reuniões na biblioteca de Plínio Doyle.⁴⁵

⁴³ Carlos Drummond de Andrade publicou suas crônicas no jornal *Correio da Manhã* de 1954 a 1969. Publicou também a coluna “Drummond” no *Jornal do Brasil*, de 1969 até 1984.

⁴⁴ A sede própria da Livraria José Olímpio Editora ficava na rua Marquês de Olinda, 12. O terreno e o prédio foram adquiridos em 1964.

⁴⁵ O sabadoyle havia sido criado em novembro de 1964.

1.6 O interesse pelos livros

Em seu livro de memórias, Doyle explicou o interesse pelos livros.

Sempre gostei muito de ler e sempre fui amigo dos livros. Minha primeira leitura, assim como a de várias gerações de brasileiros, foi o *Tico-Tico*, que me deliciava às quartas-feiras com as histórias do Reco-Reco, Bolão e Zé Macaco e as ilustrações a cores de J.Carlos, Storni e outros. Com o tempo, fui lendo alguns livros que meu pai tinha, misturado aos seus de matemática, doados à Escola Politécnica quando ele faleceu. Lia tudo o que encontrava. Não havia muita variedade, mas havia Machado, que eu naturalmente li - sem entender. O hábito de leitura sempre existiu e com a entrada para a faculdade, onde encontrei muitos intelectuais, esse hábito aumentou pela convivência, pois era quase forçado a ler as novidades para poder participar das conversas. (Doyle, 1999: 61)

Talvez o que mais se destaque na declaração de Doyle seja o prazer que a leitura lhe proporcionava, aliado à necessidade de ficar em sintonia com seus colegas da faculdade. Realmente muitos dos seus amigos tornaram-se escritores, com exceção de alguns e do próprio Doyle.

Em sua palestra na Biblioteca Nacional, a convite do então diretor Afonso Romano de Sant'Anna, Plínio afirmou que o sucesso do colecionador particular de livros está diretamente relacionado ao seu amor por eles, à sorte e à paciência. Afirmou também ser importante

“conhecer” o livro, [...] examinar sua folha de rosto, ler o prefácio ou a introdução, consultar o índice, a errata, se houver, o colofão e as orelhas. De outro modo eu nunca poderia conhecer os meus livros, mas dessa forma eu os “conhecia” todos. (Doyle,1999:62)

Em uma análise do catálogo de seus livros feito pelo próprio Doyle, podemos observar que ele colecionou os autores clássicos da literatura brasileira, como Machado de Assis e José de Alencar, entre outros, que figuram em grande número nas prateleiras da sua biblioteca.

A presença de certos livros em uma estante não é inocente e deriva também de condições históricas as mais diversas: econômicas, culturais, políticas e outras. Doyle priorizou os livros de autores brasileiros, no nosso idioma, colecionando também, em grande número, as traduções desses mesmos escritores para outros idiomas. Há também um

número razoável de traduções, feitas por nossos autores, de obras de estrangeiros. Percebe-se claramente a valorização do escritor nacional. A formação da biblioteca vem indicar o papel de Doyle como agente de uma significativa rede cultural brasileira. Mas não param por aí as questões que surgem desta “leitura” dos títulos da biblioteca. A data das edições, por exemplo, revela certa tendência pela leitura mais contemporânea, existindo um grande número de livros impressos na fase do modernismo e pós-modernismo.

Doyle colecionou também muitos periódicos. Ele considerava-os de grande importância devido a ausência de coleções completas dos mesmos nas bibliotecas. Os periódicos atuam como um “raio x” da vida social, política e cultural das cidades e do tempo em que são publicados.

1.7 A formação da sua biblioteca

A biblioteca que Plínio Doyle pacientemente formou reúne 25 mil volumes, entre livros, jornais e revistas. Fazem parte dessa coleção as primeiras edições dos mais significativos autores nacionais, muitas com dedicatórias; revistas do século XIX e XX, nas quais muitos romances estão publicados, em forma de folhetim, e coleções completas de suplementos literários de variados jornais. As dedicatórias dos livros de Plínio Doyle são expoentes da sua rede de sociabilidades, e, inclusive, foram objeto de uma exposição, na Fundação Casa de Rui Barbosa, em sua homenagem.⁴⁶

Para auxiliá-lo na formação da sua coleção Doyle contou com a ajuda dos livreiros do Rio de Janeiro: Antônio Sant’Ana, da Livraria São José; Margareth Cardoso, da Livraria Kosmos; Carlos Ribeiro, Osmar, Walter e Roberto Cunha, Livraria Leonardo da Vinci bem como dos livreiros de São Paulo: Calil, Livraria Partenon e Olinto Moura.

A biblioteca de Doyle foi crescendo aos poucos, de acordo com sua disponibilidade financeira. Oriundo de uma família de classe média, seus pais procuraram infundir nos filhos o valor dos livros e dos estudos. Os recursos utilizados na formação da sua biblioteca provieram exclusivamente do seu trabalho; além disso, freqüentemente recebia livros de seus amigos intelectuais.

⁴⁶ *Entre livros e outros amigos*: homenagem a Plínio Doyle. Exposição aberta em 9 de novembro de 2001, na Fundação Casa de Rui Barbosa.

Para facilitar a consulta aos 25.000 títulos da sua coleção, Doyle elaborou um catálogo, em ordem alfabética de autor, que contém os campos: título do livro, local, editor, data da edição e observações. Existem páginas para os livros traduzidos e outras para as traduções de obras “do autor” e das traduções feitas “pelo autor”. Este catálogo faz parte do seu arquivo pessoal, depositado no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira. Os periódicos da biblioteca correspondem a 1788 títulos de jornais e revistas. Esse acervo conta com um catálogo, publicado pela Fundação Casa de Rui Barbosa e está disponível também na página da web da Fundação.

A biblioteca atuou como elo entre Doyle e os escritores e intelectuais que freqüentavam sua residência nas tardes de sábados. Seria exaustivo analisar todos os seus volumes e fugiria dos limites e objetivos deste trabalho. Mas há que destacar obras modernistas, movimento que compunha o horizonte intelectual da época da sua formação.

A coleção, iniciada ainda na adolescência, teve sua continuidade durante os anos da faculdade, chegando a atingir o seu ápice durante sua vida profissional e maturidade. No ano de 1938, Plínio Doyle mudou-se para a rua Barão de Jaguaribe, em Ipanema. A partir de então, intensificou a aquisição de livros, jornais e revistas literárias, ampliando muito sua biblioteca. Em 1972 adquiriu um apartamento de três quartos, localizado num prédio próximo à sua casa, para acomodar a biblioteca, que só em 1988 saiu para a Fundação Casa de Rui Barbosa.

1.8 O Arquivo de Plínio Doyle

Ao mesmo tempo em que comprava livros e periódicos, Doyle adquiria também, por compra e doação, manuscritos de romances e de cartas, além de fotografias e documentos pessoais dos nossos escritores. Foi assim que paralelamente a seu próprio arquivo, Plínio formou também uma valiosa coleção de documentos avulsos como, por exemplo, o testamento de Machado de Assis e o manuscrito “Canaã”, de José de Alencar.

O arquivo pessoal de Plínio Doyle faz parte dos acervos que estão sob a guarda do AMLB, na Fundação Casa de Rui Barbosa. Reúne, aproximadamente, 10.000 documentos, sendo considerado mediano quanto à sua dimensão quantitativa. Está classificado nas séries correspondência pessoal; correspondência familiar; correspondência de terceiros; produção intelectual do titular; produção intelectual de terceiros; documentos pessoais; documentos familiares; documentos iconográficos; e publicação na imprensa.

As séries relativas à correspondência são constituídas de cartas, cartões, telegramas, destacando-se os cartões-postais do século XIX, com ilustrações e autógrafos de vários escritores da época. Na série produção intelectual do titular estão os onze livros de atas e de depoimentos escritos das reuniões do sabadoyle. Na série produção intelectual de terceiros estão guardados os índices feitos por Drummond dos artigos existentes nas revistas da biblioteca de Doyle, além de manuscritos de outros escritores. A série documentos iconográficos reúne fotografias de Doyle, de amigos e de familiares.

Há ainda objetos, como medalhas, por exemplo, referentes a homenagens recebidas por Doyle ao longo de sua vida que integram o acervo museológico do AMLB.

O arquivo de Plínio Doyle pode ser entendido como uma escrita autobiográfica. Nos últimos anos de sua vida, Plínio ocupou-se em organizar o seu arquivo, privilegiando alguns documentos em detrimento de outros, para escrever um livro de memórias. A necessidade de reter física e mentalmente o passado por meio da formação de um arquivo pessoal, se moveu no sentido da produção de um discurso autobiográfico⁴⁷.

1.9 As relações com a Fundação Casa de Rui Barbosa

A relação de Plínio Doyle com a Fundação Casa de Rui Barbosa teve sua origem na amizade com Américo Lacombe, iniciada durante a mocidade de ambos, a partir de 1926. Prepararam-se juntos para os exames da banca do Colégio Pedro II. Frequentaram a mesma faculdade (direito), tiveram amigos comuns e constituíram família na década de 1930. Depois de formado, Lacombe foi convidado para trabalhar no gabinete do Ministro da Educação. Em 1934, foi nomeado secretário do Conselho Nacional de Educação, tendo sido incumbido de elaborar o Plano Nacional de Educação previsto na Constituição de 1937.

Com alguns trabalhos sobre Rui Barbosa, entre eles o prefácio do livro *Mocidade e exílio*, Lacombe candidatou-se ao cargo de diretor da Fundação Casa de Rui Barbosa⁴⁸ por

⁴⁷ Relação feita a partir da leitura da dissertação de mestrado A construção do eu autobiográfico: o arquivo privado de Gustavo Capanema, de Priscila Fraiz.

⁴⁸ A Fundação Casa de Rui Barbosa teve sua origem institucional quando, em 1923, após a morte de Rui Barbosa, sua viúva, D. Maria Augusta, vendeu o imóvel, a biblioteca e o arquivo pessoal do marido para o governo federal. No ano de 1930, durante o governo do presidente Washington Luís, foi inaugurado o museu em homenagem ao Águia de Haia, cognome pelo qual Rui Barbosa ficou conhecido após participar da II Conferência da Paz, na cidade de Haia, Holanda. No início, a Fundação Casa de Rui Barbosa era formada pelo museu (sua casa, móveis, objetos decorativos e pertences pessoais e de familiares), o arquivo pessoal e a biblioteca de Rui Barbosa. Atualmente abriga também a biblioteca Plínio doyle, a biblioteca São Clemente, a

meio de uma carta enviada ao ministro Gustavo Capanema. Foi aceito e em março de 1939, deixou o Conselho Nacional de Educação para dirigir a instituição em substituição a Luís Camilo de Oliveira Neto (1935 a 1938), seu amigo pessoal.

Com pequenas interrupções, Lacombe esteve à frente da Fundação Casa de Rui Barbosa de 1939 até 1993, quando faleceu em sua residência, depois de regressar de um dia de trabalho naquela instituição.

Plínio sempre esteve a par dos serviços realizados pela Fundação.⁴⁹ Quando Lacombe iniciou as publicações do pensamento de Rui Barbosa, recebeu a ajuda de Doyle na revisão dos textos.

Como diretor do Arquivo-Museu, Doyle estimulou as doações de arquivos para o departamento recém-criado, sendo as reuniões do sabadoyle o ambiente propício para a solicitação de tais doações. Finalmente Doyle tinha a seu favor uma instituição sólida onde podia formar um centro documental de grande valor para a cultura do país.

Durante a sua administração no Arquivo-Museu, Doyle implantou um sistema de divulgação do acervo por meio de exposições e mesas redondas nas quais deu ênfase às comemorações dos aniversários de 80 anos dos intelectuais e às exposições de documentos raros da literatura brasileira. Estão registrados no livro de visitantes do AMLB depoimentos dos doadores de acervos ao Arquivo-Museu; dos pesquisadores que fizeram consultas aos documentos bem como agradecimentos dos homenageados com as exposições realizadas pela FCRB. Entre os depoimentos destacamos a declaração do filho de Clarice Lispector, Paulo Gurgel Valente, que escreveu : “ao Dr. Plínio Doyle, agradeço a belíssima idéia de organizar, com tanto carinho e dedicação, os documentos e arquivos de minha mãe, Clarice Lispector. Rio, 12 de janeiro de 1971. Paulo Gurgel Valente e Ilana G Valente” (Valente, 1971: 6).

A relação de Plínio Doyle com a Casa de Rui Barbosa foi interrompida uma única vez, quando ele foi convidado para dirigir a Biblioteca Nacional em 1979. Durante o seu afastamento (1979 a 1982), o Arquivo-Museu foi dirigido pelo professor José Galante de

biblioteca Maria Mazeti, o Centro de Pesquisas e o AMLB. A Fundação foi o primeiro museu-casa do país, e tem a atribuição legal de publicar as *Obras completas* de Rui Barbosa.

⁴⁹ Plínio Doyle foi membro do Conselho Consultivo da Fundação Casa de Rui Barbosa antes mesmo de ser diretor do AMLB. Portaria 13 de 31 de agosto de 1970.

Sousa,⁵⁰ um colaborador de Doyle que já tinha trabalhado, com Augusto Meyer,⁵¹ no Instituto Nacional do Livro.

Américo Lacombe promoveu muitas transformações na Fundação Casa de Rui Barbosa ao longo das sucessivas décadas da sua administração. Recebera do primeiro governo de Getúlio Vargas apenas um museu e entregou ao país da abertura política iniciada a partir dos anos de 1985, uma instituição solidamente constituída, voltada para as pesquisas, tendo como centro o pensamento do patrono Rui Barbosa.

1.10 O exercício de outras funções – os anos de 1980

Depois de aposentado, Plínio Doyle continuou trabalhando pela cultura. Em 1971, o romancista Adonias Filho convidou-o para organizar a Associação Profissional dos Escritores do Estado da Guanabara,⁵² que funcionou na mesma sala do recém-criado Sindicato dos Escritores do Estado da Guanabara. O jornalista Joaquim Inojosa foi seu secretário durante a presidência por ele exercida simultaneamente nos dois órgãos. Os escritores Homero Homem, José Louzeiro, Horácio Almeida e Raul Floriano foram co-responsáveis pela criação da associação e do sindicato.

A década de 1970 foi muito rica na área cultural, com a revitalização e a criação de várias instituições públicas e privadas que tinham por meta promover, debater, desenvolver e proteger a cultura de um modo geral. A geração que assumiu a direção das instituições da área promoveu uma mudança na gestão dos órgãos de governo, diferenciada da primeira instituição voltada para esse fim, ou seja, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN), criado na década de 1930. Naquela época o enfoque adotado foi o da preservação dos patrimônios materiais, centralizado na recuperação e preservação das igrejas barrocas e das fortificações. Anos mais tarde, essa fase da gestão do patrimônio cultural brasileiro ficou conhecida dentro do SPHAN pelo cognome de “pedra e cal”.

A criação da Fundação Nacional Pró-Memória e da Fundação Nacional de Arte – Funarte – na área governamental representou um olhar do governo para a preservação do

⁵⁰ José Galante de Sousa (1913 – 1986) – Co-autor da *Enciclopédia de literatura brasileira*, junto com Afrânio Coutinho (1911 – 2000). Foi chefe da seção da Enciclopédia e Dicionário do Instituto Nacional do Livro, sob a direção de Augusto Meyer.

⁵¹ Augusto Meyer Júnior – RS 24/1/1902 a RJ 10/7/1970. Em 1938 assume a direção do Instituto Nacional do Livro, permanecendo no cargo por 30 anos. Junto com Raul Bopp e Mário Quintana compõe a trindade de poetas modernistas do Rio Grande do Sul.

⁵² Mais tarde Associação Profissional dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro.

patrimônio imaterial, que até então não havia sido contemplado. Na iniciativa privada, a criação do Centro de Pesquisa e Documentação – CPDOC – da Fundação Getúlio Vargas, representou um novo caminho a ser seguido por outras instituições.

Conforme mencionado anteriormente, em 1979, o Ministro da Educação do governo do general Figueiredo, Eduardo Portela, convidou Plínio Doyle para dirigir a Biblioteca Nacional, em substituição ao romancista Adonias Filho, que fora indicado para o Conselho Federal de Cultura. Doyle recebeu a direção da Biblioteca Nacional das mãos da bibliotecária Janice de Melo Monte-Mór, no dia 25 de abril de 1979. Para o cargo de diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN, o indicado foi Aloísio Magalhães.

Logo no início da sua gestão, Doyle encaminhou ao Ministro da Educação uma exposição de motivos chamada “Plano de Salvação da Biblioteca Nacional”. Nela, contemplava áreas que considerava estratégicas para a instituição atingir seus objetivos, tais como: novo prédio, pessoal, restauração e encadernação.

Plínio permaneceu na direção da Biblioteca Nacional até janeiro de 1982. Durante sua administração atualizou as publicações da casa, colocando em dia o *Boletim Bibliográfico* e os *Anais da Biblioteca Nacional*, cujo número cem apresenta o índice dos noventa e nove números anteriores. Realizou exposições comemorativas dos grandes vultos da nossa literatura, assim como ciclo de palestras.

Grandes mudanças ocorreram na área da cultura a partir de 1980. Com a troca de ministros e a escolha de Aloísio Magalhães para o cargo de Secretário de Cultura do MEC,⁵³ deu-se a implantação de uma nova mentalidade nos diferentes órgãos do ministério.

Em 1982, Aloísio Magalhães convidou a bibliotecária Célia Ribeiro Zaher para substituir Plínio Doyle na direção da Biblioteca Nacional. Zaher, que chefiava a Divisão do Livro na UNESCO, chegou com a missão de colocar a Biblioteca no centro de sistema nacional de informação bibliográfica, encerrando o período da administração de Doyle na referida instituição.

⁵³ Criada em 10 de abril de 1981, dentro da estrutura do Ministério da Educação e Cultura, a Secretaria de Cultura, formada pela fusão das antigas secretarias de Assuntos Culturais e do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Essa nova secretaria recebeu a incumbência do ministro para fazer redistribuição dos vários órgãos da cultura.

Meses antes de sua saída, em 1981, Doyle fora convidado pelo Ministro da Educação, General Rubem Ludwig, para fazer parte do Conselho Federal de Cultura. No Conselho, teve como colegas os escritores Josué Montelo, Gilberto Freire, Afonso Arinos de Melo Franco, Abgar Renault, Rachel de Queiroz, Adonias Filho, Andrade Murici, Viana Moog, Eduardo Portela entre outros. Muitos deles foram freqüentadores das reuniões do sabadoyle. Sua participação no Conselho resumiu-se a um mandato de seis anos, de 1981 até 1987, que ele acumulou com a direção do AMLB.

Plínio Doyle foi membro de várias instituições de cultura, tendo sido sócio titular do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro; sócio correspondente do Instituto Histórico Y Geográfico del Uruguay; da Academia Nacional de la Historia da República da Argentina, e da Real Academia de la Historia de Madrid. Recebeu diversas homenagens, representadas por medalhas, diplomas e condecorações, por sua atuação profissional e cultural. Esses documentos e objetos fazem parte do seu arquivo pessoal doado à Fundação Casa de Rui Barbosa.

1.11 Os escritos do bibliófilo

Plínio Doyle teve pequena colaboração em jornais e revistas literárias, limitando-se à publicação de notas, estudos e bibliografias. Foi o responsável pela seção Arquivo Literário da revista *Leitura*. Essa seção apresentava pequenos tópicos, cada um enfocando um autor diferente, com um texto escrito, uma reprodução de um documento ou uma fotografia. Na primeira colaboração de Doyle para a revista, os editores elaboraram uma apresentação na qual destacavam sua qualidade de bibliófilo e possuidor de um valioso acervo

Há muitos anos, nos intervalos de sua profissão, vem Plínio Doyle acumulando inestimável acervo de documentos, revistas, fotografias, gravuras, autógrafos, edições raras – acervo que já se tornou conhecido de nosso meio intelectual. A história literária do Brasil no século XIX e nos princípios do século XX tem hoje, na mão do ilustre bibliófilo, um preciosíssimo conjunto de informações (especialista em Machado de Assis, a sua “Machadiana”, por exemplo, é a mais completa existente). Assim, através desta seção hoje iniciada, esta revista tem o prazer de levar aos seus leitores, em cada novo número, as inéditas riquezas literárias que Plínio Doyle acumulou (e que se encontram em sua biblioteca e seu arquivo particular) ou outras que ele, com suas relações, irá obtendo.

Tornaremos público, portanto, um verdadeiro Arquivo Literário. – N. da R. (Leitura, 1964).

A seção Arquivo Literário teve início em janeiro de 1964 e finalizou em dezembro de 1967, tendo publicado 17 números.

Em 1973, Doyle participou do *Jornal de Letras*, com a coluna “Correspondência de escritores”, que publicava uma carta de escritor, com as devidas considerações históricas e literárias sobre a missiva, em muitas ocasiões relatando os bastidores dos fatos que contribuíram para a existência do documento, fatos esses, em sua grande maioria, desconhecidos do público.

No ano de 1977, Doyle publicou o livro *História de revistas e jornais literários*, no qual abordou a origem das publicações, ilustrando-as com as particularidades de cada título. No capítulo destinado aos suplementos literários, Doyle relacionou artigos, notas e comentários referentes a mais de um século de periódicos, começando por *Nitheroy-Paris*, de 1836 até a *Revista Literária* de 1946.

No ano de 1999, Doyle apresentou aos seus amigos e familiares um relato da sua trajetória profissional e intelectual. No seu livro, *Uma vida*, ele revelou o seu perfil de homem generoso e fraterno para os que sabem dar valor à amizade e ao conhecimento.

Plínio Doyle viveu seus noventa e quatro anos na cidade do Rio de Janeiro, cercado do afeto de familiares e amigos, que acompanharam de perto toda a sua trajetória. (Cronologia de Plínio Doyle – Anexo 1)

CAPÍTULO 2: EM CERTA CASA DA RUA BARÃO DE JAGUARIBE, 62.

2.1 O começo de tudo

Carlos Drummond de Andrade e Plínio Doyle eram velhos conhecidos dos tempos em que freqüentavam a Livraria José Olímpio Editora, na década de 1950. Drummond teve seus livros editados por José Olímpio por quase 30 anos e Doyle advogou para o editor desde o seu estabelecimento na cidade do Rio de Janeiro, em uma sala comercial na Praça XV de Novembro¹, na década de 1930.

Na véspera do Natal de 1964, Drummond bateu à porta de Plínio Doyle com o desejo de folhear algumas revistas da *belle époque* carioca², que este colecionava desde moço. Drummond poderia ter-se dirigido à Biblioteca Nacional mas a casa do amigo ficava a poucos quarteirões da sua residência à Rua Conselheiro Lafaiete. Conversando com Doyle, ele percebeu que seria gratificante para o anfitrião ter os índices dos artigos das revistas que colecionava. Com a tarefa acertada, Drummond passou a freqüentar com regularidade a biblioteca do amigo nas tardes de sábado para a elaboração dos índices³

O segundo a freqüentar a residência do casal Doyle aos sábados à tarde foi seu amigo dos tempos da faculdade de direito, Américo Lacombe. Na época, Lacombe dirigia a Fundação Casa de Rui Barbosa e estava em vias de publicar um livro com as poesias do patrono da instituição. Desejando que Drummond fizesse a apresentação, dirigiu-se à residência de Doyle para que, por intermédio deste, obtivesse o assentimento do poeta à sua intenção. Foi o que bastou para que os encontros sabatinos dos três se iniciassem.

A novidade dessas reuniões vespertinas, aos sábados, na casa de Doyle se espalhou rapidamente. Outros de seus amigos e conhecidos passaram também a bater à sua porta para ter acesso à sua biblioteca. Era o ano de 1964 e assim teve início o que passaria mais tarde a se chamar *sabadoyle*.

E como se dava o ingresso das pessoas nas reuniões *sabadoyleanas*?

¹ O contrato de locação da sala comercial foi feito por Plínio Doyle e marca o início das relações de trabalho entre eles, que durou 30 anos.

² Revistas *Fon Fon*, *Careta*, *A Revista*, *Para Todos*, *Revista Ilustrada*, *Estética*, *Festa*, *Verde*, *Revista de Antropofagia* e outras.

³ Os índices das revistas estão no arquivo pessoal de Plínio Doyle sob a guarda do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira.

O convite era feito pelo próprio Doyle ou por outro participante que, nesse caso, fazia às vezes de “padrinho ou madrinha”⁴.

Vejamos um exemplo de Hélio Gravatá atuando como padrinho de José Eduardo da Fonseca: “Encorajado pelo conterrâneo amigo Hélio Gravatá, vim – em meu nome e no da universidade em que trabalho: a UFMG.” (Fonseca, 1973: 49-50).

Entretanto há também casos de “auto-convites” como o registrado por Fernando Monteiro por ocasião da comemoração da sua centésima participação no *sabadoyle*:

Ao entrar hoje nesta biblioteca de literatura brasileira, cada vez mais famosa, badalada que tem sido em prosa e verso, completei meu centésimo comparecimento a estas reuniões *sabadoylianas*. Foi a vinte e um de outubro de 1972, ano do sesquicentenário, que vim até aqui pela primeira vez, mesmo sem convite expresso do dono da casa, prevalecendo-me – não sei se abusivamente – da feliz circunstância de ser já seu amigo e confrade no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. O acolhimento não poderia ter sido mais generoso e, desde então, atraído pela amena e amável conversa e pela fraterna amizade de tantos companheiros de alto e nobre espírito, tornei-me freqüentador dos mais assíduos e ouvinte dos mais atentos.

Cem vezes, completadas nesta tarde de primeiro de fevereiro, subi no elevador de Barão de Jaguaripe, 74, para o encontro sempre desejado, para estes nossos autênticos e ecumênicos festivais de espírito. (Monteiro, 1975: 295-302).

Coube a um convidado direto de Plínio Doyle, o poeta Raul Bopp⁵, “batizar” as reuniões com o nome de *sabadoyle*.

Até março de 1974, o salão literário de sábado à tarde no apartamento 201 da rua Barão de Jaguaripe, número 74, era conhecido apenas como “as reuniões na biblioteca do Plínio”. No ano anterior, Plínio Doyle havia promovido um encontro em homenagem aos modernistas para o qual convidara, entre outros, o poeta Raul Bopp. O autor de *Cobra Norato* foi, gostou, mas só retornou um ano mais tarde, dessa vez para redigir a ata e batizar as reuniões de *sabadoyle*:

Aos seis dias do mês de abril de 1974, durante a reunião de amigos na Biblioteca de Plínio Doyle, a que denomino de *Sabadoyle* – por se realizarem habitualmente aos sábados, designado para lavrar a presente ata, faço-a lendo alguns versos de minha autoria, divididos em duas partes, *Sabadoyle I* e *Sabadoyle II*, na homenagem que desejo prestar aos

⁴ Termo utilizado informalmente por alguns freqüentadores das reuniões como forma de agradecimento pelo convite.

⁵ Raul Bopp – RS 04/08/1898 a RJ 02/06/1984. Formou com Augusto Meyer e Mário Quintana o trio de poetas modernistas do Rio Grande do Sul.

colaboradores do já hoje famoso sabadoylismo literário da rua Barão de Jaguaripe, 74. (Bopp, 1974: 191-199).

E a seguir escreve os versos Sabadoyle I :

Sabadoyle I

Uma ata é obrigatória
em tudo quanto é sessão.
Por isso, quando a pediram
eu não pude dizer não.

Juntei algumas palavras
ao estilo de um tabelião.
Se não faço o que me pedem
fico de cara na mão!

Na casa do Plínio Doyle
só há uma obrigação:
cafezinho e um bate-papo
de sua predileção.

Quando é hora de ir-se embora
trocam-se apertos de mão.
De acordo com o estatuto
fica encerrada a sessão.
(Bopp, 1974: 191-199)

O primeiro local onde aconteceram as reuniões do sabadoyle foi na biblioteca da residência de Doyle, a rua Barão de Jaguaribe, casa 62, bairro de Ipanema, na cidade do Rio de Janeiro.

Com o aumento dos livros da sua biblioteca e do número de participantes, Doyle resolveu comprar um apartamento ainda em construção, quase ao lado de sua casa, no número 74, para lá transferir a sua biblioteca e as reuniões. Era um apartamento de três quartos e uma sala situado no segundo andar do edifício.

Uma terceira mudança aconteceu em 1988, após a biblioteca ser vendida para a Fundação Casa de Rui Barbosa. Plínio mudou-se para um apartamento no bairro da Lagoa, e as reuniões do sabadoyle voltaram a ser na sua residência, conforme exemplificado no seguinte relato de Sílvio Meira:

Este poema vem a calhar no momento em que Plínio Doyle inaugura a sua nova casa à avenida Epitácio Pessoa, número 344, sede atual deste sabadoyle, que não se situa no Jardim de Academus de Platão, mas no Jardim de Alá da cidade mais bela e ao mesmo tempo a mais massacrada do mundo (Meira, 1988: 399-405).

Mas como se davam as reuniões?

2.2 A dinâmica das reuniões

Os amigos e convidados chegavam à biblioteca de Plínio Doyle por volta das três horas da tarde de sábado, por lá permanecendo até às seis. Às cinco o anfitrião oferecia um lanche. Passava-se então à leitura da ata, momento que o jornalista Homero Senna assim descreveu :

Às tantas, depois que a prestimosa Idalina recolhe as xícaras de café, e não mais se manducam biscoitos e outras inocentes guloseimas, o anfitrião impõe silêncio e um dos presentes, indicado para redigir a ata do dia, sobe a um imaginário pódio, empunha o grosso livro, ricamente confeccionado e encadernado por Ernesto Berger, e procede à leitura do que escreveu. (Senna, 1985:3).

As reuniões transcorriam num clima amistoso e as conversas giravam em torno de temas do cotidiano, das novidades literárias e acadêmicas e do universo cultural e social dos participantes.

O memorialista Pedro Nava descreveu assim o ambiente das reuniões:

Não há motivos para variar a prosa de nossas atas. Nada de rebuscamentos nem da tentativa de campear idéias raras para traduzir o que existe de tão simples e fácil nas nossas reuniões – boas maneiras, suavidade no trato, boa convivência – num ambiente de livros de onde foram banidas as discussões, as controvérsias, os desacordos. Aqui nossa preocupação é agradar ao vizinho e nosso estatuto, fazer o que ele gosta. Dentro dessa lei não escrita vivemos há anos. A cordialidade é nossa regra. (Nava, 1978: 366-372).

Todos os assuntos eram aceitos por Doyle, com exceção de política e religião para não causar constrangimentos entre os presentes. Plínio apreciava a liberdade de expressão

que não ofendesse as crenças e opiniões alheias. Tinha desenvolvido esse modo de agir representando os seus clientes, como no caso dos direitos autorais do integralista Gustavo Barroso. Prezou muito as amizades e não promoveria nenhum desentendimento, mesmo que indiretamente. Sobre tal postura de Doyle, Sônia nos dá o seguinte depoimento:

[...] começaram as atas que, por decisão de Plínio, falavam sempre – e só – de aniversários, prêmios recebidos, livros recém-publicados, datas e visitas especiais ou qualquer outro assunto ligado à literatura e aos escritores. Não só nas Atas, mas também nas conversas, dois assuntos eram terminantemente proibidos: política e religião. Tanto era assim que, em reunião de 1975, encontraram-se no Sabadoyle, tranqüila e civilizadamente, o ex-presidente Juscelino Kubitschek e o brigadeiro Nelson Lavanère, que havia assinado o decreto que cassou os direitos de Kubitschek. (Doyle, S., 2007).

A posição de Doyle em relação à neutralidade dos assuntos tratados nas reuniões sabatinas era compartilhada por todos. Sobre isso Drummond se expressou em ata do Natal de 1984:

O fato de existir há vinte anos, no bairro sofisticado de Ipanema, um ponto de encontro de pessoas que não pretendem fazer qualquer negócio nem alterar o que quer que seja na ordem política do mundo – pessoas, enfim, descompromissadas com o utilitário, o rentável, a ambição política, a ânsia do poder [...] esse fato dá margem a políticos algumas observações sobre a natureza da vida social no Brasil, ou pelo menos de certa camada da população que, por esse ou aquele motivo, pode se dar ao luxo da dedicação, durante três ou quatro horas, uma vez por semana, a uma atividade gratuita (Andrade, 1984: 437-449).

É claro que o atendimento à solicitação de Plínio, se devia ao perfil cordial dos participantes das reuniões cujo ambiente fraterno é sempre mencionado nas atas conforme consta em trecho de uma delas elaborada por Pedro Nava:

Paulo Mendes de Almeida começa sempre suas cartas com frase poética onde se diz que o único tempo que não se perde é o empregado no convívio dos amigos. Tomo a frase do escritor paulista para começar a redação da ata de hoje. Realmente, nos sabadoiles, ganhamos amigos novos e, mais, do que podem nos dar os amigos velhos. Não sei se ocorreu ao autor de algumas das atas anteriores, mencionar o feliz conjunto de acasos que concorreu para a formação do grupo aberto da rua Barão de Jaguaripe no 74, segundo andar. Houve em tudo alguma coisa de providencial.

Uma providência favorável fez de Plínio Doyle colecionador de livros, de revistas, de jornais. A mesma providência fez Carlos Drummond de Andrade precisar de umas informações em periódico velho. Podia ter ido em vão à Biblioteca Nacional mas, bem inspirado, veio à Plínio Doyle. Passou a freqüentá-la como consultante, acostumou-se, continuou com amigo, a vir aos sábados.

Dizem que é do próprio CDA a expressão de que mais de duas pessoas é igual a multidão. Pois a multidão se aglomerou quando apareceu um terceiro que precisava encontrar-se com o Drummond. Também pegou hábito semanal e voltou. Vieram o quarto, o quinto, o sexto e assim por diante. Estávamos constituídos e corporificados.

Que nós? Esse grupo. E o que faz esse grupo? Um clube? Uma *coterie* literária? Um arremedo de academia? De grêmio, de instituto, centro? Um sindicato? Uma irmandade?

Nada disto. Apenas um grupo de pessoas que se estimam, que querem se ver, trocar informações, bolir em papelada velha e falar de tudo – até de literatura (Nava, 1975: 289-291).

Mas quem eram os *sabadoyleanos*?

2.3 Os *sabadoyleanos*

Para traçarmos o perfil dos participantes do *sabadoyleano* recorreremos aos registros disponíveis sobre as reuniões, quais sejam depoimentos e atas, que só começaram a ser feitos a partir de 1966.

A partir daí, buscamos identificar os participantes mais assíduos. Para tanto, recorreremos à análise das assinaturas nas atas. Assim, no período compreendido entre 1964 e 1990, identificamos um primeiro grupo de *sabadoyleanos* que contava com um total de vinte e cinco membros, a saber: Plínio Doyle, Abel Pereira; Alphonsus de Guimaraens Filho; Álvaro Cotrim; Américo Lacombe; Carlos Drummond de Andrade; Ciro dos Anjos; Deolindo Couto; Enrique de Resende; Fernando Monteiro; Gilberto Mendonça Teles; Homero Homem; Homero Senna; Horácio de Almeida; Joaquim Inojosa; Mário da Silva Brito; Maximiano de Carvalho e Silva; Murilo Araújo; Paulo Berger; Pedro Nava; Peregrino Júnior; Péricles Madureira de Pinho; Raul Lima; Severo da Costa e Walter Benevides.

Conforme avançamos na leitura das atas, percebemos, a partir dos anos de 1990, uma mudança no perfil dos participantes. Tal mudança se explica pelo falecimento de alguns membros e pela expressiva entrada de novos frequentadores, desta vez também do sexo feminino. Nesse segundo grupo os mais assíduos eram em número de dezenove e dele faziam parte Amélia Sparano, Ari Vasconcelos, Cleusa de Souza Millan, Edda Farjat, Élvia Bezerra, Geraldo de Menezes, Heloísa Maranhão, Henrique L Alves, José Henrique Millan, Lygia da Fonseca Fernandes de Cunha, Marcelo Santiago Costa, Maria Cecília Ribas

Carneiro, Maria Stella de Faria, Reinaldo Valinho Alvarez, Sérgio Gallo, Sílvia Jacintho, Stella Leonardos, Teresa Cristina Meirelles de Oliveira e Yone Rodrigues.

Chamamos a tenção para a presença nesse segundo grupo de membros do primeiro. São eles: Abel Pereira, Alphonsus de Guimaraens Filho, Gilberto Mendonça Teles, Homero Senna, Laudo de Almeida Camargo, Maria José de Queiroz, Olga Savary, Monsenhor Guilherme Schubert, Olímpio Monat, Paulo Berger e Sônia Doyle.

Uma vez identificados os sabadoyleanos mais assíduos, partimos para a elaboração de pequenas biografias individuais, as quais, no contexto do sabadoyle, constituem uma biografia coletiva (Anexo 2).

Com base nessas biografias, levantamos informações sobre os dois grupos acima identificados. Passemos à análise do primeiro.

A origem regional dos primeiros sabadoyleanos, está representada por seis subgrupos, a saber: mineiros, cariocas, baianos, potiguares, paulistas e outros.

O primeiro subgrupo, o maior, é composto por sete escritores de Minas Gerais que representam 29.16%. A seguir vem o subgrupo carioca, com seis membros, perfazendo um total de com 24% O terceiro, quarto e quinto subgrupos, com dois escritores cada um representam 8,33% Finalmente, o sexto subgrupo, com um membro de cada estado, representa 25%.

Origem regional do grupo 1

Tabela 1

Mineiros	Cariocas	Baianos	Potiguares	Paulistas	Outros
Alphonsus	Álvaro Cotrim	Abel Pereira	Homero Homem	Homero Senna	Gilberto (GO)
Drummond	Américo Lacombe	Péricles M de Pinho	Peregrino Jr.	Mário da S. Brito	Raul Lima (AL)
Ciro dos Anjos	Maximiano				Deolindo Couto(PI)
Enrique de Resende	Paulo Berger				Horácio de Almeida (PB)
Murilo Araújo	Wálter Benevides				Joaquim Inojosa (PE)
Pedro Nava	Plínio Doyle				Fernando Monteiro (origem não identificada)

Severo da Costa					
29,16%	24%	8,33%	8,33%	8,33%	25%

Quanto à geração a que pertenciam esses escritores, quatro nasceram entre 1890 e 1900, perfazendo 16%; doze nasceram entre 1900 e 1910, perfazendo 48%; cinco nasceram entre 1910 e 1920, perfazendo 20,83%, três nasceram entre 1920 e 1930, perfazendo 16,66% e um nasceu entre 1930 e 1940, perfazendo 4%.

Geração do grupo 1

Tabela 2

Nascidos entre 1890 e 1900	Nascidos entre 1901 e 1910	Nascidos entre 1911 e 1920	Nascidos entre 1921 e 1930	Nascidos entre 1931 e 1940
Enrique de Resende	Abel Pereira	Alphonsus de Guimaraens	Homero Homem	Gilberto Mendonça Teles
	Álvaro Cotrim	Homero Senna	Maximiano de Carvalho	
Horácio de Almeida	Américo Lacombe	Mário da Silva Brito	Paulo Berger	
	Carlos Drummond	Raul Lima		
Murilo Araújo	Ciro dos Anjos	Severo da Costa		
	Deolindo Couto			
Peregrino Júnior				
	Fernando Monteiro			
	Joaquim Inojosa			
	Pedro Nava			
	Péricles Madureira de Pinho			
	Plínio Doyle			
	Walter Benevides			
16%	48%	20,83%	16,66%	4%

O perfil sócio-econômico das famílias desses primeiros sabadoyleanos é de funcionários públicos e pequenos comerciantes locais, situando-os na classe média.

No que diz respeito ao grau de escolaridade, quase todos possuíam nível superior, com formação em direito, medicina, engenharia, letras e farmácia. Exerçeram a profissão

os que estudaram medicina e engenharia. Já os formados em direito (60 %) e farmácia, usaram os conhecimentos adquiridos como ponto de partida para ingressarem no serviço público ou para atuarem em outras atividades ligadas ao jornalismo e ao ensino.

Quanto à atuação na política nacional, não identificamos nesse primeiro grupo nenhum sabadoyleano.

As informações acima referidas estão representadas no quadro abaixo:

Formação do grupo 1

Tabela 3

Sabadoyleano	Formação	Atuação profissional
Abel Pereira	Não identificada	Corretor de imóveis
Alphonsus de Guimarães F.	Direito	Procurador
Álvarus (Álvaro Cotrim)	Direito	Servidor público
Américo Lacombe	Direito	Professor
Carlos Drummond de Andrade	Farmácia	Servidor público
Ciro dos Anjos	Direito	Magistrado e professor
Deolindo Couto	Medicina	Médico
Enrique de Resende	Engenheiro	Engenheiro
Fernando Monteiro	Não identificada	Bancário
Gilberto Mendonça Teles	Letras e Direito	Professor
Homero Homem	Direito	Professor
Homero Senna	Direito	Servidor público
Horácio de Almeida	Direito	Magistrado
Joaquim Inojosa	Direito	Magistrado
Mário da Silva Brito	Direito	Editor
Maximiano de Carvalho e Silva	Letras	Professor
Murilo Araújo	Direito	Professor
Paulo Berger	Medicina	Médico
Pedro Nava	Medicina	Médico
Peregrino Júnior	Medicina	Médico e professor
Péricles Madureira de Pinho	Direito	Servidor público
Plinio Doyle	Direito	Procurador
Raul Lima	Direito	Servidor público
Severo da Costa	Direito	Magistrado
Walter Benevides	Medicina	Médico

No que diz respeito às atividades literárias⁶ e artística, observamos no quadro abaixo que apenas 12% dos primeiros sabadoyleanos não tiveram nenhuma incursão no ramo.

Atividade literária e artística no grupo 1

Tabela 4

Sabadoyleano	Atividade literária e artística	Agremiações literárias
Abel Pereira	Poeta	ALI; IHGBA; AGL
Alphonsus de Guimaraens F.	Poeta	ALMG; Pen Clube
Álvarus (Álvaro Cotrim)	Caricaturista	Não identificada
Américo Lacombe	Historiador	ABL; IHGB
Carlos Drummond de Andrade	Poeta e cronista	Nenhuma
Ciro dos Anjos	Romancista	ABL
Deolindo Couto	Ensaísta	ABL
Enrique de Resende	Poeta e ensaísta	Nenhuma
Fernando Monteiro	Ensaísta	IHGB
Gilberto Mendonça Teles	Poeta e crítico literário	ALGO; IHGGO; Pen Clube
Homero Homem	Poeta e romancista	ANLIJ
Homero Senna	Jornalista e biógrafo	Nenhuma
Horácio de Almeida	Ensaísta e poeta	AFL; ACL; IHGPB; APL
Joaquim Inojosa	Jornalista; crítico literário e ensaísta	ALRJ; OVJ; ACL
Mário da Silva Brito	Poeta e crítico literário	Não identificada
Maximiano de Carvalho e Silva	Filólogo	AFRJ
Murilo Araújo	Poeta	Nenhuma
Paulo Berger	Ensaísta	IHGRJ
Pedro Nava	Memorialista	Nenhuma
Peregrino Júnior	Cronista e crítico literário	ABL; UBE
Péricles Madureira de Pinho	Ensaísta e cronista	Não identificada
Plinio Doyle	Bibliófilo e pesquisador	IHGB
Raul Lima	Cronista e jornalista	IHGB; ALAL; IHGAL
Severo da Costa	Nenhuma	Nenhuma
Walter Benevides	Poeta e ensaísta	PEN Clube

⁶ Para a classificação de atividade literária, tomamos por base os personagens nominados pela Enciclopédia de Literatura Brasileira.

Em relação à idade com que os primeiros sabadoyleanos iniciaram sua participação nas reuniões obtivemos essa informação fazendo a relação entre o ano de nascimento de cada um com o da primeira visita à residência de Plínio Doyle, devidamente registra nos depoimentos e atas. A partir daí, formamos quatro subgrupos assim distribuídos: menos de cinquenta anos; de cinquenta a sessenta anos; de sessenta a setenta anos e mais de setenta anos. Por esse levantamento concluímos que os primeiros freqüentadores do sabadoyle contavam com idades que oscilavam entre cinquenta e setenta anos de idade, conforme quadro a abaixo.

Idade inicial no sabadoyle do grupo 1**Tabela 5**

Entre 31 e 40 anos	Entre 41 e 50 anos	De 51 a 60 anos	De 61 a 70 anos	Mais de 71 anos
Gilberto Mendonça	Homero Homem	Alphonsus de G.	Abel Pereira	Enrique de Resende
	Homero Senna	Américo Lacombe	Carlos Drummond	Murilo Araújo
	Maximiano Silva	Mário da S Brito	Ciro dos Anjos	
	Paulo Berger	Severo da Costa	Deolindo Couto	
		Walter Benevides	Fernando Monteiro	
		Plínio Doyle	Álvaro Cotrim	
			Horácio de Almeida	
			Joaquim Inojosa	
			Pedro Nava	
			Péricles M de Pinho	
			Peregrino Júnior	
			Raul Lima	
4%	16%	24%	48%	8%

Os falecimentos ocorridos nas décadas de 1980 e 1990, a que nos referimos anteriormente, representam 60% do total dos 23 membros (dois não foram identificados), conforme demonstramos a seguir.

Falecimentos no grupo 1**Tabela 6**

Década de 1970	Década de 1980	Década de 1990	Década de 2000	Não identificados
Enrique de Resende	Álvarus	Américo Lacombe	Abel Pereira	Fernando Monteiro
Péricles M. de Pinho	Carlos Drummond	Ciro dos Anjos	Homero Senna	Mário da Silva Brito
	Horácio de Almeida	Deolindo Couto	Paulo Berger	
	Joaquim Inojosa	Homero Homem		
	Murilo Araújo	Severo da Costa		
	Peregrino Júnior			
	Pedro Nava			
	Raul Lima			
	Walter Benevides			
8,33%	37,5%	20,83%	12,5%	

Com base nessas informações, temos o seguinte perfil do primeiro grupo de sabadoyleanos:

- 29% eram mineiros;
- 48% era da geração de 1900 e 1910
- 48% tinham entre 60 e 70 anos;
- todos tinham nível superior, sendo 60% formados em direito;
- 88% tinha uma atuação literária;
- todos eram homens

Vejam agora o segundo grupo de sabadoyleanos.

Conforme dissemos anteriormente, o segundo grupo de sabadoyleanos mais assíduos era composto por dezenove membros. Há que registrar a dificuldade de fontes disponíveis sobre eles a qual se reflete nas lacunas existentes no quadro abaixo. (Biografia coletiva - anexo 3)

Origem regional do grupo 2**Tabela 7**

Cariocas	Paulistas	Cearense	Mineiro	Amazonense	Não identificados
Amelia Sparano	Edda Farjat	Élvia Bezerra	Yone Roodrigues	Geraldo de Menezes	Lígia da Cunha
Ari Vasconcelos	Henrique Alves				Marcelo Costa
Heloísa Maranhão	Silvia Jacintho				Cleusa de Souza Millan
Maria Cecília Carneiro					
Maria Stela Faria					
Reinaldo Alvarez					
Sérgio Galo					
Stela Leonardos					
Teresa de Oliveira					
47,36%	15,78%	5,26%	5,26%	5,26%	15,78%

Geração do grupo 2**Tabela 8**

Nascidos entre 1911 e 1920	Nascidos entre 1921 e 1930	Nascidos entre 1931 e 1940	Nascidos entre 1941 e 1950	Nascidos entre 1951 e 1960	Não identificados
Amelia Sparano	Ari Vasconcelos	Geraldo de Menezes	Elvia Bezerra	Sílvia Jacinta	Cleusa Milan
	Edda Farjat	Maria Stela Faria	Tereza Cristina Oliveira		José Henrique Milan
	Heloísa Maranhão	Reinaldo Alvarez			Lígia da Cunha
	Maria Cecília Carneiro	Sérgio Galo			Marcelo Santiago Costa
	Stela Leonardos				Yone Rodrigues
6,25%	26,31%	21,05%	10,52%	6,25%	26,31%

Formação do grupo 2**Tabela 9**

Sabadoyleano	Formação	Profissão
Amelia Sparano	Não identificado	Tradutora
Ari Vasconcelos	Direito	Jornalista
Cleusa de Souza Millan	Não identificado	Não identificado
Edda Farjat	Música	Professora
Élvia Bezerra	Letras	Professora e tradutora
Geraldo de Menezes	Direito; História	Professor e advogado
Heloisa Maranhão	Direito	Tradutora e professora
Henrique L. Alves	Não identificado	Tradutor e jornalista
José Henrique Millan	Não identificado	Não identificado
Lygia Fonseca Fernandes da Cunha	Não identificado	Não identificado
Marcelo Santiago Costa	Direito	Desembargador
Maria Cecília Ribas Carneiro	História	Não identificado
Maria Stella Faria	Pedagogia	Professora
Reinaldo Valinho Alvarez	Letras; Direito; Economia; Administração	Não identificado
Sergio Gallo	Direito ; Letras	Professor
Silvia Jacintho	Jornalismo	Professora
Stella Leonardos	Letras	Tradutora
Teresa Cristina Meirelles de Oliveira	Direito; Letras; Música	Não identificado
Yone Rodrigues	Música	Professora

Atividade literária e artística no grupo 2**Tabela 10**

Sabadoleano	Atuação Literária e Artística	Agremiações Literárias
Amelia Sparano	Romancista; poeta; tradutora	Pen Clube; UBE
Ari Vasconcelos	Pesquisador de MPB;romancista; poeta; ensaísta	Não identificado
Cleusa de Souza Millan	Ensaísta	UBE
Edda Farjat	Poeta; ensaísta	Não identificado
Élvia Bezerra	Ensaísta	Não identificado
Geraldo de Menezes	Biógrafo; ensaísta	UBE;IHGB;ACL; IHG-RJ
Heloisa Maranhão	Teatróloga; romancista	UBE;ALRJ;SBAT
Henrique L Alves	Ensaísta	ABLIJ, UBE, APCA
José Henrique Millan	Ensaísta	Não identificado
Lygia Fonseca Fernandes da Cunha	Ensaísta	Não identificado
Marcelo Santiago Costa	Não identificado	Não identificado
Maria Cecília Ribas Carneiro	Historiadora e ensaísta	Não identificado
Maria Stella Faria	Contista e tradutora	Não identificado
Reinaldo Valinho Alvarez	Romancista; poeta; ensaísta	PEN Clube;ABI SEERJ;AGL;UBE;
Sergio Gallo	Contista; ensaísta; poeta	AAL
Silvia Jacintho	Contista; poeta	UBE
Stella Leonardos	Teatróloga e poeta	PEN Clube; SBAT; ACL
Teresa Cristina Meirelles de Oliveira	Poeta e ensaísta	UBE; ABRALIC; ANPOLL; ASSEL
Yone Rodrigues	Poeta e cronista	Jogral da Guanabara

A idade com que cada membro do segundo grupo iniciou sua participação no sabadoyle foi calculada com base na mesma metodologia do primeiro, ou seja, relação entre o ano de nascimento do freqüentador e o ano da primeira visita devidamente registrada nas atas.

Idade inicial no sabadoyle do grupo 2**Tabela 11**

Entre 31 e 40 anos	Entre 41 e 50 anos	Entre 51 a 60 anos	Entre 61 a 70 anos	Mais de 70 anos	Não identificados
Sílvia Jacinto	Elvia Bezzerra	Geraldo de Menezes	Ari Vasconcelos	Amélia Sparano	Cleuza Milan
Tereza Cristina Oliveira	Sergio Galo	Henrique Alves	Edda Farjat		José Henrique Milan
		Maria Stela Faria	Heloísa Maranhão		Lígia Cunha
		Reinaldo Alvarez	Maria Cecília Carneiro		Marcelo Santiago Costa
			Stella Leonardos		Yone Rodrigues
10,52%	10,52%	21,05%	26,31%	5,26%	26,31%

As representações gráficas acima demonstram que o segundo grupo de sabadoyleanos mais assíduos tinha o seguinte perfil:

- 47,36% eram cariocas;
- 26,31% era da geração de 1920 e 1930
- 26,31% entre 61 e 70 anos;
- todos tinham nível superior, sendo 60% formados em direito;
- 88% tinha uma atuação literária;
- 57,89% eram mulheres

Observamos, então, que as mulheres, escassas e eventuais no primeiro grupo de sabadoyleanos, se tornam maioria no segundo. Entretanto, há que esclarecer que a entidade sempre esteve receptiva aos afeitos à literatura, sem distinção de sexo. Drummond, por exemplo, já saudava a presença eventual de algumas escritoras nas reuniões:

“[...] a eventual presença de Célia Neves Lazzarotto, Hilda Hilst, Nancy Roche, Rita Rodrigo Otávio Moutinho e outras figuras femininas, juntamente com as de Esmeralda e Sonia, afastaram a possibilidade de sermos considerados um clube ou, o que seria pior, uma academia do Bolinha” (Andrade, 1974: 279-284).

Maximiano de Carvalho e Silva, por sua vez, declarou em ata: “Termino com uma intimação: que a próxima ata seja escrita pela Sônia, cuja presença nestas últimas reuniões tanto nos tem encantado” (Silva, 1975: 292).

Ao que Sônia respondeu com um poema

A ata é cortinha –
só para dizer “obrigada”
à Academia do Bolinha.

Felicidade foi a minha –
fazer dela parte um mês inteiro
(e mais uma beiradinha).

Sabadoyle, coisa linda
com vocês todos – e mais ainda
alguns, hoje ausentes.

Obrigada, e até breve –
“inshallah”, em outro Natal
abriremos mais presentes!

Valem versinhos quebrados? Espero que sim... Com muito carinho, aí ficam eles registrados, aos vinte e cinco dias do mês de janeiro do ano da graça de 1975 nesta já quase nem mais mui linda cidade (em que tudo que resta é a amizade...) de São Sebastião do Rio de Janeiro.

E, se for verdade –
ora vivas, afinal
voltamos ao natural.
Livra-se a dita Academia
da pior epidemia...

E, sem mais,
ponto final!” (Doyle, S., 1975: 293-294).

O registro da maior participação de personalidades femininas no sabadoyle a partir dos anos de 1990, pode ser um sinal do maior número de mulheres escritoras na sociedade brasileira. Tal sociedade estaria mais aberta aos escritos femininos.

2.4 O fim do sabadoyle

Após trinta e quatro anos de intensa troca de experiências, conversas, e comemorações, o sabadoyle deixou de existir no dia 26 de dezembro de 1998. A razão para

o término dessa interessante “tertúlia literária”⁷, foi a frágil saúde de Plínio Doyle. A ata de encerramento é dedicada a todos que haviam compartilhado sua biblioteca e dos agradáveis momentos de rica e fraterna interlocução.

O grupo havia experimentado um convívio social extremamente singular pois além das reuniões aos sábados, havia o hábito de constantes visitas, telefonemas e intensa correspondência, quando havia separação geográfica.

A última ata do sabadoyle, que transcrevemos a seguir, traduz fielmente o quanto Plínio via na literatura, nos seus amigos e no próprio sabadoyle seus grandes companheiros de vida.

O sabadoyle está completando nesse fim de ano, quase fim do século, 34 anos de existência, fundado que foi no Natal de 1964, com minha presença, a de Drummond e de Esmeralda. Como todo ano do calendário tem 52 sábados, fácil é calcular o número de sábados nesse período: 34 vezes 52 são 1768. Mas não houve reuniões em todos eles, pois devemos descontar os períodos de férias, no exterior e em Poços de Caldas, de doenças e de recesso, que atingem o total aproximado de 60 sábados., restando 1708 sábados de reuniões do sabadoyle, que com uma média de presença de 15, dão um total de 25.620; esse número representa apenas que no período de existência do sabadoyle, 25.620 sabadoylios cruzaram as portas de Barão de Jaguaripe 62, de Barão de Jaguaripe 74, 2º e de Epitácio Pessoa 344, 1º; são amigos sabadoylios que se mantiveram e mantêm firmes nesse longo período. Apresentada essa pequena mas importante estatística, convém repetir o ditado popular, que o melhor da festa é esperar por ela; assim todos nós passamos a semana pensando no sabadoyle, e eu mais ainda pois tenho de pensar no atei e sua ata, e no sabadoylio que faltou, para telefonar indagando o motivo. Mas para alegria nossa o sabadoyle, em cada reunião, termina com risos e bem-querer; assim foram todos eles, como terminará o de hoje; nunca pensei, nem penso, em fechar as portas do sabadoyle com tristeza, pranto e ambiente tumular.

Mas todos vocês sabem a minha idade, pois vêm me acompanhando há tempos, sabendo do dia primeiro de outubro, e os 92 pesam sobre meus ombros, e eu os venho suportando, não digo com sacrifício, mas com tolerância, e eles vêm causando os seus males e conseqüências comuns; assim, a audição é a que mais sofre, pois pouco ouço em nossas reuniões, com o vozerio normal, do que vocês falam; se alguém me faz uma pergunta, eu me limito a dar um sorriso anônimo, e nada respondo porque não ouvi a pergunta; outro ponto: ficar sentado nesta cadeira cativa, por várias horas até quando o último companheiro sai e o meu acompanhante vem me levantar, as pernas sofrem.

Sabadoyle é a minha semana e não quero, como disse antes, fechar suas portas com tristeza, pensando no pior; por isso, com dor no coração e lágrimas nos olhos, informo que é esta a última reunião do sabadoyle.

⁷ Expressão empregada por Drummond em ata de 28 dez. 1974.

Mas não vou me despedir de vocês, vou só dizer até logo, pois espero contar com todos e a nossa velha amizade, para receber parceladamente as suas vindas a esta casa sempre amiga, a partir da próxima semana, para dizer sobre a vida de cada um, sobre as novidades literárias, para um bate papo informal. Até amanhã, obrigado. E para todos os bons amigos sabadoylianos e suas famílias, um grande e feliz Ano Novo de 1999. (Doyle, P., 1998:280-283).

CAPÍTULO 3: REGISTROS DOCUMENTAIS DO SABADOYLE: DEPOIMENTOS ESCRITOS E ATAS

Conforme informado no capítulo 2, desde seu início, em 1964, até o ano de 1965, não se tem registros documentais das reuniões do sabadoyle. A história do grupo nesse período pode ser resgatada em um único livro, de autoria de Homero Senna, fotografias das reuniões e em reportagens na imprensa. Somente a partir de 1966 é que os encontros passaram a contar, primeiramente, com depoimentos escritos e, a partir de 1972, também com a redação de atas.

Os depoimentos, que datam de janeiro de 1966 a julho de 1998, eram feitos apenas uma vez, pelo próprio visitante, por ocasião da primeira visita ao sabadoyle, que nem sempre se repetia. Já as atas, datam de novembro de 1972 a dezembro de 1998 e eram redigidas por um dos frequentadores da reunião daquele determinado dia, a pedido de Doyle. Observamos então que enquanto os depoimentos se caracterizam por ser um registro individual das impressões daquele primeiro contato com o grupo, as atas se constituem em relatos dos temas tratados coletivamente em cada reunião.

O total desses registros documentais somam onze volumes encadernados, sendo dois com depoimentos e nove com atas.

Passemos à análise dos depoimentos escritos.

3.1 Os depoimentos escritos

O primeiro livro de depoimentos escritos possui duzentas e sessenta e seis páginas, todas numeradas, com o título “Gente que por aqui passou e ... parece que gostou” e um termo de abertura de Doyle, datado de 30 de outubro de 1965, no qual consta o seguinte:

Este caderno há muito deveria ter sido iniciado. Os eternos adiamentos. Hoje, amanhã, o tempo foi passando, e só agora o tenho nas mãos. Destinado a colher as assinaturas e impressões dos que visitam a minha coleção de literatura brasileira. Sinto a falta daquele que foi o meu maior amigo, o meu irmão de sempre, o grande incentivador da coleção: San Tiago Dantas. Não terei a sua assinatura, mas terei logo na primeira página, a sua manifestação, que me foi dada quando transferiu para o meu nome a sua inscrição na Sociedade dos Cem Bibliófilos, são estas as suas palavras, alterando a minuta da carta que havia preparado para a sociedade - É hoje o Dr. Plínio Doyle um dos maiores bibliófilos brasileiros, possuidor de uma valiosa coleção de literatura brasileira, e

considero mais justo que ele, e não eu, integre o prestigioso quadro social dessa associação.

Este documento é um dos mais preciosos do meu arquivo. Abrirá este caderno, como homenagem ao fraternal amigo. Seguir-se-ão as manifestações e assinaturas de todos os demais amigos, que me têm honrado e continuarão a honrar com as suas visitas.

Rio de Janeiro, trinta de outubro de mil novecentos e sessenta e cinco. (Doyle, P., 1965:3).

Esse mesmo livro possui sete folhas anexas com a identificação dos nomes ali assinados, feita, pacientemente, por Plínio. O total de depoimentos é de trezentos e cinqüenta e um. O primeiro é de Raimundo Magalhães Júnior, com data de 2 de janeiro de 1966. O último é da autoria de Cristina Band e foi escrito em 15 de novembro de 1997.

O segundo livro possui duzentos e sessenta e seis páginas numeradas, com trezentos e setenta e sete depoimentos, e onze folhas anexas com a mesma identificação das assinaturas. Nesse caso, o primeiro depoimento é de Edivaldo Boaventura, de 7 de janeiro de 1984, e o último de Carlos Menezes, de 25 de julho de 1998.

O acadêmico Raimundo Magalhães Júnior, anteriormente citado, é um depoente que, apesar de freqüentador eventual do *sabadoyle*, registrou sua satisfação em consultar a biblioteca de Plínio onde havia encontrado informações importantes sobre Machado de Assis, objeto de sua pesquisa.

O texto completo do depoimento de Raimundo encontra-se na página sete do primeiro livro do qual extraímos o seguinte trecho:

É com grande prazer que deixo aqui uma palavra de agradecimento a Plínio Doyle, por seu alto espírito de cooperação abrindo aos seus confrades em letras os verdadeiros tesouros da sua magnífica biblioteca. Identificado, com ele, na admiração a Machado de Assis, foi o desejo de conhecer alguns aspectos obscuros da vida e da obra do grande escritor que me levou a procurá-lo quando era, para mim, um simples conhecido, com quem mantinha relações distantes. Lembrar-me-ei sempre desse dia, ou, melhor, dessa noite, em que creio ter feito mais um bom amigo. (Magalhães Júnior, 1966: 7).

Carlos Drummond de Andrade, o primeiro visitante, que foi para ficar, registrou, em forma de poema, seu primeiro depoimento no qual menciona alguns autores contemplados pela biblioteca de Doyle:

Que gostosura: a Semana Ilustrada
Do Agostine. Tão bem encadernada!
Esta aqui é a Minerva Brasiliense:

Tem mais sabor que a Revista Forense [...] (Anexo 7)
(Andrade, 1966: 17-19).

Há depoimentos pitorescos como o de Afrânio Coutinho, de 29 de abril de 1966, que relata um certo sonho que tivera:

Uma noite dessas tive um sonho, misto de gostoso e aborrecido. Conseguiu penetrar de madrugada na sala da biblioteca de Plínio Doyle (foi difícil afastar as grades de ferro que a protegem) e ia saindo com os bolsos e as mãos pesadas de volumes, quando o dono acordou e me impediu de levar a cabo a limpeza [...] (Coutinho, 1966: 20).

Américo Lacombe, outro pioneiro do sabadoyle, falou sobre o apreço de Doyle pelos livros já desde os tempos dos bancos escolares:

Os estudantes eram brilhantes e esperançosos, como de costume. Os livros eram poucos. Mas os de Plínio sempre foram privilegiadamente bem tratados. Este traço de virilidade, que é o carinho com os livros, Plínio sempre revelou em alto grau. Tratava-os bem e defendia-os do clima, dos insetos e dos que os levam por empréstimo. (Lacombe, 1966: 21-22). (Anexo 6)

Em seu depoimento Paulo Berger, em 20 de março de 1966, comentou: “[...] Plínio Doyle, nós amigos dos livros, nos tornamos, através dos livros, amigos. O elo da nossa amizade foi a sua valiosa e magnífica biblioteca que espero continuar a nos unir por longos anos[...].” (Berger, 1966: 29).

Francisco de Assis Barbosa foi outro que, em 12 de abril de 1966, exaltou a biblioteca do anfitrião:

A biblioteca de Plínio Doyle é hoje um patrimônio da cultura brasileira. Sendo uma coleção particular, está sempre à disposição de todos quantos se interessam pela pesquisa literária. O dono da casa é cordial. A dona, gentilíssima. E assim, num ambiente carioca, simpático, gostoso, agradabilíssimo, as horas vão passando sem que a gente sinta o tempo correr. Admirável e querido Plínio, que bem você tem feito para todos nós. Muito obrigado! (Barbosa, 1966: 34).

Vejamos agora o depoimento de algumas mulheres.

Kalma Murtinho, em de 2 de fevereiro de 1974, escreveu: “Esta primeira visita à biblioteca do Dr. Plínio Doyle conquistou-me para sempre: este lugar é o próprio Ofir do rei Salomão para pesquisar personagens de teatro e cinema!...” (Murtinho, 1974: 140).

Já Nísia Nóbrega também registrou, 10 de julho de 1981: “Plínio Doyle, caro amigo: com que alegria chego ao grupo do sabadoyle! O Inojosa, o Gilberto e tantos amigos já me haviam falado deste teu país. Sim, país. Já não disse o eterno Monteiro Lobato que um país é feito com homens e livros? Então isto aqui é um país...” (Nóbrega, 1981: 234).

O dia 25 de julho de 1998 registra o último depoimento escrito do sabadoyle. O depoente foi Carlos Menezes que assim se expressou:

Foi Raymond Aron quem ensinou: condecorações, jamais as peça, jamais as recuse, jamais as use. Pois há uma espécie de condecoração que jamais se recusa, mas que deve ser usada, intimamente, sempre e com alegria. Por exemplo: a recepção que me foi tributada pela Heloisa Maranhão, nesta minha primeira visita ao Sabadoyle. Vou guardá-la no coração e na memória com a mais valiosa condecoração (Menezes, 1998: 206).

A análise dos depoimentos escritos deixa claro que a biblioteca de Plínio Doyle atuava como um elemento de atração para as reuniões na casa do seu proprietário. Para ali acorriam velhos e novos amigos tanto na busca de subsídios para suas pesquisas como de boa conversa e excelente literatura.

3.2 As atas

Segundo o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, ata vem do latim *acta* que significa coisas feitas, obras, feitos, façanhas” (Houaiss, 2001: 329).

O mesmo léxico define ata como sendo o “registro ou resenha de fatos ou ocorrências verificadas e resoluções tomadas numa assembléia ou numa reunião de corpo deliberativo ou consultivo de uma agremiação, associação, diretoria, congregação etc.” (Houaiss, 2001: 329).

A adoção da prática de se escrever atas sobre as reuniões do sabadoyle, começou no ano de 1972. Entretanto, no contexto daquelas reuniões as atas assumiram um estilo bastante singular, caracterizado pela redação informal, pela liberdade total na abordagem dos assuntos e pelo uso da veia literária de cada um. Assim é que, a primeira ata do grupo, elaborada por Alphonsus de Guimaraens Filho, em 11 de novembro de 1972, apresenta-se em forma de poema e diz

Livro destinado a ser

de presença, necessário
 é – somente para ter
 o destino de um arquivo.
 Porque, no que se refere
 aos demais, quem não terá
 a melhor das alegrias,
 de assiná-lo com o mais vivo
 júbilo hebdomadário?
 Aqui pensa quem assina,
 Quem com gosto assinará:
 “Grande dia, grandes dias
 Pretendo viver ainda
 nesta casa que agasalha,
 vida que ser quer infinda,
 entre amigos, junto ao amigo
 melhor, que é o nosso Plínio”.
 Isto posto, eis o que digo,
 não resistindo ao fascínio
 de escrever – como se infere –
 em tão gostoso ambiente:
 – livro, livro, vá em frente!
 E a todos reúna, e valha.
 (Guimaraens Filho, 1972: 7)

Os sabadoyleanos não viam a ata nos limites da definição anteriormente apresentada mas como registros informais. Drummond assim a elas se referiu:

[...] mas porque as atas, se não existe associação? E explica-se: a ata não tem valor documental ou histórico; é apenas um lembrete das horas amenas, em que se esquecem preocupações e tédios, no exercício desta coisa que se vai tornando rara ou impossível na cidade de hoje: a conversa – a pura, simples, fantasista, descompromissada conversa entre amigos e desconhecidos ou mal-conhecidos, que se tornam amigos por força das aproximações aqui estabelecidas. O Sabadoyle afinal é isto; e acaso precisaria ser mais alguma coisa, se já é tanto para o espírito e o coração de todos nós? [...] (Andrade, 1974: 279-284). (Anexo 7)

Outro aspecto peculiar das atas do sabadoyle é que as mesmas eram redigidas tanto durante as reuniões como antes, nunca depois. Em relação a essas últimas, tratava-se de uma orientação do próprio Plínio no caso de comemorações e homenagens. O anfitrião solicitava a um dos participantes que já fosse para aquela determinada reunião com a ata pronta, da qual constava uma pequena história do evento comemorado ou uma biografia do homenageado.

Em que pese sua singularidade, as atas acabaram por se constituir nas mais importantes fontes primárias de pesquisa sobre o sabadoyle. Nelas encontram-se registradas excelentes escritos literários, do mais fino humor e da emoção mais autêntica, bem como as homenagens prestadas aos confrades e amigos no âmbito das reuniões. Podemos mesmo afirmar que a história desse grupo literário dificilmente poderia ser contada sem suas atas. É pois nesse tipo de documento que nos apoiamos para desenvolver a nossa pesquisa.

As atas do sabadoyle são, em sua maioria, manuscritas e ocupam, em média, uma folha e meia do livro. Algumas foram datilografadas, coladas na folha do livro, e, então, assinadas pelos presentes àquela determinada reunião.

A leitura das atas propiciou uma viagem à essência do sabadoyle, resgatando os laços de amizade e de identificação intelectual existente entre os participantes das reuniões.

Apesar do sabadoyle não ter sido estruturado formalmente, ele foi “sentido” por seus frequentadores como uma “instituição” definida por convenções e regras.

As primeiras atas refletem as manifestações de agradecimento a Plínio Doyle por franquear o acesso à sua biblioteca particular, os próprios participantes, o bate-papo, o café da Idalina (a empregada do casal de anfitriões), os sucos e os biscoitos servidos após o término das conversas.

O cotidiano muitas vezes serviu de assunto para as atas. Dessa categoria podemos comentar que o outono, o verão, as praias, a chuva, o céu no entardecer, as árvores floridas na primavera, foram contemplados. Da mesma forma as datas comemorativas do calendário oficial do país e os feriados de caráter religioso (de todas as crenças) também mereceram belas atas. Houve ainda espaço para se comentar fatos sociais, políticos e culturais do Estado do Rio, do Brasil e do mundo.

A incorporação do livro de atas às reuniões foi determinante para a formação da memória documental do sabadoyle. A idéia de registrar para as futuras gerações a história das “tertúlias” foi alimentada por todo o grupo, de tal maneira que as atas obedecem a um “roteiro idealizado”, onde a sensibilidade do autor está a serviço da memória coletiva. Lembremos a menção à idéia de arquivo feita por Alphonsus de Guimaraens Filho na primeira ata do sabadoyle por ele elaborada.

Passemos agora a uma análise mais detalhada do teor das atas.

Em seu primeiro ano de existência, 1972, as atas registram apenas o ambiente fraterno que permeava as reuniões e a excelência da biblioteca do anfitrião.

A ata de 14 de julho de 1973 recebeu do seu autor, Joaquim Inojosa, profunda análise do movimento modernista brasileiro da década de 1920. A reunião desse dia homenageou o escritor José Américo de Almeida pelos quarenta e cinco anos de publicação do seu romance *A Bagaceira*.

A fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, ocorrida em 15 de março de em 1975, mereceu registro do sabadoyleano Péricles Madureira Pinho, em ata do dia 8 daquele mesmo mês e ano:

Vivemos o último sabadoyle no Estado da Guanabara. No próximo dia 15, sábado que vem, estaremos todos transferidos “armas e bagagens” para o novo Estado Deus nos está livrando miraculosamente de outro Estado Novo!). Morre assim Guanabara aos 15 anos. Se mulher apenas desabrochara. Homem nem isso. O Estado viveu como a rosa do poeta “o espaço de uma manhã”. 15 anos equivale em idade política à manhã da rosa. O fato é que sem sairmos dos lugares estaremos por encanto já no sábado sob outra organização jurídica, mais territórios, obedientes a outros senhores, milagre combinado entre Engenharia e Direito. Alinharam-se e mergulharam-se tubutões, armaram-se cimento e ferro: surgiu a ponte. Redigiram-se novos textos: surgiu o Estado. A Engenharia não tem ficções, mas o direito vive quase exclusivamente delas. Se Guanabara morre cedo, mais cedo ainda morreu o seu arquiteto. Os 50 anos da vida do grande San Tiago Dantas foram bem menos que os 15 anos do seu filho único. Ele muito teria ainda a dizer, seu desaparecimento nos empobreceu. Guanabara, embora de menor idade, deixa em testamento intocável patrimônio exuberante: a beleza natural, a cordialidade dos homens, a exibição generosa das mulheres. O milagre da unidade brasileira será mantido: amanheceremos o dia 15 falando a mesma língua, com as nossas mesmas crenças, garantida a paisagem e os belos corpos femininos. É que o Rio continua. (Pinho, 1975: 309-310).

A nova realidade política do Estado também recebeu do magistrado Severo da Costa algumas considerações em ata de 15 de março de 1975:

Num belo dia, também de encomenda, virou capital dos Brasis (Reino Unido, Império, República), tudo de repente, por decreto, nossa grande força propulsora. Mais tarde, fizeram com o Rio a mesma “ursada” que ele fizera com a Bahia, e viramos cidade-estado, com o bonito nome de Guanabara. Hoje, 15 de março de 1975, voltamos à velha Província do Rio de Janeiro, da qual o Ato Adicional nos separara. Tinha muita força mesmo aquela crônica de 1896d e Machado de Assis:

“Tudo pode acontecer. Um dia, quem sabe? Lançaremos uma ponte entre esta cidade e Niterói, uma ponte política, entenda-se, nada impedindo que também se faça uma ponte de ferro. A ponte política ligará os dois Estados, pois que somos todos fluminenses, e esta cidade passará de capital de si mesma a capital de um grande Estado único, a que se dará o nome de Guanabara. Os fluminenses do outro lado da água restituirão Petrópolis aos veranistas e seus recreios. Unidos, seremos alguma coisa mais que separados, e, sem desfazer nas outras, a nossa capital será forte e soberba”. (Costa, 1975: 311-315)

A presença do ex-presidente da República, Juscelino Kubitscheck de Oliveira, agitou o sabadoyle no dia 16 de agosto de 1975, conforme verificado em ata de Alphonsus de Guimaraens Filho.

Aos 16 dias do mês de agosto de 1975 reuniram-se em casa de Plínio Doyle, como habitualmente, os sabadoylianos. Cabe consignar principalmente a presença do Presidente Juscelino Kubitscheck, que assim distinguiu os freqüentadores da biblioteca de Plínio Doyle com sua primeira participação nos encontros sabatinos. Homem público que se afirmou, desde cedo, como incentivador das artes, e a que nunca faltaram iniciativas nesse sentido, o Presidente Juscelino Kubitscheck incorporou-se assim, de bom grado, ao bate-papo semanal, sendo-lhe dado participar, por igual, do café, biscoitos e demais iguarias que costumam servir de estímulo às conversas tão várias e variadas de quantos aqui se reúnem movidos pelo só interesse de debater, sem ênfase ou premeditados temas e programas, questões relacionadas com as atividades que mais lhes interessam ou apaixonam. Todos os presentes manifestaram sua mágoa pela morte, em Lisboa, do grande Murilo Mendes. De tudo fiz a presente ata, que vai por todos assinada. (Guimaraens Filho, 1975: 357).

Um ano depois Homero Senna registra em ata de 3 de janeiro, na qual faz uma retrospectiva do sabadoyle no ano de 1975, a pretensão acadêmica do ex-presidente Juscelino Kubitscheck de Oliveira

Nesta primeira ata de 1976, o secretário poderia referir os principais acontecimentos que marcaram, no ano que findou, esta pacata comunidade sabadoyliana: em 16 de agosto, a visita do presidente Juscelino Kubitscheck, então candidato à vaga de Ivan Lins na Academia Brasileira. [...] (Senna, 1976: 39-41)

O ex-presidente foi mencionado ainda uma vez, por ocasião do seu falecimento, em reunião do sabadoyle ocorrida em 28 de agosto de 1976, da qual se lavrou a seguinte ata:

Normalmente, esta ata devia ser tarjada de negro. Vou tarjá-la de azul e rosa, primeiro, porque não concebo o nosso Peixe-Vivo imóvel, aprisionado numa cova, segundo, porque rosa e azul são cores de sonho, e ele se carregou de sonhos, desde a noturna Diamantina das serenatas, até a luminosa Brasília, oferecida aos “ventos que hão de vir”.

Recebeu aclamações e apupos. Flores e pedradas. Depois, para sua maior glória, foi perseguido e crucificado. O povo, então, o tomou nos braços, porque não via nele dolo, nem malícia.

Aqui, na casa de Plínio, nosso irmão, estive entre nós, faz um ano, neste mesmo agosto que o levou. Os literatos o atraíam. Sentia-se um irmão deles, porque amava toda espécie de sonhos.

Dizem que o Padre Eterno deu ordem para que o recém-vindo fosse recebido com honras oficiais, tiros, continências e tudo. Mas os anjinhos de Ziraldo quebraram o protocolo e entoaram um coreto: Tim, dim, Tim dim, olá lá, lá, quem não gosta dele e não gostará! Foi um escândalo, mas o velho colheu as barbas para esconder o riso, e disse: com gente de Diamantina, não há outro jeito! (Anjos, 1976: 93-94).

A Academia Brasileira de Letras – ABL foi tema de umas poucas atas.

A disputa, ocorrida em 1974, entre Américo Lacombe, Ledo Ivo e Homero Homem a uma vaga naquela entidade, foi mencionada por Eduardo Canabrava Barreiros e Maximiano de Carvalho e Silva, em atas de 5 e 26 de janeiro daquele mesmo ano, respectivamente.

Outra menção à Academia foi por ocasião do seu primeiro centenário, comemorado no sabadoyle, em ata de agosto de 1997, redigida por Rachel de Queiroz, que faz um interessante histórico, datilogafado, sobre a entidade, acrescido do seguinte texto manuscrito:

Nada mais a altura das preocupações do sabadoyle, do que se falar da Academia Brasileira de Letras que comemora hoje o seu primeiro centenário. Por isso tomo a liberdade de inserir neste livro de atas, ilustrado por tantas figuras das letras nacionais as minhas evocações da fundação e do passado da ABL, que pode ter seus altos e baixos, mas terá sempre a sombra tutelar de Machado de Assis, a lhe emprestar grandeza.

Aos amigos do sabadoyle o meu saudar muito carinhoso. E se a pouca saúde me permitisse iria lhes levar pessoalmente o livro de atas que confiaram, honraria a que sei dar o devido valor.

Um abraço para todos, e, ao maioral Plínio Doyle, o velho afeto e a admiração da amiga de toda a vida.

Rachel de Queiroz. (Queiroz, 1997: 418-424)

As comemorações e homenagens foram uma constante na trajetória do sabadoyle. Aniversários de sabadoyleanos e do próprio grupo, lançamento de livros, comemorações de prêmios recebidos e outros eventos são registros recorrentes nas atas da entidade. Vejamos alguns.

A concessão do prêmio Intelectual do Ano para Afonso Arinos e do prêmio Jabuti, no gênero memórias, para Pedro Nava, foram saudados em versos de Alphonsus de Guimaraens Filho:

Eia! Outro motivo de encantamento presto consignemos aqui:
o nosso caro Pedro Nava ganhou o Prêmio Jabuti.
E agora, caro Pedro Nava, Pedro que exceles,
permite louvemos também a nossa Lígia Fagundes Teles.
(Guimaraens Filho, 1974: 257-258)

O principal registro documental do sabadoyle também teve seu aniversário comemorado. Os dez anos da primeira ata foram registrados em 13 de novembro de 1982. Na ocasião, Plínio fez questão de pedir ao autor da primeira ata, Alphonsus de Guimaraens Filho, que redigisse o documento comemorativo. Trata-se da ata de 13 de novembro de 1982 que, mais uma vez, Alphonsus redigiu em versos:

Há dez anos eu fazia,
Em verso, a primeira ata.
Foi-se o tempo em catarata.
Mas nesses nosso vividos
Aqui, num convívio ameno,
Uma ata outra desata,
chegamos quase a quinhentas.[...] (Anexo 8)
(Guimaraens Filho, 1982: 91-92)

O total de 500 atas também mereceu um registro detalhado e bem humorado de Drummond e Plínio Doyle. Em documento de 22 de janeiro de 1983, o poeta computa

desde o número de vezes em que os sabadoyleanos se reuniram, passando pelo número de pessoas presentes até a quantidade de café e biscoitos servidos.

Os vinte anos do sabadoyle foram comemorados em várias ocasiões ao longo dos anos de 1984 e 1985. A esse respeito Drummond escreveu em ata de dezembro de 1984:

Os vinte anos decorridos após aquela primeira conversa dividida entre a voluptuosidade da página impressa e as doçuras do Natal, são outros tantos vividos por Plínio Doyle no esforço de manter aceso um ideal de confraternização à margem de todos os motivos de tensão e incompatibilidade ideológica...Aqui estamos pois reunidos como uns poucos o estiveram em tarde esperançosa de dezembro de 1964: com a mesma aberta e o mesmo fervor de espírito de coração. (Andrade, 1984: 437-449). (Anexo)

Um evento marcante dos vinte anos do sabadoyle foi o lançamento do livro *História de uma confraria literária*, de autoria de Homero Senna, registrado em ata de 14 de dezembro de 1985. Trata-se da única fonte secundária que se tem notícia sobre os primórdios da entidade.

Em ata de 3 de maio de 1986, Plínio registrou a comemoração dos 60 anos de amizade com Américo Lacombe. Na ata seguinte, de autoria de Lacombe, este acrescenta informações sobre a amizade dos dois e relata, minuciosamente, como convém a um historiador, o funcionamento do CAJU.

Gilberto Mendonça Teles brindou os sabadoyleanos com uma ata, datada de 22 de fevereiro de 1992, na qual analisa a repercussão da Semana Arte Moderna em todo Brasil. Teles intitulou sua ata de Os Pontos Cardeais da Semana Arte Moderna e dela tiramos o seguinte trecho:

Assim, nestes Pontos Cardeais da S.A.M. procuro resumir, para o sabadoyle, a visão que venho divulgando através de livros como Vanguarda Européia e Modernismo Brasileiro (1972, hoje na décima edição), Retórica do silêncio I (1979) e Estudos de poesia brasileira (1985), editado em Portugal. A possível originalidade desta ata consiste no sentido didático e na súpula de informações provenientes dos três livros mencionados. Veja, a seguir, o que entendo por “pontos cardeais” da S.A.M. (Teles, 1992: 19-24).

A década de 1990 registra, nas reuniões do sabadoyle, um maior número de homenagens e comemorações. Entretanto, há que registrar a menção a alguns fatos estranhos ao âmbito literário observada na segunda ata do ano de 1994. São eles: questão

indígena; Copa de mundo; troca de moeda no Brasil para o Real; 50 anos do desembarque das tropas aliadas na Normandia (o Dia D) e o falecimento de Tom Jobim.

No ano de 1995 registramos a comemoração dos noventa anos do nascimento de Álvaro Cotrim, do 30º aniversário de morte de Cecília Meireles; do 30º aniversário do falecimento de Augusto Frederico Schmidt; dos 50 anos da morte de Mário de Andrade; os 56 anos da morte do criminalista Evaristo de Moraes e outros.

Em 1996 o destaque são os noventa anos de Plínio Doyle intensamente comemorados dentro do grupo.

As homenagens seguem no ano de 1997. A primeira ata do ano é dedicada aos vencedores do Prêmio Carioquinha de Literatura Infantil, Isabel Lustosa e Reynaldo Valinho Alvarez. Outros homenageados foram: Afrânio Peixoto, pelos cinquenta anos do seu falecimento; Antonio Calado pelo conjunto da obra; Adolfo Caminha pelo centenário de sua morte e outros.

Em 7 de março de 1998, Plínio Doyle começou um novo livro de atas, o décimo primeiro, que viria a ser o último. Sua abertura foi feita, a pedido de Doyle, por Alphonsus de Guimaraens Filho, o mesmo que, ironicamente, havia feito a primeira de todas as atas:

Abro eu, comovido, neste ano
tão próximo do século vinte e um,
mais um livro de atas, eu que ufano
lembro que numa surpresa de incomum

ressonância em mim mesmo, abri no lhano
lar do Plínio, em momento que nenhum
outro me acode grato assim, num plano
superior, o livro número um.

Foram dez livros, num repositório
de emoção, pensamentos, bem-querer.
E agora, Plínio amigo, que dizer?

Eu só posso almejar que, meritório,
o que anos teceram cresça e vá
à mesma luz que brilhou e brilhará,
e que Deus nos fez, juntos, acender
(Guimaraens Filho, 1998: 3-4)

Não há dúvidas de que a prática de redação de atas, durante longos 26 anos, gerou um rico e fiel registro do que foi o sabadoyle.

É interessante observar que nos anos de 1990 as reuniões já não contavam mais com a biblioteca do anfitrião uma vez que esta havia sido vendida para a Fundação Casa de Rui Barbosa. Entretanto, a análise das atas desse segundo momento do grupo, evidencia que os sabadoyleanos seguiam se encontrando com a mesma motivação, qual seja a sensação de pertencimento a um grupo que sabia combinar fraternidade com gosto literário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na história do sabadoyle o primeiro aspecto a ser observado é a ausência de uma intencionalidade na sua criação. Uma visita de Drummond à residência de Plínio Doyle, numa tarde de sábado, se repetiu nos sábados seguintes. Logo Lacombe bateu à porta buscando chegar em Drummond por meio do amigo Plínio. Formou-se o grupo de três que, em pouco tempo, se multiplicou com a chegada de outros amigos e amigos dos amigos. O ponto em comum? O gosto pela literatura.

Era o ano de 1964 e os encontros se sucederam, sempre aos sábados e sempre na casa de Doyle. Afinal eram tempos de agitação política e o ambiente externo contrastava com a atmosfera intimista, fraterna e de troca intelectual do que viria a ser o sabadoyle. Refúgio literário? Consideramos que sim. Um depoimento nesse sentido nos é dado por Drummond em ata relativa à comemoração dos vinte anos do sabadoyle na qual, ao se reportar ao ano de 1964, fala do esforço de Plínio em

manter aceso um ideal de confraternização à margem de todos os motivos de tensão e incompatibilidade ideológica [...] Aqui estamos pois reunidos como uns poucos o estiveram em tarde esperançosa de dezembro de 1964: com a mesma aberta e o mesmo fervor de espírito de coração. (Andrade, 1984: 437-449).

Há que destacar que a ausência de temas políticos era uma das características que permeou toda a existência do grupo. O anfitrião não só era avesso a esses assuntos, como solicitava que os mesmos fossem evitados durante os encontros. Nas vezes em que foram abordados, os sabadoyleanos o fizeram de modo bastante pitoresco. É o que se apreende das atas que falam da fusão do Estado da Guanabara com o Estado do Rio de Janeiro, e da visita do ex-presidente Juscelino Kubitschek, datadas de 1975 e 1976, respectivamente, citadas no Capítulo 3 dessa pesquisa.

Assim, é certo que a finalidade do sabadoyle era mesmo promover um encontro literário pleno de informalidade. Nisso se diferenciava da Academia Brasileira de Letras da qual eram membros alguns sabadoyleanos como: Américo Lacombe, Deolindo Couto, Walter Benevides e outros. Mesmo as homenagens e comemorações, tão frequentes nas reuniões de sábado, eram dotadas de total simplicidade, com um caráter eminentemente

fraterno. Na verdade, o sabadoyle figurava como um ambiente literário alternativo, desprovido de pompas e de qualquer intenção de ostentação do saber.

E quanto à preservação da memória literária, havia essa intenção no sabadoyle? Acreditamos que sim pois a prática de documentar as reuniões foi adotada desde seus primórdios por meio dos depoimentos escritos, a partir de 1966, e das atas, elaboradas a partir de 1972. Nesse mesmo contexto, não é por acaso que a criação do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira – AMLB, da Fundação Casa de Rui Barbosa- FCRB, se dá no âmbito do sabadoyle.

A criação de um local de guarda de acervos literários era um sonho de Drummond e motivo de conversas nas reuniões em casa de Plínio.

Em crônica no *Jornal do Brasil*, em junho de 1972, Drummond escreveu em tom de apelo:

Velha fantasia deste colunista - e digo fantasia porque continua dormindo no porão da irreabilidade – é a criação de um museu de literatura. Temos museus de arte, história, ciências naturais, carpologia, caça e pesca, anatomia, patologia, imprensa, folclore, teatro, imagem e som, moedas, armas, índio, república...de literatura não temos... Mas falta o órgão especializado, o museu vivo, que preserve a tradição escrita brasileira, constante não só de papéis como de objetos relacionados com a criação e a vida dos escritores. É incalculável o que se perdeu, o que se perde por falta de tal órgão. Será que a ficção, a poesia e o ensaio de nossos escritores não merecem possuí-lo? O museu de letras, que recolhesse espécimes mais significativas, prestaria um bom serviço. (Andrade, 1972)

Naquele mesmo ano, Plínio entrou em contato com o editor José Olímpio para a criação do “museu vivo”. Entretanto, as dificuldades financeiras enfrentadas pela Livraria José Olímpio Editora naquela época inviabilizaram a criação do instituto. Foi quando seu amigo Américo Lacombe, dirigente da Fundação Casa de Rui Barbosa, formulou a proposta da criação de tal órgão nas instalações da instituição que dirigia. E assim, em 28 de dezembro de 1972, foi criado o Arquivo-Museu de Literatura (AML)¹.

¹ Criado como Arquivo-Museu de Literatura (AML), o setor teve seu nome alterado, mais tarde, para Arquivo-Museu de Literatura Brasileira (AMLB).

O sonho de Drummond acabou sendo concretizado a partir dos laços de amizade do trio fundador das reuniões de sábado. Sobre o fato, o poeta escreveu outra crônica em que diz:

A idéia nasceu nas conversas de sábado que alguns escritores amigos de Plínio Doyle costuma ter em sua biblioteca de Ipanema. Américo Lacombe, presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa, logo lhe apreendeu o interesse e decidiu torna-la realidade...

(Andrade, 1973)

Na mesma crônica Drummond pede doações:

Colecionador ou não colecionador, que tenha em casa um retrato, uma carta, um poema, um documento de escritor brasileiro digno do nome de escritor, e pode com ele enulentar o arquivo-museu menino, dirigido pelo espírito público de Plínio Doyle na Casa de Rui Barbosa: faça um *beau geste*, mande isso para São Clemente, 134, e terá oferecido a si mesmo o prêmio de uma satisfação generosa.

(Andrade, 1973)

O AMLB abriga hoje um total de 121 arquivos entre os quais o do seu primeiro diretor, isto é, Plínio Doyle.

Quando assumiu o AMLB, em 1972, Plínio trouxe o seu arquivo. A partir de então, passou a ter dois locais de acumulação de seus papéis: o AMLB e a sua própria residência. Ao falecer, no ano 2000, sua filha, Sônia Doyle, encaminhou para a FCRB o restante dos documentos de seu pai.

No arquivo de Plínio Doyle destacamos a série produção intelectual de terceiros na qual se encontram originais de crônicas de Olavo Bilac, poesias de Tristão de Atayde etc.

Outros originais importantes existentes no AMLB se configuram como coleções uma vez que se trata de documentos esparsos, de diferentes origens, doados ao setor por causa de Doyle. Reconhecido pelos escritores e editores brasileiros como um grande preservador de documentos, muitos recorriam a Plínio para confiar-lhe a guarda de seus manuscritos ou de terceiros. Como exemplo podemos citar a doação feita por José Olympio de originais de José Lins do Rego e o manuscrito Til, de José de Alencar, doado pela família Lucio de Mendonça.

Entendemos o interesse de Plínio por originais literários como um modo do bibliófilo compensar sua falta de aptidão para esse tipo de escrita. É sabido que Doyle nunca publicou nenhuma obra de literatura.

O fato das reuniões de escritores acontecer em sua residência, é outro indicativo de uma intenção de estar próximo do mundo literário ainda que não pudesse com ele contribuir com escritos próprios.

Finalmente, o zelo de Doyle pela redação das atas e o fato de tê-las incorporado ao seu arquivo pessoal, podem ser vistos como uma tentativa de Plínio de, por meio de uma escrita de si², construir sua identidade literária.

No que diz respeito ao perfil dos frequentadores do sabadoyle ao longo dos seus trinta e quatro anos de existência, identificamos dois grupos de participantes assíduos: um que se estende desde os seus primórdios, no ano de 1964, e segue até o ano de 1990 e outro que se inicia em 1991 e vai até o fim da entidade, ocorrido em 1998.

Com base na análise efetuada no Capítulo II de nossa pesquisa, construímos o quadro comparativo abaixo:

Quadro comparativo dos grupos 1 e 2

Tabela 12

Itens analisados	Grupo 1 (1964 – 1990)	Grupo 2 (1991- 1998)
Origem regional:	Mineiros	Cariocas
Geração:	1900 e 1910	1920 e 1930
Idade inicial no sabadoyle	60 e 70 anos	60 e 70 anos
Grau de instrução	Nível superior (direito)	Nível superior (direito)
Atuação literária	88% com atuação literária;	88% com atuação literária;
Sexo	100% homens	57,89% mulheres

Como resultado de nossa análise apresentamos as seguintes considerações: o sabadoyle não teve uma criação intencional, isto é, na há em sua origem uma intenção explícita; a agremiação se apresentava sim como uma academia de letras alternativa, onde a informalidade e os laços fraternos reinavam soberanos; o primeiro grupo de sabadoyleanos é constituído de escritores já consagrados no cenário nacional e do sexo masculino, já o segundo é formado por uma nova geração em busca de uma afirmação no campo literário, sendo que a grande novidade desse grupo é a participação efetiva do sexo feminino.

Finalmente constatamos que o sabadoyle começa como um lugar de encontros de escritores consagrados e termina como um lugar de consagração de novos escritores.

² Segundo Gomes (Gomes, 2004: 8) uma escrita de si englobaria desde atas, diários, correspondência, biografias até o “...recolhimento de objetos materiais, com ou sem intenção de resultar em coleções.”

REFERÊNCIAS ARQUIVÍSTICAS E BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias: Arquivos pessoais

Arquivo de Américo Lacombe
 Arquivo de Carlos Drummond de Andrade
 Arquivo de Ciro dos Anjos
 Arquivo de Homero Homem
 Arquivo de Joaquim Inojosa
 Arquivo de Pedro Nava
 Arquivo de Peregrino Júnior
 Arquivo de Péricles Madureira de Pinho
 Arquivo de Plínio Doyle
 Arquivo de Raul Lima
 Arquivo de Sílvio Meira
 Arquivo de Walter Benevides

Fontes primárias: depoimentos e atas do Sabadoyle

ANDRADE, Carlos Drummond de. [Ata]. In: SABADOYLE, 1984 dez.[22], Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 4, p.437-449.

_____. [Ata]. In: SABADOYLE, 1974 dez. 28, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v.1, p.279-284.

_____. [Depoimento]. In: SABADOYLE, 1966 jan. 17, Rio de Janeiro. *Gente que por aqui passou...*, v.1, p.17-19.

ANJOS, Ciro dos. [Ata]. In: SABADOYLE, 1976 ago. 28, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 2, p. 93-94.

BARBOSA, Francisco de Assis. [Depoimento]. In: SABADOYLE, 1966 abr. 12, Rio de Janeiro. *Gente que por aqui passou...*, v.1, p. 34.

BERGER, Paulo. [Depoimento]. In: SABADOYLE, 1966 mar. 20, Rio de Janeiro. *Gente que por aqui passou...*, v.1, p. 29.

BOPP, Raul. [Ata]. In: SABADOYLE, 1974 abr. 6, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 1, p.191-199.

COSTA, Severo da. [Ata]. In: SABADOYLE, 1975 mar. 15, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 1, p.311-315.

COUTINHO, Afrânio. [Depoimento]. In: SABADOYLE, 1966 abr. 29, Rio de Janeiro. *Gente que por aqui passou...*, v. 1, p. 20.

DOYLE, Plínio. [Termo de abertura]. In: SABADOYLE, 1965 out. 30, Rio de Janeiro. *Gente que por aqui passou...*, v. 1, p. 3.

_____. [Ata]. In: SABADOYLE, 1998 dez. 26, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 11, p. [280-283].

DOYLE, Sônia. [Ata]. In: SABADOYLE, 1975 jan. 25, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 1, p. 293-294.

FONSECA, José Eduardo da. [Ata]. In: SABADOYLE, 1973 mar. 24, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 1, p. 49-50.

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. [Ata]. In: SABADOYLE, 1975 ago. 16, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 1, p. 357.

_____. [Ata]. In: SABADOYLE, 1974 out. 26, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 1, p. 257-258.

_____. [Ata]. In: SABADOYLE, 1982 nov. 13, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 4, p. 91-92.

_____. [Ata]. In: SABADOYLE, 1972 nov. 11, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 1, p. 7.

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de. [Ata]. In: SABADOYLE, 1998 mar. 7, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 11, p. [3-4].

INOJOSA, Joaquim. *70 Atas sabadoylianias*, 1980. [Rio de Janeiro]: Edições Sabadoyle, 1980.

LACOME, Américo. [Depoimento]. In: SABADOYLE, [1966], Rio de Janeiro. *Gente que por aqui passou...*, v. 1, p. 21-22.

LIMA, Raul. Apresentação. In: SABADOYLE, 1974, Rio de Janeiro. *Atas-poemas*, [Rio de Janeiro], 1974.

- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. [Depoimento]. In: SABADOYLE, 1966 jan. 2, Rio de Janeiro. *Gente que por aqui passou...*, v. 1, p. 7.
- MEIRA, Sílvio. [Ata]. In: SABADOYLE, 1988 dez. 24, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 6, p. 399-405.
- MENEZES, Carlos. [Depoimento]. In: SABADOYLE, 1998 jul. 25, Rio de Janeiro. *Gente que por aqui passou...*, v. 2, p. 206.
- MONTEIRO, Fernando. [Ata]. In: SABADOYLE, 1975 fev. 1, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 1, p. 295-302.
- MURTINHO, Kalma. [Depoimento]. In: SABADOYLE, 1974 fev. 2, Rio de Janeiro. *Gente que por aqui passou...*, v. 1, p. 140.
- NAVA, Pedro. [Ata]. In: SABADOYLE, 1975 jan. 11, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 1, p. 289-291.
- _____. [Ata]. In: SABADOYLE, 1978 dez. 23, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 2, p. 366-372.
- NÓBREGA, Nísia. [Depoimento]. In: SABADOYLE, 1981 jul. 19, Rio de Janeiro. *Gente que por aqui passou...*, v. 1, p. 234.
- PINHO, Péricles Madureira de. [Ata]. In: SABADOYLE, 1975 mar. 8, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 1, p. 309-310.
- QUEIROZ, Rachel de. [Ata]. In: SABADOYLE, 1997 jul. 19, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 10, p. 418-424.
- SENNA, Homero. [Ata]. In: SABADOYLE, 1976 jan. 3, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 2, p. 39-41.
- SILVA, Maximiano de Carvalho e. [Ata]. In: SABADOYLE, 1975 jan. 18, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 1, p. 292.
- TELES, Gilberto Mendonça. [Ata]. In: SABADOYLE, 1992 fev. 22, Rio de Janeiro. *Barão 74*, v. 8, p. 19-24.
- VALENTE, Paulo Gurgel. [Depoimento]. In: Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, 1971 jan. 12, Rio de Janeiro. Livro de Visitantes, v. 1, p. 6.

Fontes secundárias:

ABREU, Alzira Alves de (Coord.). *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: 1930-1983*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. 5 v.

ABREU, Regina. Entre a nação e a alma: quando os mortos são comemorados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, p. 205-230, jul./dez. 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.

BLACKBURN, Simon. *Dicionário Oxford de filosofia*. Rio de Janeiro: J.Zahar, 1997. Consultoria da edição brasileira de Danilo Marcondes.

BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001. 204 p.

_____. A ação cultural. In: BOMENY, Helena e outros. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Edusp, Paz e Terra, p. 79-105. 1984.

BURITY, Joanildo. *A cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

CÂNDIDO, Antônio. A Revolução de 1930 e a cultura. *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, v. 2, p. 27-36, abr. 1984.

COSTA, Célia M. Leite. Intimidade versus interesse público: a problemática dos arquivos. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 189-200, jan./jul. 1998.

DICIONÁRIO *brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006. 232 p.

DOYLE, Plínio. *Uma vida*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, Edições Casa de Rui Barbosa, 1999.

DURANTI, Luciana. Registros documentais contemporâneos como prova de ação. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 49-64, jan./jun. 1994.

EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A crise dos anos de 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1. p. 389-415, 2003.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Getúlio Vargas e as comemorações. In: ART, Gunter; BARROS FILHO, Omar L.; SEELIG, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia. (Org.). *Da vida para a história: reflexões sobre a era Vargas*. Porto Alegre: Procuradoria Geral de Justiça, Memorial do Ministério Público, 2005. v. 2. 244 p. (Coleção Sujeito & perspectiva).

FERREIRA, Marieta de Moraes; SARMENTO, Carlos Eduardo. A República brasileira: pactos e rupturas. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, p.451-495, 2003.

_____. A reação republicana e a crise política dos anos 20. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, jan./jul. 1993.

FRAIZ, Priscila. Arquivos pessoais e projetos autobiográficos: o arquivo de Gustavo Capanema. In: GOMES, Ângela de Castro. *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 73-102, 2000.

FRAIZ, Priscila. *A construção do “eu” autobiográfico: o arquivo privado de Gustavo Capanema, 1994*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira)–Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1994.

_____. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.11, n. 21, p. 59-88, jan./jul. 1998.

GOMES, Ângela de Castro (Org). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 62-77, jan./jul. 1993.

_____. O ministro e sua correspondência: projeto político e sociabilidade intelectual. In: _____ (Org). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000. p. 13-47.

_____. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-8, jan./jul. 1998.

HALBWACKS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Laís Teles Benois. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. *As identidades culturais na pós-modernidade*. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004. p. 47-65.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.10, n.19, p. 41-66, 1997.

HOBBSBAWN, Eric ; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura – um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

LE GOLF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *História e memória*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.

LEITURA. Rio de Janeiro: Leitura, 1964. Apresentação da coluna de Plínio Doyle.

LUSTOSA, Isabel. *Lacombe, narrador*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1996. (Papéis avulsos)

MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário ilustrado da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1972. v. 1, p. 28-29.

NOBRE, Ana Luisa. *Carmem Portinho: o moderno em construção*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Cultura e identidade nacional no Brasil do século XX. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 2, p. 339-369.

_____. Imaginário histórico e poder cultural: as comemorações do descobrimento. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 26, p. 183-202, 2000.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. v. 2, p.127-134.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n. 3, p.3-15, jan./jul. 1989.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-215, jan./jul. 1992.

POMIAN, K. *Enciclopédia Einaudi*. [Lisboa]: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, c1989.

SÁ, Celso Pereira de. *Memória, imaginário e representações sociais*. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005.

SCHWARCZ, Lilia. Academia no paralelo. In: EL FAR, Alessandra. *A encenação da imortalidade*. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2000. p. 9-12. O trabalho se constitui na apresentação da obra.

SEMPRINI, Andréa. *Multiculturalismo*. Tradução de Laureano Pelegrin. Florianópolis: Edusc, [19 –]. p. 129-169.

SENNA, Homero. *Américo Jacobina Lacombe: o servidor público, o historiador*. Rio de Janeiro: FCRB, 1996.

_____. *História de uma confraria literária: o Sabadoyle*. Rio de Janeiro: Xerox do Brasil, 1985.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 137-142, jan./jul. 1993.

SOARES, Lucila. *Rua do Ouvidor, 110: uma história da livraria José Olympio*. Rio de Janeiro: J. Olímpio, Editora FBN, 2006. 203 p.

VASCONCELLOS, Eliane. *O Arquivo-Museu de Literatura Brasileira: um sonho drummondiano*. Rio de Janeiro: FCRB, 1997.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. v. 2.

_____. Modernismo no Rio de Janeiro. In: SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH, 19, 1997, Belo Horizonte. *História e cidadania*, São Paulo: Humanitas, 1998. v. 2.

_____. O modernismo e a questão nacional. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003. v. 1, p. 353-386.

VIANNA, Aurélio; LISSOVSKI, Maurício; SÁ, Paulo Sérgio Moraes de. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. *Arquivo & Administração*, Rio de Janeiro, v. 10-14, n. 2, p. 62-76, jul./dez. 1986.

WERNECK, Maria Helena V. Homens de arquivo: o poder entre papéis e livros. In: _____. *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. São Paulo: Unesp, [19 –]. p. 19-33.

WILLIAMS, Daryle. Gustavo Capanema, ministro da cultura. In: GOMES, Ângela de Castro (Org). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 251-269, 2000.

XAVIER, Laura Regina. *O patrimônio em verso e prosa: a correspondência entre Augusto Meyer e Rodrigo Melo Franco*, 2008. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais)–Centro de Pesquisa e Documentação/Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008.

Endereços da Internet:

<http://universodohaicai.vilabol.uol.com.br/adeusabelpereira.html>. Acesso em

2/1/2008.

<http://www.geocities.com/satiramorimo2/satira06.05.htm?20082>. Acesso em 2/1/2008.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0004-282x2002000100031... Acesso em 11/12/2007.

<http://www2.aplpb.com.br/academicos/horaciiod.htm>. Acesso em 11/12/2007.

http://insearch.insite.com.br/mod_perl/insearch.cgi?acao=view_cache&id_url=17984... Acesso em 11/12/2007.

http://pt.wikipedia.org/wiki/murilo_araujo. Acesso em 11/12/2007.

http://www.brasilcult.pro.br/ex_libris/catalogo.htm. Acesso em 25/3/2008.

<http://www.livrariaargumento.com.br/revista/artigo/sabadoyle.pdf>. Acesso em 30/6/2007.

<http://www.academia.org.br/>

<http://www.filologia.com.br/index.htm>. Acesso em 27/10/2007.

<http://www.ihgb.org.br/ihgb.php>. Acesso em 24/3/2007.

<http://www.forumdemocratico.org.br/?Page=View&ID=738>

Reportagens:

http://www.terra.com.br/istoegente/17/reportagens/testem_17.htm

http://veja.abril.com.br/290999/p_140.html

ANDRADE, Carlos Drummond de. Museu fantasia, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 11 jul. 1972.

_____. Em São Clemente, 134. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 4 jan.1973.

ANGÉLICA, Joana. Aloísio Magalhães e o patrimônio cultural – quem protege deve estar sentado ao lado de quem programa, *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 maio 1981.

MOTTA, Sônia Gadelha. A palavra que ficou, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 27 ago. 1977. Coluna Livro.

FERRARI, Marisa. Plínio Doyle: um caso de amor aos livros. *Cultura*, Rio de Janeiro, n. 9, mar. 1988.

MINDLIN, José. Saudade dos “sabadoyles”. *Época*, Rio de Janeiro, 5 fev. 2001.

1. Cronologia de Plínio Doyle

1906 – 01 de outubro, nascimento	Primeiro vôo de avião inventado por Santos Dumont, o 14 Bis
	1914 a 1918 – I Guerra Mundial
1916 – 10 anos	1917 – Revolução Russa
	1918 – Gripe espanhola na cidade do Rio de Janeiro
1920 – Censo demográfico feito por seu pai	Belle Époque
1921 – 15 anos	1921 – Enterro de João do Rio (o escritor Paulo Barreto), no dia 27 de julho
	1922 – Semana de Arte Moderna, Centenário da Independência do Brasil, e Revolta Tenentista do Forte de Copacabana
	1923 – Enterro de Rui Barbosa no dia 04 de março
1924 – Aulas particulares no centro da cidade	Falecimento de Nilo Peçanha
1926 – 20 anos	Falecimento de Claude Monet
1927 a 1931 – Faculdade de Direito	1928 – Alexander Fleming descobre a penicilina
1930 – Falecimento do seu pai, no dia 10 de outubro	Revolução de 1930
1934 – Casamento com Esmeralda em 01 de março, falecimento de sua mãe em 05 de maio	1932 – Revolução Constitucionalista
1935 – Início da relação profissional com a Editora José Olímpio (até 1960)	Falecimento do pintor Ismael Nery, Carlos Chagas descobriu o agente causador da doença de Chagas
1936 – 30 anos	Publicação de <i>Raízes do Brasil</i>
1946 – 40 anos	1939-1945 – II Guerra Mundial
1951 – Início de trabalho no escritório de advocacia de San Tiago Dantas	Posse de Eurico Gaspar Dutra
1956 – 50 anos	Inauguração da TV Tupi (em 1950)
	Início da indústria automobilística no Brasil
1957 – Volume de crônicas da coleção de Plínio Doyle autografado por Carlos	1957 – Lançamento soviético do Sputnik.

Drummond de Andrade	
1964 – Início do Sabadoyle	Golpe Militar no Brasil
1964 a 1967 – Escreveu a seção Arquivo Literário da revista <i>Leitura</i>	
1969 – Eleito sócio do IHGB	Primeiro homem a pisar na lua, falecimento de Rodrigo Otávio Filho
1971 – Organizou e presidiu a Associação Profissional dos Escritores do Estado da Guanabara e o Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro	Queda de um vão de 30 metros no Elevado Paulo de Frontin
1972 – Criação do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira na Fundação Casa de Rui Barbosa, que dirigiu de 1972 até 1990	Reportagem sobre a Guerrilha do Araguaia, no <i>O Estado de São Paulo</i> , Massacre de Munique (morte de atletas israelenses durante a Olimpíada)
1973 – Escreveu a coluna Correspondência de Escritores no <i>Jornal de Letras</i>	Fim da Guerra do Vietnã
1976 – Aposentadoria de Procurador da Fazenda Nacional	Falecimentos de Di Cavalcanti e Juscelino Kubistcheck
1977 – Publicou <i>História de revistas e jornais literários</i>	Promulgada a lei do divórcio no Brasil
1979 a 1982 – Diretor da Biblioteca Nacional	
1981 a 1987 – Integra o Conselho Federal de Cultura	
1990 – Desliga-se oficialmente da Fundação Casa de Rui Barbosa	
1996 – 90 anos. Recebe homenagem do IHGB no dia 20 de novembro	
1999 – Publicou <i>Uma vida</i> (memórias)	
2000 – Falecimento no dia 26 de novembro, aos 94 anos	
2006 – Centenário de nascimento. Exposição na Fundação Casa de Rui Barbosa em homenagem ao centenário de Plínio Doyle no dia 9 de novembro	

2. Poema Sabadoyle II, de Raul Bopp.

Academia

A casa de Plínio Doyle

virou quase Academia.

Acolhe a gente que escreve

com a maior simpatia.

Um bate-papo agradável

nos grupos se desenrola.

Vai passando a cada instante

cafezinho e pepsi-cola.

Drummond

Vem Drummond, rei dos poetas,

meio tímido, mas vem.

Pelas coisas que ele escreve

todo o Brasil lhe quer bem.

Pedro Nava

Vem também o Pedro Nava

com dois livros imortais.

Remexeu ossos da História

por toda Minas Gerais.

Raul Lima

Comparece o Raul Lima

que nos grupos se mistura

levando em baixo do braço

livros de literatura.

Zé Américo

Surge agora o Zé Américo
com ar meio jururu.
Conversa em voz baixa, como
coqueiros de Tambaú.

Vários

Vêm Berger e Monteiro
Quem é que falta na lista?
Falta o Álvaro, famoso
como caricaturista.

Homero Homem

Aparece o Homero Homem
com vários livros, que assina.
Faz poesia. Escreve a História
da Imperatriz Leopoldina.

Mário da Silva Brito

O Mário da Silva Brito
numa roda à parte explica
como o papel está caro
pros livros que ele publica.

Severo da Costa

Severo, apesar do nome
chega sorridentemente.
Fala com uns e com outros
Dá um abraço a toda a gente.

Mota Filho

Cândido Mota, o Motinha,
sempre gentil, sempre igual:
Só foi duro na Justiça
do Tribunal Federal.

Peregrino Júnior

Peregrino, na Amazônia,
dizem que andava de tanga.
Aprendeu feitiçaria
para escrever o Pussanga.

Afonso Arinos

O Afonso, de estirpe fina,
por bons augúrios cuidado,
veio de Paracatu,
pra ser Ministro de Estado.

Luís Viana Filho

Vem Luís Viana Filho
com um sorriso acolhedor
Mas guarda a linha discreta
de quem foi Governador.

Lacombe

Lacombe não falta nunca
pra saborear uma prosa.
Conta casos ocorridos
nos tempos de Rui Barbosa.

Prudente de Moraes Neto

Prudente, herói da “Semana”,

sabe o valor da conquista
Conserva um ar veterano
da agitação vanguardista.

Alphonsus de Guimaraens Filho

Alphonsus, vindo de Alphonsus,
só mesmo poeta é que sai.
Simbolismo ao Modernismo
chegou na herança do pai.

Murilo Araújo

Passa o Murilo Araújo
atravessando os salões.
Guarda ainda o velho prestígio
do tempo dos Carrilhões.

Gilberto Mendonça Teles

Gilberto Mendonça Teles
não conversa com ninguém
Vai ainda ser “ás” das letras
pelo talento que tem.

Maximiano de Carvalho e Silva

Maximiano, todos dizem,
tem a memória melhor:
recita, de olhos fechados,
os Lusíadas de cor.

Homero Sena

Homero Sena, o cronista,
faz entrevistas, de leve.

A elegância, que lhe é própria,
põe em tudo que ele escreve.

Péricles Madureira de Pinho

De Pinho fez muitas coisas
pelo seu próprio valor.
Brilhou em todos os cargos.
Só não quis ser orador.

Deolindo Couto Filho

Deolindo nasceu pra mestre
Tudo que sabe ele ensina.
Seu nome alcançou destaque
na Escola de Medicina.

Horácio de Almeida

O Horácio, da Paraíba,
de tudo quanto escreveu
nada fez tanto sucesso
como as críticas do Eu.

Valdemar Lopes

Valdemar Lopes, poeta,
é também dessa família.
Perdendo tempo em sonetos
foi procurá-lo em Brasília.

Ciro dos Anjos

Ciro dos Anjos, às vezes,
vem ao Rio dar o seu giro.
A gente nunca se esquece

do Amanuense Belmiro.

Henrique de Resende

Só falta o Henrique de Resende
Que pena enorme eu senti!
mas creio que a sombra dele
anda também por aqui.

Inojosa

Inojosa, o Secretário,
passa de lápis na mão.
Faz “alegoricamente”
a ata que encerra a sessão.

3. Biografia coletiva do grupo 1

As informações apresentadas nas biografias foram levantadas de enciclopédias e nas páginas da internet das instituições às quais os biografados foram membros participantes.

Abel Pereira

Abel da Silva Pereira nasceu no dia 28 de dezembro de 1908, no povoado Banco do Pedro, na cidade de Ilhéus, Bahia, e faleceu no dia 21 de maio de 2006 na cidade do Rio de Janeiro, perto de completar 98 anos de idade. Foi membro da Academia Maçônica de Letras, da Academia Guanabarina de Letras, da Academia de Letras de Ilhéus, do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia e de outras instituições Culturais. Foi co-fundador e primeiro presidente da Academia de Letras de Ilhéus, em 1959. Titular da cadeira nº 14. Colaborou em diversos periódicos, como *A Tarde*, de Salvador; *Diário da Tarde*, de Ilhéus, *O Intransigente* de Itabuna e na revista *Leitura*, do Rio de Janeiro. Foi poeta e corretor de imóveis. Seguidor do baiano Afrânio Peixoto na arte de escrever poemas haikais no Brasil. Usou o pseudônimo de Sílvio de Vilar.

Sua contribuição literária: *Colheita* (poemas haikai), de 1959; *Poesia até ontem* (poemas haikai), de 1977; *Mármore partido*, 1989; *Haikais vagaluminosos*, 1989.

Alphonsus de Guimaraens

Alphonsus de Guimaraens Filho nasceu no dia 3 de junho de 1918 em Mariana, Minas Gerais. Filho do poeta Alphonsus de Guimaraens e de Zenaide Silvina de Guimaraens. Na capital mineira, Alphonsus fez o curso primário no Grupo Escolar Barão do Rio Branco (1926-1929), o secundário no Ginásio Mineiro (1930-1934) e o superior na faculdade de direito da Universidade de Minas Gerais (1936-1940). Em 1934 ingressou no jornalismo, como repórter policial do *Diário da Tarde*, de Belo Horizonte, onde ficou até 1937, quando passou a fazer parte do funcionalismo estadual em modesta função na Rádio Inconfidência (serviço de radiodifusão do estado). Casou-se, a 17 de julho desse ano, no Rio de Janeiro, com Hymirene de Souza Papi. Em 1955, transferiu residência para o Rio de Janeiro. Em fevereiro de 1956, foi nomeado oficial de gabinete da Presidência da República, função da qual se exonerou em 13 de outubro de 1958, por ter sido nomeado para o cargo adjunto de procurador do Tribunal de Contas da União. Transferiu residência,

em janeiro de 1961, para Brasília. Em 4 de outubro de 1972, apresentou-se como adjunto de procurador (hoje subprocurador-geral) do Tribunal de Contas da União, e transferiu residência para o Rio de Janeiro. Alphonsus tem três filhos, Afonso Henriques Neto, Luis Alphonsus e Dinah Tereza, e quatro netos, Mariana, Francisco, Domingos e Augusto.

Sua contribuição literária: *Lume de estrelas*, de 1940; Prêmio de Literatura da Fundação Graça Aranha e o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras com o livro *Lume de Estrelas*, em 1941; *Poesias* (Sonetos da Ausência e Nostalgia dos Anjos), de 1946; *Antologia da poesia mineira: fase modernista*, em 1946; *A cidade do sul*, em 1948; em 1950 editou *O irmão*; Prêmio Manuel Bandeira, do Jornal de Letras, em 1951, com o livro *O Irmão*; Prêmio de Poesia da Cidade de Belo Horizonte, da prefeitura pelo seu livro inédito *O mito e o criador*, de 1953; *Poesias de Alphonsus de Guimaraens*, de 1955; *Coroa de Espinhos*, de 1955; *Sonetos com dedicatória*, de 1956; organizou e publicou pelo Instituto Nacional do Livro as *Poesias completas* do seu tio-bisavô, Bernardo Guimarães, em 1959; *A sobrinha de D. Quixote*, em 1959; *Poemas reunidos* em 1960 e ainda a *Obra completa de Alphonsus de Guimaraens*; *Antologia poética*, em 1963; *Ao oeste chegamos*, em 1968; *Poemas da ante-hora*, em 1971; *Absurda fábula*, em 1973; *Atas do sabadoyle: 1974 – 1989*, em 1974; *Atas Poemas*, em 1974; Prêmio Luísa Cláudio de Souza, do Pen Clube do Brasil, em 1974, com o livro *Absurda fábula*; *Água do tempo*, em 1976; Prêmio Literário Nacional, do Instituto Nacional do Livro, com o livro *Água do tempo*, em 1976; *Discurso no deserto*, em 1982; *Nó*, em 1984; *Luz de agora*, em 1991; *Todos os sonetos*, em 1996; *Poemas*, com organização do seu filho Afonso Henriques Neto, em 1998 e *O tecelão do assombro*, em 2000.

Álvarus

Álvaro Cotrim nasceu no dia 27 de dezembro de 1904, e faleceu no dia 15 de outubro de 1985 no Rio de Janeiro. Seu pai foi médico, e quis fazer do filho médico também. Álvaro entrou para a faculdade de medicina da Praia Vermelha (UFRJ), mas trocou de curso. Formou-se em direito, mas não exerceu a profissão. Durante a faculdade começou a participar em jornais e revistas com seus bonecos (charges). Caricaturista que publicou seu primeiro boneco em, um pequeno jornal clandestino de quatro páginas chamado *A Bola*, em 1923. Foi o responsável pela caricatura nos jornais *Diário da Noite*,

Meio Dia (de Joaquim Inojosa) e *O Radical*. Também desenhou na *Carioca* e no *Vamos Ler!* Fêz capas de livros para as editoras Pongetti, Calvino Filho e Freitas Bastos. Trabalhou como Técnico de Publicidade da Caixa Econômica do Rio de Janeiro desde 1933. O seu ex-libris é “O homem um boneco; a vida uma caricatura”.

Sua contribuição literária: *Di Cavalcanti e os seus fantoches da meia-noite*, de 1920; *Daumier e Pedro I*, de 1961; *Museu Imperial*, de 1982; *Pedro Américo e Caricatura*, de 1983; *Pedro Américo de Figueiredo e Melo 1843 – 1905*, com Donato Mello Jr., de 1983; *Arte brasileira/Ilustração brasileira*, com Donato Mello Jr., de 1983; *Flagrantes cariocas: a obra gráfica do caricaturista Seth*, de 1984; *J. Carlos – Época, Vida e Obra*, de 1985; *O Rio na caricatura*; *O carnaval de antigamente: nos tempos do entrudo*, s.d.; *Álbuns de caricaturas: Hoje tem espetáculo, Álvaro e seus bonecos* (de 1954) e “Santos Dumont e a caricatura”, artigo; “Caricatura também é história”, artigo; “Emílio Cardoso Aires”, artigo; “J. Carlos”, artigo e “Artur Azevedo e a caricatura”, artigo.

Américo Lacombe

Américo Lourenço Jacobina Lacombe nasceu no dia 7 de julho de 1909, e faleceu no dia 7 de abril de 1993 no Rio de Janeiro. Foi professor secundário, autor de ensaios e estudos históricos e um dos fundadores da Pontifícia Universidade Católica – RJ. Bacharelou-se em direito pela faculdade de direito do Rio de Janeiro. Quando cursou a faculdade, esteve associado a um grupo de estudos chamado Caju. Nele foi um dos responsáveis pela publicação de um boletim de estudos e de uma revista de debates.

Ocupou vários cargos do governo entre eles o de secretário do Conselho Nacional de Educação de 1931 a 1939; de presidente da Fundação Casa de Rui Barbosa de 1939 a 1980; de secretário de educação e cultura do Distrito Federal de 1959 a 1960; de diretor da Casa Brasil-Paris de 1962 a 1963 e de membro da Comissão de Textos do Itamaraty em 1951. Foi professor emérito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) desde 1941; professor da Universidade Santa Úrsula; professor do Instituto Rio Branco desde 1949; vice-presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras a partir de 1974. Casou-se com Gilda Masset Lacombe com quem teve cinco filhos.

Sua contribuição literária: *Mocidade e exílio*, em 1934; *Paulo Barbosa e a fundação de Petrópolis*, em 1941; *Um passeio pela história do Brasil*, em 1943; *O pensamento vivo de Rui Barbosa*, em 1944; *Rio Branco e Rui Barbosa*, em 1948; *Ensaio literários de Rui Barbosa*, em 1949; *Rui Barbosa e a primeira Constituição da República*, em 1949; *Paulo Barbosa* (biografia), em 1950; *Formação literária de Rui Barbosa*, em 1954; *Brasil. Período nacional*, em 1956; *Presença de Rui Barbosa na vida brasileira*, em 1967; *Anchieta*, em 1973; *Introdução ao estudo da História do Brasil*, em 1974; *Roteiro das obras de Rui Barbosa*, em 1974; *A educação e o pensamento de Rui Barbosa*, em 1975; *À sombra de Rui Barbosa*, em 1978; *História do Brasil*, em 1979; *O clero no parlamento brasileiro*, em 1979; *Independência do Brasil*, em 1980.

Carlos Drummond de Andrade

Carlos Drummond de Andrade nasceu no dia 31 de outubro de 1902, na cidade de Itabira, Minas Gerais, e faleceu em 17 de agosto de 1987 no Rio de Janeiro. Filho do fazendeiro Carlos de Paula Andrade e de Julieta Augusta Drummond de Andrade. Fez seus estudos primários e secundários em Belo Horizonte e Nova Friburgo. Passou a residir em Belo Horizonte a partir de 1920, com sua família. Casou-se com Dolores Dutra de Moraes em 1925. Teve uma filha, Maria Julieta Drummond de Andrade. Nesse mesmo ano fundou com Martins de Almeida, Emílio Moura e Gregoriano Canedo, *A Revista*, que publicou apenas três números. Frequentou o curso de farmácia, concluído em 1926. Lecionou em colégios de Itabira, e por iniciativa de Alberto Campos voltou a Belo Horizonte onde foi trabalhar no *Diário de Minas*. Na capital mineira dedicou-se à vida jornalística e entrou para o funcionalismo público, ao lado do seu amigo Gustavo Capanema, que ao ser nomeado Ministro da Educação, o trouxe consigo para o Rio de Janeiro, como seu chefe de gabinete, integrando-o depois no Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Em 1942 passou a publicar seus livros na José Olímpio e em 1984, assinou contrato com a Editora Record. Escreveu muitas crônicas no *Correio da Manhã* (coluna “Imagens”) de 1954 a 1969 e no *Jornal do Brasil* de 1969 a 1984. Prêmio de Conjunto de Obra, da Sociedade Felipe d’Oliveira, em 1946. Prêmios Fernando Chinaglia, da União Brasileira de Escritores, e Luísa Cláudio de Sousa, do Pen Clube do Brasil pelo livro *Lição de coisas*, em 1963. Prêmio de Poesia da Associação Paulista de Críticos Literários, em 1974. Prêmio

Walmap de Literatura, em 1975. Prêmio Estácio de Sá, de Jornalismo, e Morgado Mateus (Portugal), de Poesia, em 1980. Título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em 1982. Prêmio Jabuti pelo livro *O Amor natural*, em 1993; Prêmio Jabuti pelo livro *Farewell*, em 1996; Prêmio *in memoriam* Medalha de Sesquicentenário da Cidade de Itabira, em 1998; Homenagem *in memoriam* Medalha Comemorativa dos 70 anos do Ministério da Educação e Cultura, em 2000. Ano Drummond decretado pelo Ministério da Cultura, em homenagem ao poeta no centenário de seu nascimento, em 2002. Usou os pseudônimos Antonio Crispim; Artur L. Gomes; Barba Azul; C; C.D; C.D.A; Gastão Mendes; Gato Felix (com Moacir de Andrade); José Maria; Júlio de Azevedo; Luís Esteves e Manuel R. Garcia.

Sua contribuição literária: *Alguma poesia*, em 1930; *Brejo das almas*, em 1934; *Sentimento do mundo*, em 1940; *Poesias*, em 1942; *Confissões de Minas*, em 1944; *A rosa do povo* e *O gerente*, em 1945; *Poesia até agora*, em 1948; *Claro enigma*, *Contos de aprendiz* e *A mesa* em 1951; *Passeios na Ilha* e *Viola de bolso*, em 1952; *Fazendeiro do ar & Poesia até agora*, em 1954; *Viola de bolso novamente encordoada*, em 1955; *Cinquenta poemas escolhidos pelo autor*, em 1956; *Fala, Amendoeira e Ciclo*, em 1957; *Poemas*, em 1959; *Lição de coisas*, *Antologia poética* e *A bolsa & a vida*, em 1962; *Obra completa* (Aguilar), em 1964; *Cadeira de balanço*, em 1966; *Versiprosa, José & Outros, Uma pedra no meio do caminho, Minas Gerais* (Brasil, Terra & Alma), *Mundo, vasto mundo*, em 1967; *Boitempo & A falta que ama*, em 1968; *Reunião* (10 livros de poesias), em 1969; *Caminhos de João Brandão*, em 1970; *Seleção em Prosa e Verso* (estudo e notas de Gilberto Mendonça Teles), em 1971; *O poder ultra jovem*, em 1972; *As impurezas do branco*, em 1973; *Amores, Amores*, em 1975; *A visita, Discurso de Primavera* e *Os dias lindos*, em 1977; *O marginal colorindo gato* e *70 Historinhas*, em 1978; *Esquecer para lembrar*, em 1979; *A paixão medida*, em 1980; *Contos plausíveis* e *O pipoqueiro da esquina* (com Ziraldo), em 1981; *A lição do amigo*, em 1982; *Nova Reunião, O elefante* (infantil), *Caso do vestido*, em 1983; *Corpo* e *Boca de luar* em 1984; *Amar se aprende amando, O observador no escritório, História de dois amores* (infantil) e *Amor, sinal estranho* (edição de arte) em 1985; *Tempo, vida, poesia*, em 1986; *Boitempo I e II*, em 1987; *O avesso das coisas, Moça deitada na grama, O amor natural* e *Farewell*, obras inéditas, em 1987.

Ciro dos Anjos

Ciro Versiani dos Anjos nasceu no dia 5 de outubro de 1906 na cidade de Montes Claros, Minas Gerais, e faleceu no dia 4 de agosto de 1994, no Rio de Janeiro. Seu pai foi comerciante, político local e pequeno fazendeiro de gado, que abriu falência. Foi o caçula de treze irmãos. Ajudou o pai na fazenda e depois trabalhou na pequena loja da família. Em 1922 foi auxiliar de agrimensor. Em 1932, formou-se em direito. Exerceu várias funções na administração do Estado de Minas Gerais. Em 1952 foi ao México lecionar estudos brasileiros na universidade. Foi ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, professor da Universidade de Brasília e professor de teoria literária no Rio de Janeiro. Foi romancista, ensaísta, poeta, memorialista, jornalista, membro do Pen Clube do Brasil, da Academia Brasileira de Letras, Academia Mineira Letras e Academia Brasiliense de Letras. Recebeu o Prêmio de romance, da Academia Brasileira de Letras, pelo livro *Abdias*, em 1946 e o Jabuti de memórias. Prêmio de romance do Pen Clube do Brasil. Usou o pseudônimo Belmiro Borba.

Sua contribuição literária: *O Amanuense Belmiro* (romance), em 1937; *Abdias* (romance), em 1945; *Explorações no Tempo* (memórias), em 1952; *Montanha* (romance), em 1956; *A Criação Literária* (ensaio), em 1959; *Poemas coronários*, em 1964; *A menina do sobrado*, em 1979.

Deolindo Couto

Deolindo Augusto de Nunes Couto nasceu em 11 de março de 1902, na cidade de Teresina, Piauí, e faleceu em 29 de maio de 1992 na cidade do Rio de Janeiro. Filho do professor de direito e desembargador Henrique José Couto e Maria R de Nunes Couto. Passou a infância e adolescência no Maranhão. Estudou medicina, e doutorou-se pela faculdade de medicina da Universidade do Brasil. Dedicou-se inteiramente ao seu ofício, ocupando importantes cargos, mediante concurso de provas e títulos. Fundou e dirigiu o Instituto de Neurologia da Universidade do Brasil. Atuou como vice-reitor e reitor da Universidade do Brasil. Foi presidente da Academia Nacional de Medicina em sete biênios descontínuos. Fundou junto com outros médicos a Academia Brasileira de Neurologia em cinco de maio de 1962. Presidiu o Conselho Federal de Educação. Pertenceu a diversas

instituições especializadas em neurologia. Recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Federal do Piauí, e o título de Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Pertenceu à Academia Brasileira de Letras, eleito em vinte e quatro de outubro de 1963 para a cadeira número onze, na sucessão de Ademar Tavares. Foi recebido em quatro de dezembro de 1964, pelo acadêmico Luís Viana Filho.

Sua contribuição literária: *Clínica neurológica*, em 1944; *O tremor parkinsoniano e a via piramidal*, em 1945; *Vultos e idéias* (ensaios), em 1961; *Dois sábios ibéricos* (crítica), em 1961; *Afrânio Peixoto, professor e homem de ciência* (ensaio), em 1976; *Clementino Fraga, o médico* (ensaio), em 1980.

Enrique de Resende

Henrique de Resende nasceu no dia 13 de agosto de 1896, na cidade de Cataguases, em Minas Gerais. Faleceu em 16 de setembro de 1973 na cidade do Rio de Janeiro. Foi poeta, ensaísta e engenheiro. Aderiu ao grupo da revista *Verde* na época em que trabalhava na construção da estrada de rodagem Cataguases-Leopoldina e financiou, em grande parte, a famosa revista modernista. Já havia publicado um livro de versos, hesitante entre o gosto parnasiano e simbolista. Publicou junto com Ascânio Lopes e Rosário Fusco o livro *Poemas cronológicos*. Participou com poemas na revista *Verde* juntamente com Francisco Inácio Peixoto, Ascânio Lopes e Rosário Fusco.

Sua contribuição literária: *Treris Eburnea*, em 1923; *Poemas cronológicos*, 1928; *Cofre de charão*, 1933; *Retrato de Alphonsus de Guimaraens*, 1938; *Rosa dos Ventos*, 1957; *A derradeira colheita*, 1964; *Pequena história sentimental de Cataguases*, 1969; *Estórias e memórias*, 1970; *Obras completas: poesia*, 1977; *Emantamento*, s.d.

Fernando Monteiro

Nasceu no dia 8 de janeiro de 1905. Trabalhou para o Banco do Brasil toda sua vida, tendo se aposentado do banco como chefe do museu e do arquivo histórico. Confrade e amigo de Plínio Doyle do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Recepcionou Horácio de Almeida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1976. Casou-se com Aline R P Monteiro. Informações extraídas da ata de 2 de março de 1985, de autoria de

Laudo de Almeida Camargo. A primeira participação de Fernando no sabadoyle deu-se no dia 21 de outubro de 1972. Era freqüentador assíduo das reuniões do grupo. Plínio solicitava sempre a ele a produção das atas estatísticas de cada ano, após Carlos Drummond ter iniciado esse costume.

Sua contribuição literária: *A velha Rua Direita*.

Cédulas brasileiras da República (pref. e org.), em 1961.

Gilberto Mendonça Teles

Gilberto Mendonça Teles nasceu em 30 de junho de 1931, na cidade de Bela Vista de Goiás, no estado de Goiás. Filho de João Alves Teles e Celuta Mendonça Teles. Fez seus estudos fundamentais em colégios de cidades do interior do Estado, transferindo-se com a família para a capital Goiânia em 1945, onde fez o secundário, inicialmente no Colégio Ateneu Dom Bosco e posteriormente no Colégio estadual de Goiânia. Começou a trabalhar em 1942, na loja de seu pai. Em 1951 foi aprovado em concurso público para o cargo de auxiliar de Estatística do IBGE, ficando até 1965. Iniciou a publicação de seus poemas em jornais dos colégios que freqüentou. Bacharel em direito (1957) e em letras (1956). Iniciou carreira no magistério em 1952, tendo atuado nas áreas de literatura, lingüística e língua portuguesa. Casou-se com Maria do Rosário Corrêa de Moraes em 1958, e teve dois filhos, Antonio e Luciana. Transferiu-se para o Rio de Janeiro em 1970. Começou a trabalhar como professor de literatura brasileira e teoria da literatura na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. É membro de diversas agremiações, entre elas, Associação Brasileira de Escritores de Goiás, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Associação Goiana de Imprensa, e Academia Goiana de Letras, Academia Brasileira de Filologia, Pen Clube do Brasil e Academia Carioca de Letras. Poeta, ensaísta, crítico literário e professor universitário. Recebeu o Prêmio Felix de Bulhões da Academia Goiana de Letras pelo livro *Estrela-d'Alva*, em 1956. Com o livro *Planície* ganhou o prêmio de publicação da Bolsa Hugo de Carvalho Ramos, da Prefeitura Municipal de Goiânia. Com *Fábula do fogo* ganhou o prêmio de publicação Leo Lynce/ UBE-GO. Com *Pássaro de pedra* ganhou o Prêmio Álvares de Azevedo da Academia Paulista de Letras. Ganhou em 1962 o Prêmio Ensaio da Universidade Federal de Goiás, com o livro *A poesia em Goiás*, que foi publicado em 1964. Menção Honrosa do Pen Clube de São Paulo pelo livro *O conto*

brasileiro em Goiás, em 1970. Recebeu em 1971 o Prêmio de poesia Olavo Bilac com o livro *A raiz da fala* e o Prêmio Sílvio Romero com o ensaio *Drummond e a estilística da repetição* da Academia Brasileira de Letras. Ganhou o Prêmio IV Centenário de Os Lusíadas com o livro *Camões e a poesia brasileira*, em 1972. Com o livro *A arte de amar* ganhou o Prêmio Banco Bandeirantes, da Sociedade Amigas da Cultura, de Belo Horizonte; o Prêmio Brasília de Poesia do XII Encontro Nacional de Escritores e o Prêmio Brasileiro de Poesia. Recebeu da União Brasileira de Escritores (Goiás) o Troféu Tiokô pelos 30 anos de poesia. Com o livro *Hora aberta* ganhou o Prêmio Cassiano Ricardo, do Clube de Poesia de São Paulo, em 1987. Recebeu o Prêmio Machado de Assis (conjunto de obras) da Academia Brasileira de Letras, em 1989. Recebeu também o Troféu Jaburu do Conselho Estadual de Cultura de Goiás. Recebeu a Medalha Carlos Drummond de Andrade da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, em 1997. Recebeu a Medalha Centenário Carlos Drummond de Andrade, da União Brasileira de Escritores, em 2002. Usa o pseudônimo de camongo.

Sua contribuição literária: *Alvorada*, em 1955; *Estrela-d'Alva*, em 1956.; *Planície*, em 1958; *Fábula do fogo*, em 1961; *Pássaro de pedra*, em 1962.; *A poesia em Goiás e Goiás e literatura: ensaios*, em 1964; *Sonetos do azul sem tempo em Poemas reunidos*, seu livro de 1964; *Sintaxe invisível*, em 1967; *O conto brasileiro em Goiás*, em 1969; *Drummond - a estilística da repetição*, na Coleção Documentos Brasileiros da José Olímpio, em 1970. Organizou a *Seleta em prosa e verso de Drummond*, em 1971; *A raiz da fala*, em 1972; *Camões e a poesia brasileira*, em 1973; *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*, em 1972. Organizou a *Seleta de Orígenes Lessa*, em 1973. Organizou a *Seleta de Bernardo Élis*, em 1974. *A arte de amar*, em 1977. *Poemas reunidos*, em 1978; *A retórica do silêncio*, em 1979; *Saciologia goiana* (folheto de cordel), em 1980. Também publicou *Tristão de Athayde: teoria, crítica e história literária*; *A crítica e o romance de 30 no nordeste*, em 1983; *Poetas goianos – I (séc. XIX): organização, estudos e notas*, em 1984; *Plural de nuvens*, em 1984 em Portugal e em 1990 no Brasil. *Hora aberta*, em 1986. *A crítica e o romance de 30 no Nordeste*, em 1990. Publicou a coleção de poemas *Nominais*, em 1993. Preparou para a Nova Aguilar as *Obras Completas de Carlos Drummond de Andrade*, em 1994. & *Cone de sombras*, em 1995; *A crítica e o princípio do prazer*,

Estudos Goianos – II, em 1995; *A escrituração da escrita*, em 1996. *Sonetos* (reunião), em 1998; *Caixa de fósforos*, em 1999; *Álibis* (poemas), em 2000.

Homero Homem

Homero Homem de Siqueira Cavalcanti nasceu em 6 de janeiro de 1924, na cidade de Canguaretama, Rio Grande do Norte, e faleceu em 17 de julho de 1991 na cidade do Rio de Janeiro. Filho do casal Joaquim Homem de Siqueira Cavalcanti Filho e Elisa Martins Delgado de Siqueira Cavalcanti. Estudou no Ateneu Norte-Rio-Grandense. Formou-se em direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi redator político e repórter especial do *Diário de Notícias*, *O Estado de S Paulo*, *Manchete*, *Última Hora*, *Revista do Globo* e *Leitura*. Foi professor na escola de comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Presidiu a comissão julgadora dos Prêmios Nacionais de Poesia do Ministério de Educação/Instituto Nacional do Livro. Fundou junto com Adonias Filho, José Louzeiro, Rachel de Queiroz, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Doyle a Associação dos Escritores Profissionais da Guanabara. Elegeu-se vice-presidente da associação. Foi cofundador da seção carioca da União Brasileira de Escritores, na qual foi eleito secretário. Trabalhou na presidência do INAMPS, onde coordenava Projetos Especiais. Foi o idealizador dos primeiros concursos de monografias e foros de previdência social para universitários e professores. Chefiou o serviço de documentação do antigo Conselho de Desenvolvimento da Presidência da República. Casou em primeiras núpcias com Teia Carpen e, em segundas, com Zaíra Kemper de Andrade. Teve três filhos desses dois casamentos – Ana Maria, Maria Elisa e Eduardo. Duas vezes viúvo casou-se, pela terceira vez com Alzira Martins Figueiredo. Recebeu os Prêmios Alphonsus de Guimaraens, do Ministério de Educação/Instituto Nacional do Livro de 1958; Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras; Escritor do Mar, do Clube Naval; Luísa Cláudio de Souza, do Pen Clube do Brasil; Prêmio Nacional de Poesia Falada, do Estado do Rio de Janeiro; Prêmio DNER, do Ministério dos Transportes, no concurso de poesia sobre a rodovia Transamazônica; Thomas Mann, de ensaio, pela UBE – República Federal Alemã; Prêmio Nacional de Literatura, do Ministério de Educação/Instituto Nacional do Livro, de 1975, pelo conjunto de sua obra de poesia; Prêmio Especial de Literatura, da Associação Paulista de Críticos de Arte, em 1979, pela idealização e realização da I Semana de Cultura

Nordestina, em Natal, Rio Grande do Norte, sob o patrocínio da UFRN e do Governo do Estado (Tarcísio Maia). Eleito sócio-fundador da cadeira 36 da Academia Nacional de Literatura Infantil e Juvenil, em 1979, cujo patrono é o educador e escritor Erasmo Braga. Eleito no Pen Clube do Brasil sucedendo ao poeta Odylo Costa, filho. Recebeu a Medalha da Universidade Federal do Rio Grande do Norte por serviços culturais prestados às letras do Estado e do país, em maio de 1983. Foi candidato duas vezes à Academia Brasileira de Letras, na primeira vez com Américo Lacombe em 1974, e na segunda vez com Miguel Reale. Utilizou os pseudônimos Estácio Medeiros, Siqueira Cavalcanti, João Sem Terra, HH, SC e H2. Dados extraídos de auto biografia do autor, de março de 1978. Documento do arquivo pessoal de Homero Homem.

Sua contribuição literária: *Cabra das Rocas* (vivência nordestina), em 1966; *Menino de asas* (ambiente de fabulação mágica e alegórica), em 1968; *Tempo de amar*, em 1960; *Carliteana carioca*, em 1965; *A cidade, suíte do amor e secreta esperança*, em 1954; *O excepcional/Flor que nasceu com uma pétala de mais*, em 1973; *Terra iluminada*, em 1979; *O agrimensur da aurora*, em 1981; *Canteiro de obras*, em 1981; *O país do não-chove*, em 1962; *Leilão de agosto e Trilogia do futebol (O goleador, O moço da camisa 10 e O gol e a dor)*, em 1974; *Pelejas do amor*, em 1978; *O mundo do silêncio verde*, em 1981; *Ata 700 do sabadoyle*, em 1987; *Um doido e sua canção*, em 1961; *Calendário marinheiro*, em 1958; *Tábua de marés*, em 1965; *Rei sem sono e outros poemas*, em 1966; *Canto nacional e abecedário da Transamazônica*, em 1971; *O livro de Zaíra Kemper & Poemsia reunida*, em 1975; *O assessor do dia*, em 1976; *Neste e noutros natais*, em 1977; *Lá fundamental*, em 1979; *Afetogramas*, em 1981; *O luar potiguar*, em 1983 .

Homero Senna

Homero Senna nasceu no dia 2 de abril de 1919, em Guaratinguetá – São Paulo, e faleceu no dia 8 de setembro de 2004 no Rio de Janeiro. Filho de Nero de Almeida Senna e Olyntha de Almeida Senna. Foi sepultado em sua cidade natal. Casou-se com Maria Alice França de Almeida Senna em 11 de dezembro de 1942, e teve quatro filhos. Bacharelou-se em direito pela faculdade de direito do Brasil, no ano de 1939. Foi funcionário do IAPI em 1938. Trabalhou no gabinete do Ministro Lúcio Meira de Viação e Obras Públicas, do governo de Juscelino Kubitschek. Foi redator do texto inicial de criação do Grupo

Executivo da Indústria Automobilística (GEIA), quando o presidente Juscelino implantou o parque automobilístico no Brasil, na década de 1950. Foi diretor do Centro de Pesquisas da Fundação Casa de Rui Barbosa de 1975 a 1980. Na década de 1940, pelas páginas de *O Jornal*, realizou uma série de entrevistas com grandes escritores do país. Escreveu a biografia de Gilberto Amado, com a qual obteve um excelente êxito de crítica, seguido de venda acima do normal. Escreveu o volume 52 da Coleção Afrânio Peixoto, editado pela Academia Brasileira de Letras, sobre Rui Barbosa e a Academia Brasileira de Letras. Recebeu o Prêmio José Veríssimo de ensaio e erudição, da Academia Brasileira de Letras em 1969, pelo livro *Gilberto Amado e o Brasil*.

Dados extraídos do artigo de Antonio Olinto na *Tribuna da Imprensa*, chamado “Homero Senna”, de vinte e um de setembro de 2004.

Sua contribuição literária: *Uma voz contra a injustiça= Rui Barbosa e o casa Dreyfuss*, em 1987; *Três aspectos de Rui Barbosa*, em 1987; *O poliglotismo de Rui Barbosa*, em 1990; *Rui e o imaginário popular*, em 1994; *Rui Barbosa e a Academia Brasileira de Letras*, em 1999; *O problema da língua brasileira-entrevista com Souza da Silveira*, em 1953; *Correspondência de escritores* (cartas de Mário de Andrade a Souza da Silveira), em 1964; *Gilberto Amado e o Brasil* (biografia), em 1974; *Um mineiro de Guaratinguetá* (a propósito do centenário de nascimento de Nero Senna), edição do autor, em 1974; *Discursos parlamentares de Gilberto Amado*, em 1979; *Orígenes Lessa uma viagem humana e literária*, em 1987; *República das Letras* (entrevistas), em 1967 e *História de uma confraria literária – o sabadoyle*, em 1985.

Horácio de Almeida

Horácio de Almeida nasceu no dia 21 de outubro de 1896, na cidade de Areia, Paraíba, e faleceu no Rio de Janeiro em 5 de junho de 1983. Seus pais foram Rufino Augusto de Almeida e Adelaide Jocunda de Almeida. Iniciou seus estudos no Engenho da Várzea de seu pai e concluindo, mais tarde, na capital do Estado. Preparou-se no Liceu Paraibano para o ingresso na faculdade de direito do Recife. Bacharelou-se em 1930 e voltou à Paraíba. Iniciou sua carreira como juiz eleitoral ao lado do também jurista Maurício Furtado. Foi Secretário do Interior e Justiça da Paraíba. Colaborou nos jornais da cidade de João Pessoa, escrevendo e dirigindo o *Estado da Paraíba*. Destacou-se nas letras,

ficando conhecido nacionalmente como historiador. Foi um poeta exdrúxulo. Fez uma crítica do livro *Eu* de Augusto dos Anjos. Foi membro da Academia Fluminense de Letras; fundador e idealizador da Federação das Academias de Letras do Brasil; membro da Academia Carioca de Letras; presidente do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes e do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro. Membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano; foi um dos dez fundadores da Academia Paraibana de Letras. Casou-se com Corinta Freitas de Almeida, nascendo dessa união sete filhos: Átila, Armênia, Libânia, Luiz, Carlos Eduardo, Ignez e Doris.

Dados extraídos da página da Academia Paraibana de Letras, em onze de dezembro de 2007.

Sua contribuição literária: *Bacharéis* de 1930; *A posição da mulher perante as leis do país*, em 1933; *Pedro Américo – ligeira notícia bibliográfica*, em 1943; *Pedro Américo – centenário do seu nascimento*, em 1944; *Brejo de Areia – memórias de um município*, em 1958; *Ao redor de mim mesmo*, em 1959; *Augusto dos Anjos – razões de sua angústia*, em 1962; *História da Paraíba*, em 1966; *Augusto dos Anjos – tema para debates*, em 1970; *Dicionário popular paraibano*, em 1979 e *Dicionário de termos eróticos e afins*, em 1982.

Joaquim Inojosa

Joaquim Inojosa de Albuquerque Andrade Lima nasceu no dia 27 de março de 1901 em São Vicente Férrer, Pernambuco, e faleceu em 21 de janeiro de 1987, no Rio de Janeiro. Terceiro filho do casal Ninfa Inojosa de Andrade e de João Inojosa de Andrade. Aos treze anos fundou a Sociedade Literária Álvares de Azevedo, no ginásio Aires da Gama, no Recife. Do seu grupo fez parte o romancista José Lins do Rego. Iniciou no jornalismo em 1917 em jornais da Paraíba e de Pernambuco. Sua página literária no *Jornal do Comércio* de Recife obteve grande repercussão em todo o nordeste. Estudou direito na faculdade de direito do Recife, tendo se formado em 1923. Nesse ano fundou a revista *Mauricéia*. Foi nomeado promotor público. Casou-se em 1927. Em 1930 transferiu-se para o Rio de Janeiro. Colaborou no *O Jornal*, a convite de Assis Chateaubriand. Fundou o jornal *Meio Dia* que existiu no Rio de Janeiro de 1939 até 1942. Liderou uma delegação de estudantes do Recife a São Paulo para participar da Semana de Arte Moderna em 1922, e lá conheceu os escritores Menotti del Picchia, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Tarsila do

Amaral, Guilherme de Almeida entre outros. Publicou no jornal *A Tarde de Recife*, em trinta de outubro de 1922 um artigo chamando a atenção para o modernismo. Em 1924, publicou o manifesto “a arte moderna” conclamando o norte e o nordeste a aderir ao movimento. O seu livro *Movimento do Modernismo em Pernambuco* faz toda a história da renovação literária nas terras nordestinas e é documento para consulta permanente. Foi presidente perpétuo de A Ordem dos Velhos Jornalistas, membro da Academia Carioca de Letras, da Academia Luso-Brasileira de Letras e da Academia de Letras do Estado do Rio de Janeiro. O seu maior feito polêmico e documental foi desbancar o falso pioneirismo literário de Gilberto Freire no nordeste, cujo “manifesto regionalista”, lançado em 1926 era falso, segundo Inojosa, pois só foi aparecer de fato em 1952, lido no I Congresso Regionalista do Nordeste. O próprio Gilberto Freire acabou por confessar a farsa. Foi crítico literário, cronista, jornalista, historiador e polemista. Usou os pseudônimos Sílvio Rei, Luís de Marialva e A. B.

Dados extraídos da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*.

Sua contribuição literária: *Tentames*, em 1920; *A arte moderna/Manifesto modernista*, em 1925; *O Brasil brasileiro*, em 1925; *República socialista*, em 1933; *Diário de um turista apressado*, em 1958; *Diário de um estudante (1920-1921)*, em 1960; *Crônicas de outro tempo*, em 1963; *Crítica e polêmica*, em 1963; *Discursos e conferências*, em 1963; *O movimento modernista em Pernambuco*, em 4 volumes, em 1968/1984; *No pomar vizinho*, em 1969; *Um movimento imaginário*, em 1972; *Carro alegórico*, em 1973; *Malba Tahan/O mercador de esperança*, em 1975; *Os Andrades e outros aspectos do modernismo*, em 1975; *Notícias biobibliográficas*, em 1975; *A arte moderna/ o Brasil brasileiro*, em 1977; *Pá de cal*, em 1978; *60 anos de jornalismo*, em 1978; *República de princesa*, em 1980; *Crônicas de outros tempos*, de memórias e *70 atas sabadoyleana* entre outros.

Mário da Silva Brito

Mário da Silva Brito nasceu em 14 de dezembro de 1916, em Dois Córregos, São Paulo. Estudou na capital paulista e se formou em direito em 1943. Interessado em movimentos literários e colaborando desde cedo na imprensa, Mário manteve várias colunas de livros e trabalhou como assessor de editores de São Paulo e do Rio de Janeiro, para onde se transferiu. Editor, poeta, crítico, historiador do modernismo, jornalista. Casou-

se com Mathilde de Barcellos Brito. Recebeu o prêmio de conjunto de sua obra da Academia Brasileira de Letras em 1976. Prêmio de Poesia Francisco de Paula Ferraiol, instituído pela revista *Juca Mulato*, Itapira, pelo livro *Universo*, em 1961.

Sua contribuição literária: *Três romances da idade urbana*, em 1946; *Poesias completas*, em 1950; *Noite de Natal*, em 1950; *O modernismo*, em 1959; *Panorama da poesia brasileira*, em 1959; *O conto romântico*, introdução e notas, em 1961; *Universo*, em 1961; *Desaforismos*, em 1963; *Poemário da Silva Brito*, em 1966; *Poesia do Modernismo*, em 1968; *Ângulo e horizonte*, em 1969; *Diário intemporal*, em 1970; *As metamorfoses de Oswald de Andrade*, em 1972; *Poetas paulistas da semana de arte moderna: antologia*, em 1972; *História do Modernismo Brasileiro*, em 1974; *Conversa vai, conversa vem*, em 1974; *Cartola de mágico*, em 1976; *Natal de ontem de hoje e de sempre*, em 1976; *Oferenda natalícia*, em 1977; *Jogral do frágil e do efêmero: poesia*, em 1979; *O Rio Telmo Padilha*, em 1979; *O fantasma sem castelo*, em 1980; *Os condenados*, em 1983; *O perfeito cozinheiro das almas deste mundo: diário coletivo da garçonnière de Oswald de Andrade, São Paulo, 1918*, em 1987 e *Suíte em dó maior*, s.d.

Maximiano de Carvalho e Silva

Maximiano de Carvalho e Silva nasceu no dia 5 de julho de 1926, no Rio de Janeiro. Diplomou-se em letras em 1947. Iniciou o exercício do magistério superior em 1953, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com aulas de língua e literaturas de língua portuguesa para os cursos de jornalismo e letras. Ingressou na Universidade Federal Fluminense em 1957, como professor assistente de língua portuguesa. Apresentou sua tese *Souza da Silveira: o Homem e a Obra – Sua Contribuição à Crítica Textual no Brasil* para obtenção do título de livre docente em filologia portuguesa. Em 1984 sua tese foi publicada, pela editora Presença, com prefácio de Pedro Nava. Na Universidade Federal Fluminense exerceu a chefia do departamento de letras de 1965 a 1968; de 1969 a 1970 foi chefe do departamento de lingüística e filologia e de 1970 a 1974 foi presidente da Comissão de Pós-Graduação deste mesmo departamento. Em 1970 foi eleito para o cargo de diretor do Instituto de Letras. Também em 1970, foi designado diretor do Centro de Pesquisas da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), cargo que exerceu até 1975. Foi membro do Conselho Consultivo da FCRB de 1975 a 1981. No Liceu

Literário Português ocupou no ano de 1991 o cargo de membro da Comissão Diretora do Instituto de Língua Portuguesa. É membro da Comissão de Redação da revista *Confluência*, da qual também é colaborador constante. Aposentou-se em 1989 na Universidade Federal Fluminense (UFF). Recebeu da UFF o título de Professor Emérito em nove de junho de 1999. Sua produção intelectual está centrada, sobretudo, nos estudos de crítica textual e, principalmente, no preparo de edições críticas, de autores das literaturas brasileira e portuguesa. É casado com Dirce de Carvalho e Silva.

Sua contribuição literária: *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco; *Dificuldades da Língua Portuguesa e Gramática Histórica da Língua Portuguesa*, de Said Ali; *Souza da Silveira: o Homem e a Obra – Sua Contribuição à Crítica Textual no Brasil*, edição crítica; *Lições de Português e Dois Autos de Gil Vicente*, de Souza da Silveira, edição crítica; *Estudos Camonianos*, reedição de ensaios sobre Luís de Camões; *Homenagem a Manuel Bandeira*, em 1988 e edições críticas de obras de José de Alencar e outros escritores.

Murilo Araújo

Murilo Araújo nasceu no dia 26 de outubro de 1894 no vilarejo de Serro Frio, Minas Gerais, e faleceu em 2 de agosto de 1980 no Rio de Janeiro. Mudou-se para o Rio de Janeiro em 1907. Foi interno no colégio Pedro II, lá fundou o Grêmio Literário Euclides da Cunha, onde mais tarde deu aulas de desenho. Em 1914 foi trabalhar em São Paulo, com jornalismo. Em 1917 publicou seu primeiro livro, *Carrilhões*, no estilo do modernismo. Fixou residência no Rio de Janeiro. Diplomou-se em direito em 1921. Participou do movimento modernista, através do grupo da revista *Festa* que também contou com a participação de Cecília Meireles, Andrade Muricy, Adonias Filho e Tasso da Silveira. Foi um dos artistas do modernismo mais influenciado pelo Simbolismo. Recebeu também influências dos poetas Walt Whitman (1819-1892), Antônio Nobre (1867-1900) e Émile Verhaeren (1855-1916). Trabalhou como funcionário público e professor. Recebeu o Prêmio de Poesia em 1928, pelo livro *A iluminação da vida*, e o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra em 1971. Teve diversas poesias musicadas e traduzidas para o castelhano, francês, italiano, alemão, inglês, esperanto, ídiche. Usou os pseudônimos Remy Torres, Dalva, Hamílcar Pompéia, Marinho Dalma, Mário Túlio e R. T. D.

Dados extraídos da *Enciclopédia de Literatura Brasileira* e da sua página na internet capturada no dia onze de dezembro de 2007.

Sua contribuição literária: *Carrilhões*, em 1917; *A galera*, escrito em 1915 e publicado depois; *Árias de muito longe*, em 1921; *A cidade do ouro*, em 1927; *A iluminação da vida*, em 1927; *A estrela azul*, em 1940; *As sete cores do céu*, em 1941; *A escadaria acesa*, em 1941; *Poesias*, em 1942; *A arte do poeta* (prosa), em 1944; *Conchas do mar de luz*, em 1948; *Discursos*, em 1950; *O palhaçinho quebrado*, em 1952; *A luz perdida*, em 1952; *O candelabro eterno*, em 1955; *Ontem ao luar* (prosa), em 1951; *Uma biografia do compositor Catulo da Paixão Cearense. Adelino Magalhães no paralelo 70: depoimentos*, em 1957; *Aconteceu em nossa terra* (prosa), em 1958; *Quadrantes do modernismo brasileiro*, em 1958; *O inspetor geral* (tradução do russo Nikolai Gogol), em 1958; *Poemas completos de Murilo Araújo*, em 1960; *O começo do caminho*, em 1961; *Meus poemas diletos*, em 1967; *Ronda de Natal: poemas para os pequeninos e os puros de coração*, em 1963; *História do Brasil menino*, em 6 volumes, s.d. e *Modernismo e Aranhismo*, s.d.

Paulo Berger

Paulo Berger nasceu no dia 17 de março de 1922, no Rio de Janeiro, e faleceu em 15 de agosto de 2003. Médico pediatra graduado pela Faculdade Nacional de Medicina da Praia Vermelha em 1947 e historiador. Trabalhou no Hospital Miguel Couto, no Hospital Rocha Faria e em consultório particular. Pesquisador, colecionador e conhecedor da arte brasileira e da história do Rio de Janeiro. Assessor do colecionador e bibliófilo Paulo Fontainha Geyer. Trabalhou na aquisição, identificação e organização da coleção Geyer, atualmente incorporada ao Museu Imperial. Foi diretor do Museu de Armas Ferreira da Cunha, em Petrópolis. Membro da Sociedade Brasileira de Pediatria; do Instituto Histórico de Petrópolis e sócio-fundador do IHGRJ. Pesquisou sobre o nome das ruas da cidade do Rio de Janeiro. Publicou aos 80 anos de idade o livro *Catálogo de Ex Libris Brasileiros*.

Sua contribuição literária: *Copacabana*, em 1959; *Dicionário histórico das ruas do Rio de Janeiro. Da Glória ao Cosme Velho*, em 1989; *As freguesias do Rio Antigo, vistas por Noronha Santos*, em 1965; *Dicionário histórico das ruas do Rio de Janeiro: I e II*, em 1974; *A tipografia no Rio de Janeiro: impressores bibliográficos – 1808-1900*, em 1984 (com apresentação de Américo Lacombe); *O Rio de ontem no cartão postal: 1900-1930*,

em 1983, e 2ª edição em 1987; *Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros: 1531-1900*, em 1964; *Dicionário histórico das ruas de Botafogo*, em 1987; *Dicionário histórico das ruas do Rio de Janeiro: do Leme à Gávea*, em 1994 e *Catálogo de Ex libris Brasileiros*, sem data. Participou da coordenação de outros livros: *O Barão von Löwenstern no Brasil 1827 – 1829*, em 1972; *Coleção Memória do Rio, Crônicas da cidade do Rio de Janeiro*, em 1981; *Aquarelas de William Smyth*, em 1987 e *Pinturas e pintores do Rio Antigo*, em 1990.

Pedro Nava

Pedro da Silva Nava nasceu no dia 5 de junho de 1903, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Faleceu no dia 13 de maio de 1984, na rua da Glória, lugar que sempre exaltou e escolheu para viver e morrer. Seus pais foram José Pedro da Silva Nava e Diva Mariana Jaguaribe. No ginásio, em 1913, fez amizade com Afonso Arinos de Melo Franco. Em 1916 mudou-se para o Rio de Janeiro na companhia dos tios Alice e Antonio Sales. Voltou a estudar com seu amigo Afonso no colégio Pedro II e passou a se relacionar com Prudente de Moraes Neto, e Juscelino Kubitschek de Oliveira, entre outros. Entre 1922 e 1923 conviveu com os intelectuais de Belo Horizonte, no Clube Belo Horizonte e no Café Estrela. Estudou medicina de 1921 a 1927, colando grau em 1928. Passou a exercer a profissão em cidades do interior do estado. Colaborou com poemas em *A Revista*, órgão dos modernistas mineiros, em 1925. Recepcionou Mário de Andrade e o grupo de modernistas paulistas em excursão pelas cidades mineiras. Começou a ler Proust aos vinte e cinco anos. Deixou Belo Horizonte após o suicídio de sua namorada. Foi para São Paulo e de lá para o Rio de Janeiro. Foi contratado pela prefeitura do Distrito Federal, na Secretaria Geral de Saúde e Assistência Pública Municipal do Rio de Janeiro, por indicação de Virgílio Melo franco. Exerceu o magistério em medicina de 1936 até 1975. Em 1943 casou-se com Antonieta Penido, aos quarenta anos. Foi aposentado por decreto de Getúlio Vargas, por ter assinado o “manifesto dos mineiros”, divulgado por ocasião do aniversário da Revolução de 1930. Em 1945 foi reintegrado ao serviço do qual fora afastado por Getúlio Vargas. Participou de várias sociedades médicas no Brasil e no exterior, tornando-se membro de várias associações. Criou na medicina a área de reumatologia. Em 1968 começou a redigir suas memórias, aos sessenta e quatro anos. Publicou seis livros de memórias, sendo o

sétimo, uma publicação póstuma. Em 1975 escreveu uma carta testamento que deixou com seus amigos Afonso Arinos, José Nabuco, Plínio Doyle, Carlos Drummond de Andrade, e seus médicos Ézio Fundão e Renato Pacheco. Foi eleito em 1983, Escritor do Ano, pelo Sindicato dos Escritores de São Paulo.

Dados extraídos do *Inventário do Arquivo de Pedro Nava* e da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*.

Sua contribuição literária: *Território do Epidauro*, (poema) em 1947; *O defunto*, (poema) em 1967; *Baú de Ossos*, em 1972; *Balão Cativo*, em 1973; *Chão de Ferro*, em 1976; *Beira Mar*, em 1979; *Poliedro*, em 1980; *Galo das Trevas*, em 1981; *O Círio Perfeito*, em 1983; *O bicho urucutum*, em 1998 e *Cera das Almas*, póstuma.

Peregrino Júnior

João Peregrino da Rocha Fagundes Júnior nasceu em 12 de março de 1898, na capital do Rio Grande do Norte, e faleceu a 12 de outubro de 1983 no Rio de Janeiro. Filho de um funcionário e professor de matemática e línguas. Frequentou a Escola Normal do Rio Grande do Norte, onde auxiliou a organização de diversos jornais, transferindo-se em 1914 para o estado do Pará. Por interferência de um tio que era administrador do posto aduaneiro de Óbidos, conseguiu o cargo de remador na mesma repartição. Em Belém concluiu o curso secundário, ingressando como suplente de revisor do jornal *Folha do Norte*, passando em seguida à repórter de polícia e a redator. Em 1919, iniciou o curso de medicina, que logo interrompeu, fixando-se em seguida, no Rio de Janeiro. Paralelamente a um cargo público, passou a trabalhar na imprensa, aproximando-se de um círculo da boemia intelectual. Conseguiu firmar sua presença por meio de uma coluna semanal em *A Notícia*, e depois como responsável pela seção do *Rio-Jornal* intitulada “Vida Fútil”. Entre 1924 e 1926, publicou três volumes de crônicas. Trabalhou fixo em *O Jornal*. Retomou o curso de medicina, para concluí-lo em 1929. Nesse mesmo ano publicou sua primeira obra de ficção intitulada *Pussanga*, que teve três edições em três anos. Esse livro, acrescido de outros trabalhos, foi republicado em 1936 pela José Olímpio com o título *Histórias da Amazônia*. Em 1938 lançou *Doença e constituição de Machado de Assis*, passando então quase vinte anos sem publicar nada. Após sua formatura, Peregrino trabalhou como médico adjunto da Santa Casa de Misericórdia. Fundou e dirigiu o serviço de endocrinologia na Policlínica do

Rio de Janeiro, entidade que veio depois a presidir. Também foi fundador e primeiro presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia, Biotipologia e Nutrição. Foi membro do Conselho Nacional de Desporto, da Academia Nacional de Medicina, do Conselho Federal de Cultura, da União Brasileira de Escritores e da Academia Brasileira de Letras (1945), entre outras. Emérito contador de casos, suas crônicas foram publicadas em vários jornais e revistas. Seu tema principal era a Amazônia. Atuou na crítica literária, organizando antologias, como a do contraparente Ronald de Carvalho. Jornalista, cronista, crítico, professor universitário. Oficial de gabinete do Ministro da Educação e Saúde Pública, médico clínico de carreira, catedrático de biometria na Escola Nacional de Educação Física e Desportos. Recebeu o Prêmio contos e novelas em 1930, da Academia Brasileira de Letras, pelo livro *Pussanga*. Casou-se em 1926, com Wanda Acioly, cunhada de Ronald de Carvalho.

Dados extraídos do livro *Intelectuais à brasileira* de Sérgio Miceli, da *Enciclopédia de Literatura Brasileira*, e da página na internet da Academia Brasileira de Letras.

Sua contribuição literária: *Vida fútil*, em 1923; *Jardim da melancolia*, em 1926; *Confidências e indiscrições de Jacinto Perdigão*, em 1928; *O cangaceiro Zé Favela*, em 1928; *Um drama no seringal*, em 1929; *Pussanga*, em 1929; *Matupá*, em 1933; *Histórias da Amazônia*, em 1936; *Interpretação biotipológica das artes plásticas*, em 1936; *Doença e constituição de Machado de Assis*, em 1938; *Testamento de uma geração*, em 1944; *O tempo interior na poesia brasileira*, em 1946; *O movimento modernista*, em 1954; *Missão da universidade na formação das elites*, em 1955; *Origem e evolução do simbolismo*, em 1957; *Biografia de João Francisco Lisboa*, em 1957; *Panorama cultural da Amazônia*, 1960; *Ronald de Carvalho – poesia e prosa. Seleção crítica*, em 1960; *A mata submersa*, em 1960; *José Lins do Rego – romance. Seleção crítica*, em 1966; *Três ensaios*, em 1969 e *Língua e estilo de José Lins do Rego*, em 1968.

Péricles Madureira de Pinho

Péricles Madureira de Pinho nasceu em Salvador, Bahia, em 1908 e faleceu no Rio de Janeiro, em 27 de outubro de 1978. Filho do advogado baiano Bernardino Madureira de Pinho, e irmão de Demóstenes Madureira de Pinho. Grande amigo do editor José Olímpio, tendo sido seu auxiliar direto. Funcionário da Câmara de Reajustamento Econômico, do

Ministério da Educação e Cultura e do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP) com Anísio Teixeira. Atuou na função de assessor jurídico no Banco de Brasil junto com Afonso Arinos. Dirigiu o Banco da Bahia. Colaborou com Afonso Arinos na direção da Coleção Documentos Brasileiros da Editora José Olímpio. Autor da introdução do livro *Alto mar, mar alto* de Afonso Arinos, assinando apenas as iniciais do seu nome. Pertenceu ao conselho editorial da José Olímpio Editora em 1976.¹ Foi chefe de gabinete dos ministros Simões Filho e Oliveira Brito da Educação. Fez parte do Conselho Federal de Educação junto com Deolindo Couto e Raymundo Moniz de Aragão. Escreveu o livro *São assim os baianos*, onde descreve os grandes nomes da sua terra, não só se valendo dos recursos históricos, mas de depoimentos de ordem pessoal. Cronista, historiador, pesquisador, bacharel em direito. Casou-se com Iracy.

Dados extraídos da *Enciclopédia de Literatura Brasileira* e da sessão plenária do dia seis de novembro de 1978, do Boletim do Conselho Federal de Cultura, em uma homenagem pelo falecimento de Péricles.

Sua contribuição literária: *O problema da sindicalização rural*, em 1939; *Luís Tarquínio: pioneiro da justiça social no Brasil*, em 1944; *Notas à margem do problema agrário*, em 1952 e *São assim os baianos*, em 1960.

Raul Lima

Raul do Rego Lima nasceu em 3 de dezembro de 1911, em Passo do Camaragibe, Alagoas e faleceu em novembro de 1985 no Rio de Janeiro. Cronista, memorialista, ensaísta, jornalista, tradutor, professor e redator. Bacharel em direito em 1935. Funcionário público, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da Academia Alagoana de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas. Prêmio Paula Brito da Prefeitura do Distrito Federal, Prêmio da Prefeitura de São Paulo, Medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, Medalha Centenário de Rui Barbosa, Medalha Anchieta, Medalha Sílvio Romero, Comendador da Ordem do Rio Branco, entre outras. Foi diretor do Arquivo Nacional. Casou-se com Maria Anecy Graça Lima

Dados extraídos da *Enciclopédia da Literatura Brasileira*.

¹ Informação retirada do Inventário do Arquivo de Pedro Nava, página 19.

Sua contribuição literária: *Sangue e volúpia: romance* (tradução), em 1947; *Prosa por Raul Lima/Tavares Bastos* (prefácio), em 1957; *Jornalismo e democracia*, em 1960; *Presença de Alagoas*, em 1967; *O fio do tempo*, em 1970; *Arquivo e comunicação: nova função do arquivista divulgar*, em 1972; *Da problemática da documentação histórica*, em 1973; *A vida desconhecida do revolucionário alagoano Padre Caldas*, em 1977 e *A criação do Diário Oficial*, em 1978.

Severo da Costa

Luís Antonio Severo da Costa nasceu em Minas Gerais no dia 27 de junho de 1914. Faleceu aos 78 anos de idade em um acidente de carro no Rio de Janeiro, em 7 de fevereiro de 1992. Veio para o Rio de Janeiro aos treze anos de idade. Formou-se em direito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi nomeado juiz do Tribunal de Alçada pelo governador Carlos Lacerda. Empossado como presidente do Tribunal na década de 1970. Aposentou-se como desembargador do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro em 1984. Casou-se com Lígia Costa com quem teve três filhos e seis netos. Na ata de oito de fevereiro de 1992, de Marcelo Santiago Costa, consta informações de que Severo da Costa integrou o quadro de advogados do Banco do Brasil e presidiu a Sociedade Brasileira de Direito Marítimo. Ele apreciava os assuntos históricos, do que deu mostras quando elaborou, após cuidadosas pesquisas, trabalho que não quis publicar, a respeito dos principais eventos políticos ocorridos em cada período de governo no regime republicano brasileiro. A sua presença nas reuniões do *sabadoyle* caracterizou-se pela afabilidade com que tratava todos quantos a elas compareciam e pela boa conversa que atraía seus companheiros e amigos. Nas atas há gracejo por conta do seu nome (Severo) em oposição ao seu trato amável para com todos. Após a sua aposentadoria, voltou a advogar no escritório que mantinha com seu filho. Integrou o grupo de juristas nas reuniões do *sabadoyle* da qual também fizeram parte Cândido Mota Filho, Oscar Dias Correia, José Carlos Moreira Alves, Décio Miranda, Ribeiro da Costa, Luís Gallotti, Luís de Oliveira Alves (pai de José Carlos), e Laudo de Almeida Camargo.²

² Informações da ata de Marcelo Santiago Costa do dia 8 de fevereiro de 1992 e da ata do dia 05 de janeiro de 1985.

Sua contribuição literária: *Obras completas de Rui Barbosa*, prefácio do volume 49, 1922, tomo I, *O Caso de São Paulo Northern Railroad Company*, em 1979.

Wálter Benevides

Wálter Correia de Sá e Benevides nasceu no Rio de Janeiro, em 4 de setembro de 1908 e faleceu no Rio de Janeiro, em 20 de janeiro de 1981. Filho de Bernardino Corrêa de Sá e Benevides e Olga de Schueler Benevides, que faleceu em 22 de maio de 1915. Em 1916, estudou o curso primário na Escola Deodoro e em 1919, o preparatório no Curso Boaventura. No Colégio Aldridge em 1923, conheceu Edí Dias da Cruz (Marques Rebelo), de quem se tornaria amigo. Entrou para a faculdade de medicina em 1924. Em 1926 conheceu o poeta Murilo Araújo, e passou a colaborar na revista *Souza Cruz*. Em 1927 colaborou com Marques Rebelo na direção do jornal de literatura e amenidades, *O Atlântico*. Em 1929 formou-se em medicina. Passou um ano fora do Brasil estudando aperfeiçoamento em Otorrinolaringologia. Em 1932 passou a trabalhar na Policlínica de Botafogo. Em 21 de abril de 1936 faleceu o seu pai, e casou-se em 29 de novembro do mesmo ano com Elza Rohde da Silva. Teve dois filhos Adolpho (ministro do Itamaraty) e Guilherme (médico). Colaborou na seção de música e discos clássicos da revista *Boletim de Ariel* de 1936 a 1938. Colaborou em *O Cruzeiro* e em *O Jornal*. Foi chefe do serviço de Otorrinolaringologia do Hospital S. João Batista da Lagoa e na Policlínica Geral do Rio de Janeiro, em 1948. Foi presidente da Sociedade de Otorrinolaringologia do Rio de Janeiro em 1955. Colaborou com verbetes de anatomia e medicina no dicionário do *Aurélio*, em 1964. Professor adjunto de Pneumologia na PUC-RJ em 1968. Foi diretor científico dos sete primeiros números da revista *Medicina de hoje*, em 1975. Poeta, ensaísta, ficcionista, memorialista, crítico, médico, professor universitário, membro do Pen Clube do Brasil e da Academia Nacional de Medicina (1977). Escreveu obras de medicina e colaborou em diversos periódicos.

Dados extraídos da *Enciclopédia de Literatura Brasileira* e das contracapas dos seus livros editados.

Sua contribuição literária: *Poemas concêntricos* (poesia), em 1936; *Raul de Leoni no cinqüentenário da “luz mediterrânea”* (ensaio), em 1973; *Sobre Raul de Leoni*, em 1973; *Molière e a medicina*, em 1974; *Rilke ou a convivência com a morte e outros ensaios*, em

1976; *Visitas de médico* (memória), em 1978 e *Compositores surdos e outros estudos*, em 1985.

Quadro geral do grupo 1

Sabadoyleano	Nascimento	Morte	Formação	Atuação profissional	Atuação literária e artística	Agremiações literárias	Idade Inicial
Abel Pereira	BA-28/12/1908	RJ-21/5/2006	Não identificada	Corretor de imóveis	Poeta	ALII; IHGBA; AGL	70 anos
Alphonsus de Guimarães F.	MG-3/6/1918	Vivo	Direito	Procurador	Poeta	ALMG; Pen Clube	53 anos
Álvarus (Álvaro Cotrim)	RJ-27/12/1904	RJ-15/10/1985	Direito	Serv. Público	Caricaturista	Não identificada	62 anos
Américo Lacombe	RJ-7/07/1909	RJ-7/04/1993	Direito	Professor	Historiador	ABL; IHGB	57 anos
Carlos Drummond de Andrade	MG-31/10/1902	RJ-17/08/87	Farmácia	Serv. Público	Poeta; cronista	Nenhuma	64 anos
Ciro dos Anjos	MG-5/10/1906	RJ-4/08/1994	Direito	Magistrado e professor	Romancista	ABL	63 anos
Deolindo Couto	PI-11/3/1902	RJ-29/5/1992	Medicina	Médico	Ensaísta	ABL	64 anos
Enrique de Resende	MG-13/08/1899	RJ-16/09/1973	Engenharia	Engenheiro	Poeta e ensaísta	Nenhuma	73 anos
Fernando Monteiro	8/1/1905	Não identificada	Não identificada	Bancário	Ensaísta	IHGB	67 anos
Gilberto Mendonça Teles	GO-30/6/1931	Vivo	Letras e Direito	Professor	Poeta; crítico literário	ALGO; IHGGO; Pen Clube	39 anos
Homero Homem	RN-6/1/1924	RJ-17/7/1991	Direito	Professor	Poeta e romancista	ANLIJ	42 anos
Homero Senna	SP-2/4/1919	RJ-8/9/2004	Direito	Serv. Público	Jornalista e biógrafo	Nenhuma	48 anos
Horácio de Almeida	PB-21/10/1896	RJ-5/6/1983	Direito	Magistrado	Ensaísta e poeta	AFL; ACL; IHGPB; APL	70 anos

Joaquim Inojosa	PE-27/03/1901	RJ-12/01/1987	Direito	Magistrado	Jornalista; crítico; ensaísta	ALRJ; OVJ; ACL	67 anos
Mário da Silva Brito	SP-14/12/1916	Não identificada	Direito	Editor	Poeta e crítico	Não identificada	55 anos
Maximiano de Carvalho e Silva	RJ-5/7/1926	Vivo	Letras	Professor	Filólogo	A FRJ	40 anos
Murilo Araújo	MG-26/10/1894	RJ-2/08/1980	Direito	Professor	Poeta	Nenhuma	74 anos
Paulo Berger	RJ-17/3/1922	RJ-15/8/2003	Medicina	Médico	Ensaísta	IHGRJ	44 anos
Pedro Nava	MG-5/06/1903	RJ-13/05/1984	Medicina	Médico	Memorialista	Nenhuma	68 anos
Peregrino Júnior	RN-12/03/1898	RJ-12/10/1983	Medicina	Médico e professor	Cronista; crítico literário	ABL; UBE	68 anos
Péricles Madureira de Pinho	BA-1908	RJ-27/10/1978	Direito	Serv. Público	Ensaísta e cronista	Não identificada	64 anos
Plinio Doyle	RJ-1/10/1906	RJ-26/11/2000	Direito	Procurador	Bibliófilo e pesquisador	IHGB	58 anos
Raul Lima	AL-3/12/1911	RJ-nov. 1985	Direito	Serv. Público	Cronista e jornalista	IHGB; ALAL; IHGAL	61 anos
Severo da Costa	MG-27/6/1914	RJ-7/2/1992	Direito	Magistrado	Nenhuma	Nenhuma	52 anos
Walter Benevides	RJ-4/9/1908	RJ-20/1/1981	Médico	Médico	Poeta e ensaísta	Pen Clube	58 anos

5. Biografia coletiva do grupo 2

Amelia Sparano

Amelia Lo Presti nasceu em 17 de agosto de 1912, em Turim. Filha de oficial de engenharia do governo italiano. Assistiu com os pais e o irmão os combates da I Guerra Mundial em diferentes cidades do território italiano. Estudou em colégio interno o ensino básico, transferindo-se depois para a casa da avó em Portugal onde terminou o colegial em casa. Mudou-se com a família para Gênova em 1936, onde fez prova para a faculdade. Em 1941 participou do concurso nacional de monografia tendo como tema a “maturidade na arte”, no qual saiu-se vencedora. Conheceu seu marido Carlos, filho de diplomata brasileiro, em 1939, com quem viveu por 60 anos. A família mudou-se para o Brasil durante a II Guerra Mundial, fixando residência em Copacabana. Amélia naturalizou-se brasileira em 1950. Dessa união nasceram Francisco, Luiz e Beatriz. Seu marido faleceu em 2004 no Rio de Janeiro. Seu primeiro conto em português *O dinheiro do diabo* foi premiado em concurso literário no Brasil e na Itália. Recebeu o Prêmio Artur Azevedo, da Academia Brasileira de Letras, em 1993. Membro do Pen Clube e da Ube. Romancista, contista, ensaísta, poeta e tradutora.

Bibliografia: *O dinheiro do diabo* (conto); *A hora difícil* (romance) em 1969; *Moeda corrente* (contos) em 1984; *Per non dimenticare* (romance); *Nas malhas da rede* (comédia), em 1993; *Relampejos, meditações poéticas* (poesia) em 1993; *Anos de fogo* (romance) em 1997; *A espectadora* (romance) em 2004; *Meditando* (poemas) em 2006.

Dados extraídos da página Forum Democrático – Revista da Associação de Intercâmbio Cultural Itália Brasil Anita e Giuseppe Garibaldi, da internet, acesso dia 5/6/2008; e da Enciclopédia de Literatura Brasileira.

Ari Vasconcelos

Nasceu no Rio de Janeiro em 4 de fevereiro de 1926 e faleceu em 7 de outubro de 2003, no Rio de Janeiro. Pesquisador e estudioso da música popular brasileira, desde o samba até a bossa nova. Jornalista, escritor, crítico. Formado pela Faculdade Nacional de Direito em 1951. Estudou clarinete com Paulo Moura e José Carlos de Castro. Iniciou no jornalismo em *O Globo* (1943), colaborando com Sílvio Túlio Cardoso na seção Um pouco de jazz.

Participou em jornais e revistas como *A cena muda*; *A cigarra*; *O cruzeiro*; *O papagaio*; *O jornal*; *Rio magazine*; *Chuvisco*; *Country*; *Farpa*; *Guanabara em revista*; *O dia*; *O globo*; e *Jornal do Brasil*. Como crítico e cronista de discos e música trabalhou para *O cruzeiro*; *O jornal*; *Jornal do Comércio*; *O globo* e *Jornal do Brasil*. Participou da estruturação, com Augusto Marzagão e outros, do I Festival Internacional da Canção, e das comissões dos II e III FIC. Foi chefe da Musicoteca do Museu da Imagem e do Som e idealizador do Conselho de Música Popular Brasileira, do qual foi integrante entre 1966 e 1974. Foi membro do Conselho Estadual de Cultura e assessor do Instituto Nacional da Música da Funarte. Colaborou para a realização do I Grande Concerto Brasileiro de Jazz, no Copacabana Palace, em 1962. Foi um dos fundadores do Clube de Jazz e Bossa. Poeta, contista, romancista, ensaísta, jornalista e musicólogo.

Bibliografia: *Raízes da música popular brasileira*, em 1977; *Panorama da música popular brasileira* em 1964; *Panorama da música popular brasileira na belle époque*, em 1977; *Luís Pistarini, um bandolim esquecido* em 1983; *Carinhoso etc – história e inventário do choro* em 1984; *A nova música da República Velha* em 1985; *Corpo 10* (ensaio) em 1998; *Manhãs sumerianas* (romance) em 1994; *Um duelo de titãs – Camilo e Eça de Queiroz* (ensaio) em 1999.

Dados extraídos da página www.samba-choro.com.br/noticias/arquivo, acesso dia 5/6/2008.

Cleusa de Souza Millan

Foi da comissão julgadora da União Brasileira de Escritores para a concessão dos prêmios de 2001. Professora e museóloga do IHGB.

Bibliografia: *A memória social de Chiquinha Gonzaga*, em 1996; *Direito adquirido*, em 2005; *Instituições, retórica e o bacharelismo no Brasil*, em 2005; *A pena de ouro da Lei Áurea e o elemento servil no Brasil*, em 2007.

Edda Farjat

Edda F. Pompa Antunes nasceu em 12 de janeiro de 1928, em São Paulo. Professora, letrista, roteirista, poeta, cronista, contista, ensaísta e teatróloga. Formada em Musicoterapia em 1979, pós-graduada em poesia moderna em 1983. Membro do Pen Clube.

Bibliografia: *50 poemas escolhidos pelo autor; Especial Edda Farjat, noite de poesia e música*, em 1987; *Ritmo, rimas* (poesia); *Finito infinito* (poesia); *No verso da pintura* (teatro) em 1987; *Piscina brasiliense* (teatro) em 1993; *Lobos* (teatro) em 1996.

Élvia Bezerra

Èlvia maria de Sá Bezerra nasceu no dia 9 de fevereiro de 1947, em Mombaça (Ceará).

Ensaísta, tradutora, redatora. Diplomada em Letras em 1970. Prêmio Pen Clube de ensaio em 1995 e Prêmio Ube por dedicação à pesquisa em 1998.

Bibliografia: *A trinca do Curvelo; Meu diário de Lya*.

Geraldo de Menezes

Nasceu no dia 29 de maio de 1935, em Manaus. Biógrafo, ensaísta. Diplomado em Direito em 1956, em História em 1961, pós-graduação em 1973. Professor universitário e advogado. Membro do IHGB, IHGRJ, UBE, Academia Carioca de Letras, Academia Brasileira de Literatura.

Bibliografia: *Notícia de Afrânio Peixoto* (biografia) em 1970; *O Rio de Janeiro na visão de Manuel Antonio de Almeida* (ensaio) em 1987; *No centenário de Bernanos* em 1988; *A história na crônica de Machado de Assis* em 1989; *Machado de Assis – a glória que fica* em 1990; *O senador Cândido Mendes* (biografia) em 1991; *Machado de Assis e a política* (ensaio) em 1993; *A face do tempo* (ensaio) em 1999.

Heloisa Maranhão

Heloísa dos Reis Maranhão nasceu em 15 de outubro de 1925, no Rio de Janeiro. Sua família descende do governador do Maranhão em 1614, Gerônimo de Albuquerque. Prima do jornalista Haroldo Maranhão. Foi aluna do Colégio Sion de Petrópolis, fluente em francês. Estudou Direito e criminalística. Refinada professora de dramaturgia da Escola de Teatro. Tradutora da Rádio MEC, membro do Pen Clube do Brasil. Recebeu influência de Câmara Cascudo e da literatura de cordel. Recebeu a Medalha Tiradentes em 1994, pela Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro. Teatróloga, romancista, poeta e tradutora. Membro da Academia de Letras do Rio de Janeiro, SBAT e Ube.

Bibliografia: *O padre Amaro* (conto); *Paixão da terra* (teatro) em 1957; *A rainha morta* (teatro) em 1974; *Castelo interior e moradas* (poesia) em 1974; *Lucrecia* (romance) em 1979; *Florinda* (romance) em 1982; *Dona Leonor Teles* (romance) em 1985; *Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz* (romance) em 1997; *A rainha Navarra* (romance) em 1986.

Henrique L Alves

Henrique Losinkas Alves nasceu no dia 2 de janeiro de 1931 em São Paulo. Faleceu em 1997. Ensaísta, tradutor e jornalista. Membro da Academia Brasileira de Literatura Infantil e Juvenil; Vice-presidente da União Brasileira dos Escritores em 1992 e da Associação Paulista de Críticos de Arte em 1996. Prêmios Ramos Paz (1962); Fernando Chinaglia; UBE; Casa Paulo Setúbal; Juca Mulato; Villa-Lobos; Carlos de Laet da Academia Brasileira de Letras; Jabuti e Pen Clube de São Paulo. Pseudônimos: Carlos Magalhães, Pedro Sacyiewski, Bras Irougill e D. Saksnisol.

Bibliografia: *Antologia dos poetas contemporâneos* (1986); *Antonio Bento – o fantasma da Abolição* (1962), que recebeu o Prêmio Ramos Paz, da Academia Brasileira de Letras, em 1962.

Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Bibliografia afro-brasileira: estudo sobre o negro brasileiro*, em 1976. *Sua excelência – o samba*, em 1968; *Bibliografia afro-brasileira estudos sociais*, em 1973; *Mário de Andrade*, em 1973; *Círculo negro*, em 1975; *Contos alternativos*, em 1987; *Diálogo da negritude*, em 1965; *Ficção de 30*, em 1978; *Mumbica*, em 1984; *O fantasma da abolição*, s.d.; *O folclore e o negro na obra de Monteiro Lobato*, em 1963; *Perfil de Afonso Schmidt*, em 1987; *Ficção de 40*, em 1976; *Paulo Eiró – o precursor da abolição*, s.d.; *Cruz e Sousa – o dante negro autografado*, s.d.; *Juscelino Kubitscheck – o construtor de Brasília*, em 1983; *Poetas contemporâneos* (org.) em 1985; *A pomba do Leme*, em 1988; *Caminhos do desejo*, em 1995; *Caminhos do desejo = 10 anos sem Henrique L Alves*, em 2007.

José Henrique Millan

Foi diretor do Museu Nacional (UFRJ) de 1982 até 1985. Professor do Museu Nacional/UFRJ.

Bibliografia: *Direito adquirido*, em 2005; *Instituições, retórica e o bacharelismo no Brasil*, em 2005; *A pena de ouro da Lei Áurea e o elemento servil no Brasil*, em 2007.

Lygia da Fonseca Fernandes de Cunha

Publicou catálogos de exposições da Biblioteca Nacional.

Bibliografia: *Thomas Ender: catálogo de desenhos*, em 1968; *O Rio de Janeiro através das estampas antigas*, em 1970; *Oficina do arco cego* (monografia) em 1976; *Lembrança do Brasil: Ludwing and Briggs* (introdução) em 1970; *Exame de artilheiros: 1744* em 1987; *Rio de Janeiro – impressões de viajantes nos séculos XVI–XIX* em 1992; *A gênese da Biblioteca Nacional e a recente divulgação do acervo real português* (comunicação no IHGB) em 2007.

Marcelo Santiago Costa

Desembargador. Fez o curso da Escola Superior de Guerra em 1973. Pertence a Associação dos Magistrados do Estado do Rio de Janeiro, da qual foi presidente no biênio 1974-1975. É conselheiro da União dos Juristas Católicos do Rio de Janeiro no biênio 2006-2008.

Maria Cecília Ribas Carneiro

Nasceu no Rio de Janeiro em 24 de julho de 1923. Filha de Edgar Ribas Carneiro e de Sílvia Moreira. Escreveu em colaboração com Hélio Silva os seus livros.

Bibliografia: *1939: véspera de guerra*, (colaboração) em 1972; *Campos Sales: 4º presidente do Brasil* em 1983; *Nasce a República* em 1998; *O poder civil s.d.*; *Luta pela democracia: 1911-1914 s.d.*; *Entre paz e guerra: 1915-1919 s.d.*; *O primeiro 5 de julho: 1920-1922 s.d.*; *O fim da primeira República – 1927/1930* em 1998; *Juscelino Kubitscheck* em 1983; *A lei e a revolta: 1934-1936* em 1975; *As crises e as reformas* em 1975; *Começa a revolução: 1923-1926* em 1975; *Desenvolvimento e democracia: 1956-1960* em 1975; *Getúlio Vargas volume 1* em 1983; *Getúlio Vargas: a 2ª deposição: 3ª parte* em 1983; *Nasce a República 1888-1894* em 1998; *Nos braços do povo* em 1975; *O Brasil e a 1ª Grande Guerra – 1915/1919* em 1998; *O Estado Novo 1937-1938* em 1975; *O Governo Provisório* em 1975; *O levante da Escola Militar 1920-1922* em 1998; *O poder civil 1895-1910* em 1975; *Prudente de Morais 3º presidente do Brasil* em 1983; e a série *Os Presidentes* editada em 1983 pela Editora Três.

Maria Stella de Faria

Maria Stella de Faria Monat da Fonseca nasceu no dia 6 de maio de 1932, no Rio de Janeiro. Poeta, teatróloga, contista, romancista e tradutora. Diplomada em Pedagogia. Professora. Membro da Sociedade Eça de Queiroz. Prêmio Guararapes da UBE em 1987; Jorge Fernandes da UBE em 1992; José Alejandro Cabassa em 1992 e Gilka Machado.

Bibliografia: *Lágrimas das coisas* (conto) em 1987.

Reinaldo Valinho Alvarez

Nasceu no Rio de Janeiro em 6 de janeiro de 1931. Formado em Letras Clássicas (1955), Direito (1967), Economia (1966) e Administração (1969). Publicou dezessete livros de poesias, dois de ficção, dois de ensaio, quatorze para crianças e adolescentes, e participou em mais de trinta coletâneas de poemas, contos e ensaios com outros autores. Recebeu o Prêmio José Veríssimo de ensaio e erudição, da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Lobato: o escritor e o pedagogo*, em 1979, o Prêmio Coelho Neto de romance, da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Pássaro sem asas*, de 1978, o Prêmio Olavo Bilac de poesia, da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Pentagrama*, em 1981, o Prêmio Jabuti de Poesia, pela Câmara Brasileira do Livro, em 1998 e o Prêmio da Fundação Biblioteca Nacional em 1995.

Membro do Pen Clube do Brasil, do Sindicato dos Escritores do Estado do Rio de Janeiro, da ABI e da Academia Guanabarina de Letras. Colaborou em suplementos literários como o do *Jornal de Letras*. Produtor de programas literários na Rádio Roquette-Pinto do Rio de Janeiro. Poeta, contista, romancista, ensaísta e romancista. Professor, economista, advogado e publicitário.

Bibliografia: *Pássaro sem asas*, de 1978; *Lobato: o escritor e o pedagogo*, em 1979; *Pentagrama*, em 1981; *A faca pelo fio* (poesia) em 1999; *A guerra dos humildes* (infantil) em 1997.

Sérgio Gallo

Sérgio Cícero de Azevedo Gallo nasceu no dia 26 de junho de 1940 em Niterói. Diplomado em Direito em 1972 e em Letras em 1975. Professor. Membro da Academia Anapolina de Letras. Poeta, contista, crítico e ensaísta.

Bibliografia: *Ironias da existência humana* (contos) em 1982; *Antologia de Sérgio Gallo* em 1975; *Sentido de Abel e outros poemas* em 1976; *Contigências* em 1979; *Ave, Cristo* em 1981; *Cruz e Souza* (crítica) em 1982; *Poemas dramáticos* em 1983; *Nassau* em 1984.

Sílvia Jacintho

Sílvia J. Horststein nasceu no dia 14 de março de 1952 em Brotas, São paulo. Diplomada em Jornalismo em 1973. Poeta, contista, autora d eliteratura infantil e juvenil. Membro UBE. Prêmio Jorge de lima da UBE-RJ.

Bibliografia: *Helênica* (1993); *Brasiliana* (menção especial da União Brasileira dos Escritores em 1993) em 1994; *Lavoura de infinito* em 1990; *Poesia, chama em 2000*; *O livro da intuição* em 2000.

Stella Leonardos

Stella Leonardos da Silva Lima Cabassa nasceu em primeiro de agosto de 1923, no Rio de Janeiro. Filha do engenheiro Antonio Caetano da Silva Lima e de Alice Leonardos da Silva Lima. Dilomou-se em Letras. Casou-se em 1945 com Alejandro José Cabassa. Publicou o primeiro livro em 1941, chamado *Passos na areia*. Entre 1942 e 1971 traduziu diversas obras em diferentes idiomas. Participou de grupo de teatro amador de 1943 a 1945, representando as peças “Guisos e clarins”, “Muiraquitã” e “Festa da vitória”, nos teatros municipais do Rio de Janeiro e de São Paulo. Sua peça “Palmares” foi encenada em 1945, pelo grupo Teatro do Estudante, de Pascoal Carlos Magno, na inauguração do Teatro Experimental do Negro. Formou-se em Letras em 1946. Recebeu o Prêmio Odorico Mendes, da Academia Brasileira de Letras, pela tradução de *O século das luzes*, de Alejo Carpentier, em 1978; o Prêmio Olavo Bilac de poesia, da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Poesia em três tempos*, em 1957; o Prêmio João Ribeiro de crítica e história literária, da Academia Brasileira de Letras, com o livro *Líricas românticas e outras líricas*, em 1980 e o Prêmio Artur Azevedo, da Academia Brasileira de Letras, em 1987, com o livro *Auto dos reis e seus camelos reais*.

Bibliografia: *Passos na areia*, em 1941; *Palmares* (teatro) em 1940; *Poesia em três tempos*, em 1957; *O século das luzes*, em 1978; *Líricas românticas e outras líricas*, em 1980 e *Auto dos reis e seus camelos reais*, em 1987.

Teresa Cristina Meirelles de Oliveira

Nasceu no Rio de Janeiro no dia 3 de setembro de 1950. Diplomou-se em Inglês (1969), em Letras (1972), em Direito (1973), em Música (1974), mestrado (1980) e doutorado (1993) ambos em Letras. Membro da UBE, ANPOLL, ABRALIC e ASSEL. Professora universitária. Poeta e ensaísta.

Bibliografia: *Cantares de Marília* (poesia) em 1998; *Foto vivida* (ensaio) em 1979; *Carlos Drummond de Andrade no décimo aniversário de sua morte* (ensaio) em 1997.

Yone Rodrigues

Nasceu em Governador Valadares (MG), viveu em Brasília e atualmente reside no Rio de Janeiro. Formada no Conservatório de Canto Orfeônico. Diplomou-se em inglês e francês. Musicista e professora de piano. Publicou 24 livros, sendo 12 de literatura infantil juvenil. Estreou com *Cantiga da enamorada* em 1956. Firmou-se com *Pastora da noite*, em 1957. Premiada pela UBE-RJ em 1994, com a antologia *Águas essenciais*. Com *A razão do pássaro* de 1984, ganhou o Prêmio Bienal Nestlé. Com *Os iluminados* de 1990, o Prêmio Mário Quintana. Publicou *As estações* (crônicas) em 1994, e com ele recebeu o Prêmio UBE. Em 1999, publicou *Duetos de amor* (poesia para jovens), e *Caminhos de ontem*, em 2000. Fundou, dirigiu e representou por dez anos, em todo o Brasil, o Jogral da Guanabara. Com o livro *Namorados* (poesia), recebeu o prêmio do concurso literário 30 anos da Fundação Nacional do Livro Infantil Juvenil (FNLIJ).

Bibliografia: *Cantiga da enamorada*, em 1956; *Pastora da noite*, em 1957; *A razão do pássaro*, em 1984; *Os iluminados*, em 1990; *Uma lágrima entre dois risos*, em 1993; *Águas essenciais*, em 1994; *As estações* (crônicas), em 1994; *Duetos de amor* (poesia para jovens), em 1999; *Caminhos de ontem*, em 2000 e *Namorados* (poesia).

Quadro geral do grupo 2

Sabadoyleano	Nascimento	Morte	Formação	Atuação profissional	Atuação literária e artística	Agremiações literárias	Idade Inicial
Amelia Sparano	Turim-1912		Não identificado	Tradutora	Romancista; poeta; tradutora	Pen Clube e UBE	Não identificado
Ari Vasconcelos	RJ-4/2/1926	RJ-7/10/2003	Direito	Jornalista	Romancista; poeta e ensaísta	Não identificada	Não identificado
Cleusa de Souza Millan			Não identificado	Não identificado	Ensaísta	UBE	Não identificado
Edda Farjat					Poeta; ensaísta	Não identificado	Não identificado
Élvia Bezerra	Fortaleza		Letras	Pesquisadora e Professora	Ensaísta	Não identificado	Não identificado
Geraldo de Menezes					Biógrafo e ensaísta	UBE; IHGB; ACL; IHGRJ	Não identificado
Heloisa Maranhão	1934		Direito	Tradutora e professora	Romancista e teatróloga	UBE; ALRJ; SBAT	Não identificado
Henrique L Alves	SP	1997		Não identificado	Ensaísta	ABLIJ, UBE, APCA	Não identificado
José Henrique Millan				Não identificado	Ensaísta	Não identificado	Não identificado
Lygia Fonseca Fernandes da Cunha				Não identificado	Ensaísta	Não identificado	Não identificado
Marcelo Santiago Costa			Direito	Desembargador	Não identificado	AMERJ, UJCRJ	Não identificado

Maria Cecília Ribas Carneiro	RJ-24/7/1923			Não identificado	Ensaísta	Não identificado	49 anos
Maria Stella Faria					Contista e tradutora	Não identificado	Não identificado
Reinaldo Valinho Alvarez	RJ-1931		Letras	Não identificado	Romancista; poeta; ensaísta	Pen Clube; AGL; UBE	Não identificado
Sergio Gallo					Contista; ensaísta; poeta	AAL	Não identificado
Silvia Jacintho			Letras	Professora	Contista e poeta	UBE	Não identificado
Stella Leonardos	RJ-1923			Tradutora	Teatróloga e poeta	Pen Clube; SBAT; ACL	65 anos
Teresa Cristina Meirelles de Oliveira				Não identificado	Poeta e ensaísta	UBE; ABRALIC; ANPOLL; ASSEL	Não identificado
Yone Rodrigues	MG		Música	Professora	Poeta e cronista	Não identificado	Não identificado

7. Depoimento de Carlos Drummond de Andrade, em 17 de janeiro de 1966. Poema: Entre os livros de Plínio Doyle.

Que gostosura: a *Semana Ilustrada*
do Agostini, tão bem encadernada!

Esta aqui é a *Minerva Brasiliense*:
tem mais sabor que a *Revista Forense*.

Olha aquela outra, colorida, puxa!
Lembra Bilac moço... Já sei: *A Bruxa*.

E tudo que são letras brasileiras,
antigas, novas, ei-las bem fagueiras.

Vem Alencar, com suas Iracemas,
Peris, minas de prata e de poemas.

O Dr. Macedinho, o bom Manuel
Antonio... Raridades de papel,

Que se nelas acaso os olhos fito,
é como se avistasse o Paula Brito.

As edições do “bom ladrão” Garnier,
que nos sebos já hoje ninguém vê.

Pescarias no oceano verdadeiro
de Roberto Cunha e Carlos Ribeiro.

E agora, a jóia prima: que me diz

de tudo que recorda o velho Assis

em português, inglês (sânscrito? Persa?),
doce concentração de luz dispersa,

a compor essa egrégia Machadiana
que eu não sei arrolar numa semana?

Junta-se sábio amor à reverência,
no culto à Arte Maior em sua essência,

pois no glorioso nome de Machado
o mistério do verbo é celebrado

na casa hospitaleira de Ipanema,
lá onde Plínio Doyle tem por lema

servir às letras, mas sem que os postigos
se fechem nunca para seus amigos.

8. Depoimento de Américo Lacombe, em [fevereiro] de 1966.

Intitulado: A biblioteca de Plínio Doyle.

Diante da biblioteca de Plínio Doyle sinto, de repente, uma grave responsabilidade. Sou dos poucos de seus freqüentadores capaz de um testemunho histórico – triste privilégio. Conheci esta biblioteca ainda quando não era mais que uma estante singela ao lado de uma modesta mesa de estudante. Foi aí que dissecamos, seu dono e eu, artigo por artigo, a Constituição de 1891, à luz dos comentários de Maximiliano e Barbalho, ao preparar o exame de direito público e constitucional. Corria o ano de 927 (sic) (como se vê, não há tanto tempo assim). O Brasil era sólido, tranqüilo e otimista. Os estudantes eram [brilhantes] e esperançosos, como de costume. Os livros eram poucos. Mas os de Plínio sempre foram privilegiadamente bem tratados. Este traço de virilidade, que é o carinho com os livros, Plínio sempre revelou em alto grau. Tratava-os bem e defendia-os do clima, dos insetos e dos que os levam por empréstimo.

Hoje, quando percorro as estantes repletas de raridades da rua Barão de Jaguaripe, orgulho-me da amizade de seu feliz proprietário. Mas porque será que sinto os olhos úmidos ao me transportar espiritualmente à rua General Polidoro, onde preparávamos nossos exames de calouros?

“Ai loucos sonhos de mancebo ardente!

Esperanças altas, ei-las já tão razas.”

9. Ata de Carlos Drummond de Andrade de 28 de dezembro de 1974.

Aos 28 dias do mês de dezembro do ano do petróleo de 1974, neste recanto de Ipanema onde se veneram os livros e se apreciam os biscoitos, realizou-se a 52ª reunião semanal dos amigos de Plínio Doyle no exercício que ora finda, por sua amável convocação, sendo-me delegada a tarefa de lembrar o que foram as 51 reuniões anteriores, o que passo a fazer na linguagem dos números.

Registraram-se 830 presenças de 76 pessoas, o que dá média de comparecimento de 16 pessoas e 27 centésimos em cada sábado, se não está errada minha conta de dividir. A tertúlia menos concorrida foi a de 5 de outubro; devido à chuva e às trovoadas, apenas 5 assinaturas no livro de atas. Quando a biblioteca esteve mais cheia, foi na semana passada, com 24 presentes, inclusive a excelentíssima senhora dona da casa e de Plínio, Esmeralda, e a rara e gentil figura de Sonia, filha do casal, que nos contou da Arábia Saudita com a jovialidade, o viço e a graça de uma perfeita carioca que houvesse passado esses três anos na praia do Leblon.

No rol de frequência, ganhou a palma Fernando Monteiro, que aqui esteve 48 vezes. Segue-se Murilo Araújo, com 40 comparecimentos, se bem que muitas vezes só aparecesse à hora do crepúsculo, em contraste com a luminosidade inerente à sua poesia. Raul Lima e CDA ficaram em terceiro lugar, na casa de 36. 35 é o número de Joaquim Inojosa. Gilberto Mendonça Teles e Homero Homem, 29; Marco Aurélio Barroso, 28, e mais viera se uma bolsa de estudos não o afastasse no rumo de Paris. Seu gosto pelo “papo” da Rua Barão de Jaguaripe ficou manifesto ao assinar o ponto aqui no sábado seguinte ao do seu casamento; e na última ata que redigiu há esta declaração: “Nas minhas tardes parisienses, aos sábados 3 da tarde só me restará uma coisa: tocar um tango argentino.”

Continuando, temos: Deolindo Couto Filho e Paulo Berger, 27; Péricles Madureira de Pinho, 26; Mário da Silva Brito e Severo da Costa, 24. Alphonsus de Guimaraens Filho, Homero Senna, Horácio de Almeida e Maximiano de Carvalho e Silva, 21. Álvaro, 17 (a propósito: sugiro que ele seja convidado a produzir uma ata inteiramente em caricaturas). Pedro Nava, 15. Ciro dos Anjos, 10 (exilado em Brasília, só por isso não foi mais assíduo); Luís Viana Filho, 9; Afonso Arinos de Melo Franco, Eduardo Canabrava, Herman Lima e Raul Bopp, 4; Fred P. Ellison e Olímpio Monat, 3. Afonso Henriques de Guimaraens Neto, Antonio Valdemar, Elisa Nutels, Jean Roche, Jesus Belo Galvão, Manuel Kantor, Maria

Amélia Melo, Ulysses Galvão, Vamireh Chacon e Wilson Martins, 2. Deixo de citar nominalmente os que (38) só vieram uma vez, em parte por castigo, se bem que muitos deles, de passagem pelo Rio, não puderam repetir a dose; os que moram no Rio e não voltaram, ficam na geladeira daquele colunista social.¹

As 51 atas foram lavradas por 35 secretários, sendo 4 do sexo feminino: Lygia Fagundes Teles, Maria Cecília Ribas Carneiro, Mariazinha Congílio e Claude Guichard. Esta circunstância e mais a eventual presença de Célia Neves Lazzarotto, Hilda Hilst, Nancy Roche, Rita Rodrigo Otávio Moutinho e outras figuras femininas, juntamente com as de Esmeralda e Sonia, afastaram a possibilidade de sermos considerados um clube ou, o que seria pior, uma academia do Bolinha.

Joaquim Inojosa foi o mais fecundo redator de atas, sendo-lhe creditadas nada menos de 5 e meia. Digo meia porque numa das vezes se limitou a elaborar o nariz-de-cera para a ata de um ausente-presente, Waldemar Lopes, que criou nova modalidade desse documento: a ata por procuração. Três atas cada um assinalam a contribuição de Raul Lima, Gilberto Mendonça Teles, Homero Homem, Marco Aurélio e Mário da Silva Brito. Maximiano redigiu duas, e Paulo Berger outras tantas. Mais folgados, à base de uma ata por cabeça, estiveram Afonso Henriques e seu pai Alphonsus Filho, Álvaro, Américo Lacombe, Antonio Carlos Vilaça, Armindo Pereira, Bob Ackley (que veio pesquisar coisas sobre Lima Barreto), Cyl Gallindo, Eduardo Canabrava, Fred P. Ellison, Jesus Belo Galvão, Jorge Wanderley, Leodegário A. de Azevedo Filho, Lygia Fagundes Teles, Maria Cecília Ribas Carneiro, Mariazinha Congílio, Nilo Scalzo, Olímpio Monat, Péricles Madureira de Pinho, Raul Bopp, Ulysses Galvao (perdeu o til, naturalizando-se norte-americano), Vamireh Chacon, [espaço]. Rubem Braga parareceu para dar uma de repórter e acabou servindo de secretário; bem feito. Mas os mais folgados de todos foram os demais *habitués* (do autor) e eventuais, que comeram dos bolos, fruíram do “papo” e não tiveram necessidade de botar o preto no branco. Como é isso? Porque Peregrino Júnior, Luís Viana Filho, Afonso Arinos, Ciro dos Anjos, Chico Barbosa e tantos outros não passaram o rabisteco junto à mesa do salão, para deixar neste livro suas mui prezadas letras, limitando-se a autógrafos?

¹ Ibraim Sued.

Entre os secretários, alguns esmeraram-se, fazendo a ata em versos: Mário da Silva Brito, Raul Bopp, Alphonsus de Guimaraens Filho e Gilberto Mendonça Teles. As dos dois últimos foram feitas após a publicação do pequeno volume de *Atas Poemas*, que reuniu todas as desse gênero lançadas anteriormente neste livro. Edição singela, o produto de sua venda entre pessoas amigas foi alentar o ainda magro fundo monetário do Sindicato dos Escritores do Estado da Guanabara.

Olímpio Monat foi modelo de concisão: relatou que estiveram presentes os senhores – e deixou que cada um assinasse o nome. Severo da Costa não datou a sua, deixando abertos os prazos da lei. Marco aurélio, na pressa de convolar núpcias, datou de 19 a reunião de 18 de maio. E Raul Bopp cunhou um substantivo híbrido, puxado a trocadilho, que fez fortuna: o *sabadoyle*.

Escritores estrangeiros em viagem de estudos pelo Brasil encontraram acolhida afetuosa, como o citado Bob Ackley, Jean Roche, Fred P. Ellison, Jean Girondon, e bem assim o pintor Manuel Kântor. Festejaram-se prêmios literários concedidos a companheiros, e o aparecimento de seus livros. Aniversários foram comemorados, como o de Murilo Araújo; desta vez, a velinha soprada por ele significou a radiação de seus poemas. Houve lugar para a anedota, a piada, a informação literária, a evocação histórica, a discussão civilizada – e houve também canjica de milho verde, bolos de variados sabores regionais, que freqüentadores orgulhosos de sua geografia palatal traziam como dádivas para o apetite geral dos sábados.

Tudo somado, pergunta-se: mas porque as atas, se não existe associação? E explica-se: a ata não tem valor documental ou histórico; é apenas lembrete de horas amenas, em que se esquecem preocupações e tédios, no exercício desta coisa que se vai tornando rara ou impossível na cidade de hoje: a conversa – a pura, simples, fantasista, descompromissada conversa entre amigos e desconhecidos ou mal-conhecidos, que se tornam amigos por força das aproximações aqui estabelecidas. O *sabadoyle* afinal é isto; e acaso precisaria ser mais alguma coisa, se já é tanto para o espírito e o coração de todos nós? Já escrevi demais, e encerro a ata antes que me mandem parar.

Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1974.

10. Ata de Alphonsus de Guimaraens Filho de 13 de novembro de 1982.

Há dez anos eu fazi,
em verso, a primeira ata.
Foi-se o tempo em catarata.
Mas nesses anos vividos
aqui, num convívio ameno,
uma ata outra desata,
chegamos quase a quinhentas.
Que siga sempre sereno
por muitos anos ainda
esse estar juntos em doce
companheirismo e amizade.
Tem a vida lá tormentas?
Ou permanece ou se finda?
Foram-se alguns, silenciados,
mas outros vieram. E aqui,
na casa de Plínio, tecem
todos a suave loa
da fraterna paz, tão boa,
em que se alegram, se esquecem,
em horas de encatamento,
camaradagem, postados
sob a sombra das estantes.
Que tudo se vá ao vento,
tal como se vento fosse.
Mas que fique a convivência
que ilumine em sua essência
a clara flor dos instantes.

11. Ata de Carlos Drummond de Andrade de 28 de dezembro de 1984, em comemoração aos 20 anos de reuniões do sabadoyle.

Em certa casa da rua Barão de Jaguaripe

O fato de existir há vinte anos, no bairro sofisticado de Ipanema, um ponto de encontro de pessoas que não pretendem fazer qualquer negócio nem alterar o que quer que seja na ordem política do mundo – pessoas, enfim, descompromissadas com o utilitário, o rentável, a ambição política, a ânsia do Poder – o fato de essa reunião se prolongar por tanto tempo sem dar sinais de decadência, antes pelo contrário, mostrando-se estável e florescente, a atrair novos participantes que de certo modo preenchem o desfalque dos que se foram pelo mandamento da morte – esse fato dá margem a algumas observações sobre a natureza da vida social no Brasil, ou pelo menos de certa camada de população que, por esse ou aquele motivo, pode se dar ao luxo da dedicação, durante três ou quatro horas, uma vez por semana, a uma atividade gratuita.

Não seria justo afirmar que o brasileiro de classe média fogo hoje, deliberadamente, a maior contato com seus semelhantes porque as condições de vida o levaram a isto, insulando-o no interior de enormes concentrações imobiliárias que, por sua própria dimensão, exclui a idéia de companheirismo e fraternidade. Nem que, em consequência de severas condições econômicas, as pessoas se vejam compelidas a consumir a maior parte do seu tempo na busca de recursos para manutenção, abrindo mão das delícias dessa espécie de “tempo perdido”, que é o papo ou conversa fiada.

Sem dúvida, uma e outra causa influíram e continuam influenciando na redução de oportunidades para o convívio desinteressado de indivíduos sociáveis, de boa paz – o “suave convívio”, na expressão de Andrade Murici – tornando menos habituais os encontros, e mesmo abolindo-os, mas uma terceira causa, a meu ver ainda mais ponderável, contribui para esse resultado. É que, à medida que o homem vai galgando estágios mais refinados de vida material – e notadamente o homem brasileiro, de ainda escassa tradição cultural e histórica – vai cedendo à tentação de tornar-se objeto, e não sujeito, do seu destino. A força da tecnologia, dispensando-o de mover dois passos para desligar o receptor da televisão ou trocar de canal, pois lhe faculta a posse de um instrumento de controle remoto, o desobriga, também de tarefa maiores que se relacionam com o seu

comportamento de ser humano vivendo em comunidade. Para que se aventurar em busca de contatos, experiências e ensejos de troca de impressões e de idéias, se tenho à minha disposição um esboço de mar em minha piscina, os grandes espetáculos teatrais, coreográficos e musicais no bojo mágico do meu video-cassete; (grifo do autor) se domino as possibilidades, tanto infantis como adultas (e as infantis seduzem tanto os adultos!) do meu video-game (grifo do autor)? Tornei o sol meu vassalo, e o prazer do mundo meu escravo. Ai de mim! que me tornei vassalo e escravo destas onipotências.

Os que não podem gabar-se de tanto conforto, estes, os menos contemplados pela sorte, ainda buscam a incomodidade dos botequins onde, findo o trabalho diário, se congregam, de pé, suados e felizes, na confraternização em torno da caninha e no comentário das coisas que lhes mexem com o peito, a primeira das quais não é o sexo, mas o futebol. Esses são comunitários em pequena escala no buteco, e em termos absolutos no Maracanã. Mantêm, sem sabê-lo, o espírito de comunhão que está faltando aos mais privilegiados, os que se filiam a um clube social porém não o freqüentam, ou se vão lá é para o jogo ensimesmado ou o dink (grifo do autor) com uns poucos amigos.

Neste quadro de solidão institucionalizada, a que raízes étnica lusitanas adicionam um traço de melancolia, qual a atitude dos intelectuais? Eles viram fechar-se, ou converter-se em lanchonetes abomináveis, os antigos “cafés sentados” onde, com escasso dinheiro e muita riqueza de tempo, conversavam horas a fio sobre coisas literárias, artísticas, políticas, fesceninas; mostravam-se os seus respectivos sonetos e artigos, criticavam-se e criticavam especialmente os ausentes. A marca desses cafés sobre a vida literária da primeira metade do século está por ser analisada, e nisto, como em muitos outros pontos, sentimos a falta de um Brito Broca.

Os intelectuais viram ainda cerrar as portas as famosas livrarias da Rua do Ouvidor e da Rua São José, onde seria fácil encontrar, em tempos distantes mas inesquecíveis, a presença de um Machado de Assis ou um Rui Barbosa. Como a quantidade de livros franceses, espanhóis e portugueses era bem maior que a de livros brasileiros, ainda neste século era permitida a ilusão de que, em seus recantos sombrios, de certa maneira também convivíamos com Anatole France, Renan, Eça de Queirós, Camilo e outros menos importantes, como Perez Escrich ou Gomez Carrilho. Pouco a pouco as livrarias do centro da cidade (e haveria outras nos bairros?) foram morrendo, para dar lugar a agências

bancárias. É exato que também lentamente começaram a surgir outras casas de livros, modernas, bem iluminadas, a exibirem volumes muito mais vistosos, de suas capas chamativas – mas aí, quase tudo era tradução de best-sellers (grifo do autor) de vida curta estrondosa. Já não são lugares tão simpáticos à convivência dos intelectuais, e sim lojas magnificamente equipadas para vender um produto que tem a aparência física de livro, mas que nem sempre a justifica pelo conteúdo, ermo de criação ou novidade legítima.

Ainda hoje se curtem justas saudades da fabulosa Livraria São José, na rua do mesmo nome, que era o sebo preferido de pobres e ricos, e onde Carlos Ribeiro dispensava acolhida protetora a tantos escritores e possíveis escritores sem dinheiro, e às vezes com talento e projetos piramidais. Dali surgiu e tomou corpo no Rio de Janeiro e no país a idéia de lançamento de livros em tardes de autógrafos, hoje noites. Das dezenas de livrarias atuais (chegarão a cem?) parece que apenas duas se destacam em mater o contato amical com os autores, colecionadores e amigos de livro - a intelectualizada Leonardo da Vinci, na Avenida Rio Branco, e a Padrão, na Rua Miguel Couto.

Sem lugares aonde ir, sem perspectiva de realizar encontros regulares com os colegas ou de conhecer outros, essa pequena parte da cidade, que são os apaixonados do livro como fonte de estudo e de sensualidade estética, afinal se constituiu, sem plano determinado nem intenção de fazê-lo, em discreta confraria que nas tardes de sábado (“porque hoje é sábado”, como no poema de Vinícius de Moraes) se reuniria para a meninidade do cavaco e, de quebra, a degustação de um lanche saboroso, na casa nº 62 da Rua Barão de Jaguaripe. A princípio o número era reduzido e cabia facilmente no escritório do dono da casa. Com o tempo, atraídos tanto pela boa palestra como pela boa merenda, foram chegando outros, e já então o hospitaleiro anfitrião entendeu de seu dever abrigar os visitantes em espaço mais amplo. Adquiriu o apartamento 201 do edifício nº 74, na mesma rua, onde instalou sua primorosa biblioteca especializada em literatura brasileira, e proporcionou mais aconchego e mais biscoito aos que o procuravam.

Aqui se coloca uma questão que não me animo a resolver, por ser difícil, a 20 anos de distância, apurar quem teve a idéia de normalizar essas reuniões, convertendo-se em programa de sábado. Dir-se-á que evidentemente foi o dono da casa, pois ninguém teria condições para estabelecer essa rotina em casa alheia. Mas eu sou mais cauteloso, e imagino que também os primeiros freqüentadores, sentindo o gosto de lá irem uma vez por

semana, mesmo sem convite expresso de quem de direito, insistiram nas incursões ao local onde eram tão bem recebidos. Ação conjunta, vontade entrelaçada do proprietário e de seus amigos.

Estruturou-se, pois, sempre sem estatuto ou convenção expressa, um núcleo, um retiro, uma pousada, um oásis ou que nome lhe caiba, a partir da tarde de sábado, véspera de Natal de 1964 – e digo oásis porque esse foi um ano de muita divisão de espíritos, no plano nacional, e ela não penetrou na descrição desse remanso. E se até hoje permanecem os resíduos dessa divisão, é de notar-se que nunca se pôs em cheque a natureza apolítica do pequeno “clube” vespertino. Por isto ele resistiu ao desencontro das opiniões. Por isto se impôs, sem aspirar a tanto, como fato social devidamente inscrito na história intelectual do Rio de Janeiro. Muitas iniciativas surgidas no vintênio floriram e feneceram. Jornais antigos cerraram as portas, revistas tradicionais deixaram de circular, outras novas não conseguiram vingar. Bares com a ambição de congregar a inteligência criadora de artistas e homens da pena já não funcionam. Mas a tertúlia despreocupada de Barão de Jaguaripe aí está, e permanece sem demonstrar indícios de exaustão.

Se em vinte anos as modas tecem a sua rede de ilusões e continuamente se substituem, enquanto uma nova geração começa a atuar no quadro da vida, que é cada vez mais bailarina em suas transformações, causa admiração que num determinado ponto da cidade se conserve o mesmo simples ritual de conversa mansa, bem humorada e civilizada, tanto mais quanto não é da tradição brasileira esse tipo de reunião. A crônica dos salões do Rio de Janeiro no século 19 é fértil na menção a interiores elegantes, onde afluíam as sumidades políticas e sociais do tempo, mas não se registra que fossem lá para outros fins além dos puramente mundanos. As senhoras e os cavalheiros eram elegantíssimos, e alguma conversação política devia insinuar-se entre os assuntos do dia, em meios a que não faltavam ministros e parlamentares.

Desses saraus se tem notícia de que se fazia boa música, mas são escassas as referências a temas literários. Quando José de Alencar freqüentava o salão do Senador Nabuco, na Rua da Princesa, atual Correia Dutra, na esquina da Praia do Flamengo, não era para se entreter com possíveis cavacos em torno da ficção indianista na Europa e na América, mas para namorar a jovem Francisca Calmon, que por sinal não lhe caberia por esposa. Como ainda, em tempos mais remotos, na casa paterna do romancista, o grupo

misterioso que lá se juntava em segredo, todas as noites, não visava fazer ou comentar literatura: tramava a maioria de Pedro II. Da mesma maneira que o futuro Visconde de Taunay, nas recepções da época, em vez de falar sobre o projeto de *Inocência*, preferia exibir-se como improvisador talentoso de melodias. Nem se pode chamar de convite à literatura o costume pequeno-burguês dos tediosos recitativos de composições poéticas ao nível tenebroso do “Noivado no sepulcro”, de Soares dos Passos.

O comércio verbal entre intelectuais fazia-se fora de porta das casas, salvo um ou outro senhor que se dispunha a promover pequenas reuniões de amigos em sua residência, vez por outra, sem continuidade. Duas famosas exceções a essa ausência de aproximação são justamente lembradas: a da casa de Álvaro Moreira – “o 99 da Xavier da Silveira”, como diziam os freqüentadores – e a de Aníbal Machado – o 474 da Visconde de Pirajá. Da primeira, o próprio morador, no livro de memórias *As amargas, não...*, menciona, se bem contei, 286 nomes de pessoas que lá iam, e a relação é incompleta: “esperados, inesperados, e mais, mais, mais... Pobres, ricos, nem ricos nem pobres, de todos os feitios, de todas as cores, sempre bem-vindos”, acrescenta o cronista. Evidentemente, não compareciam todos a uma só vez, mas ao longo dos anos. Da segunda, há vários depoimentos escritos de clientes assíduos das noitadas de domingo, na biblioteca disposta no fundo da morada, e independente desta enquanto nas salas de estar e de jantar os adolescentes formavam uma alegre academia de dança e namoro sem libidinagem. Álvaro e Aníbal, ambos providos de afiado senso de humor, figuravam no centro da vida lítero-social do Rio de Janeiro, e suas casas eram ponto de referência obrigatórios para quem viesse do exterior e desejasse tomar conhecimento do que podia haver de mais espiritual, vibrante e provocativo dentro de uma casa brasileira. E digo provocativo no sentido de despertar o desejo de criação, de afirmação como personalidade.

A tertúlia de Barão de Jaguaripe 74, pode considerar-se herdeira dessas duas outras, quer pela atração de seu convívio quer pela independência de modos de ser e pensar que elas instigavam, e que nesta não conheceram desmaio. A atual é viva, e atua pela troca de experiências e impressões entre seus participantes, como ainda pelo largo crédito que concede a consulente, não só do grupo, como de outras cidades brasileiras e até pesquisadores internacionais, para se valerem dos materiais bibliográficos de extraordinária riqueza, que ornaram a biblioteca.

Assim, não se pode dizer que se trata de uma micro assembléia de literatos, mas antes da confluência de profissionais de variadas origens, - professores, advogados, cientistas, homens públicos, além dos propriamente ditos poetas, contistas, romancistas e ensaístas – que se oferecem algumas horas de vida em comum, na preguiça da conversa entremeada de pesquisas para trabalhos em andamento. E finalmente algum jovem, desembarcado de alguma distante província, trazendo na algibeira incipientes lucubrações poéticas, com o forte desejo de mostrá-las sem a coragem para tanto, e que, ao arrimo de um freqüentador, conseguia poltrona no recinto, para lá ficar, silencioso, emocionado, ao ver que ali costumava também sentar-se e conversar nada menos que um Pedro Nava, mais assíduo, ou um Raul Bopp, mais esquivo.

Nisso consiste, talvez, o vinco mais simpático da “instituição”, como a chamarei entre aspas: sendo um salão atonetado e recamado de letras, com suas estantes repletas de volumes sugestivos, não é um salão literário, espécie de que aliás, só temos conhecimento através dos historiadores de literatura que nos instruem sobre os preciosismos verbais do surgido no palácio de Madame de Rambouillet e nos outros, que se lhe seguiram, de Madame Duddefand, Madame de Stael e Madame Recamier, entre várias outras distintas damas literárias francesas dos séculos 17, 18 e 19. Neste último, já o salão literário parisiense entra em declínio, sem entretanto extinguir-se nos meios da burguesia. Natural que a moda, pela frivolidade mundana cheia de requintes espirituais, que a distinguiu, não alcançasse estas plagas iluminadas pelo mortiço brilho social da Casa de Bragança. Verdade seja que, na fumaça do meu tempo de rapaz, diviso um, digamos, salãozinho literário perdido nas montanhas mineiras, por iniciativa de um grupo gentil de moças capixabas, as irmãs Vivacqua. Reinou absoluto em Belo Horizonte, na década de 20, mas por breve tempo.

Academia, também a reunião não quis ser nem correr risco de simulá-lo. Nada de academia de cadeiras numeradas, onde o direito à palavra só assiste a uns tantos escolhidos por processo imutável. Nem seria conveniente pensar em distribuir láureas pelo método cômodo e universal de nos coroarmos uns aos outros. De fato conseguiu-se, como por milagre, neutralizar o vírus da vaidade que há na organização de cenáculos regionais, municipais e até colegiais, à sombra respeitável da Academia Brasileira de Letras. A presença, entre os companheiros mais queridos, de alguns membros desta última dá-nos um

exemplo de simplicidade e cepticismo a respeito de glórias terrestres, essas “cousas todas vãs, todas mudaves”, da lamentação de Sá de Miranda.

A essa reunião polida e insuspeitada de fins elitistas ou interesseiros um achado gracioso deu o nome de Sabadoyle, porque transcorre no sábado e se realiza em casa do bibliófilo Plínio Doyle, o anfitrião a que cabem todos os méritos de receber, distrair, alimentar e, às vezes, por que não? suportar com tolerância cristã as caceteações de um conviva menos obediente às leis da concisão e do tato. Tem sido ele o denodado animador, o agente insubstituível de uma operação semanal que se repete sem se esgotar, por força de sua diligência e empenho em oferecer condições de permanência, tranquilidade e prazer ao encontro que, regido por outro maestro de certo não teria a mesma constância.

Plínio Doyle estendeu seu amor aos livros aos autores desses livros e mesmo aos seus leitores; que ele quer ter junto de si para melhor sentir a palpitação humana que dos livros se irradia sobre a vida. Metódico, paciente, incansável, criativo, não lhe escapa associar aos sabadoyles a comemoração de uma data, um evento, uma personalidade cultural que se destaque ou esteja esquecida. Sua alegria consiste em lembrar, no nobre sentido da palavra, o que merece ser lembrado e cultuado. Está continuamente à procura do documento, da imagem, do traço luminoso mas oculto de uma grande vida das letras. Estas são as iguarias do seu jantar espiritual, e sua fome não é jamais saciada. O Sabadoyle tornou-se ponto de partida de uma instituição que cuida da perenidade do nosso acervo cultural, o Arquivo-Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa. Se não existissem outros, bastaria este sinal para valorizar, em sua natureza especial, um recanto onde aparentemente não se vai além da saborosa arte de dialogar (e isto já não seria suficiente como testemunho de utilidade?).

Os vinte anos decorridos após aquela primeira conversa dividida entre a voluptuosidade da página impressa e as doçuras do Natal, são outros tantos vividos por Plínio Doyle no esforço de manter aceso um ideal de confraternização à margem de todos os motivos de tensão e incompatibilidade ideológica. Nesse esforço, contou com a inestimável cooperação de Esmeralda, inesquecível companheira de toda a vida, e conta com a de Sonia, filha que prolonga, no sentimento e na vontade, os dons espirituais do casal. Pela saudade, vivem conosco, ainda, os companheiros desaparecidos.

Aqui estamos pois todos reunidos como uns poucos o estiveram em tarde esperançosa de dezembro de 1964: com a mesma alma aberta e o mesmo fervor de espírito e de coração.



1. Família de Plínio Doyle com Carlos Drummond de Andrade



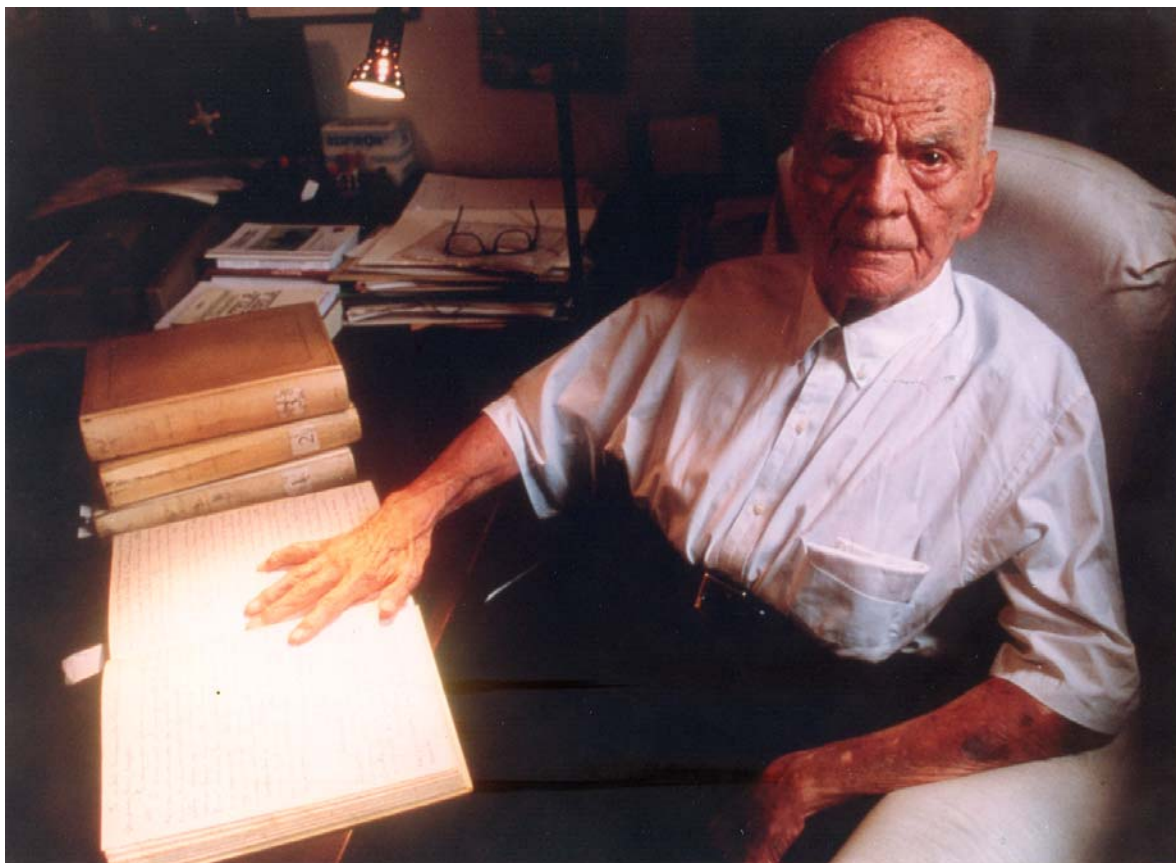
2. Reunião do Sabadoye na Rua Barão de Jaguaribe, 62, em 14 de julho de 1973



3. Alphonsus de Guimaraens Filho, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Doyle



4. Reunião do Sabadoyle na Av. Epitácio Pessoa, 344, em 1993



5. Plínio Doyle com os livros de Atas do Sabadoyle